

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAGEM E COMUNICAÇÃO
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGLÊS / INGLÊS

FABRIZIO FRANÇA RODRIGUES

**EMPRÉSTIMO TERMINOLÓGICO NA TRADUÇÃO DE TEXTOS
TÉCNICOS SOBRE FUTEBOL AMERICANO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2017

FABRIZIO FRANÇA RODRIGUES

**EMPRÉSTIMO TERMINOLÓGICO NA TRADUÇÃO DE TEXTOS
TÉCNICOS SOBRE FUTEBOL AMERICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para avaliação.

Professora Orientadora: Silvana Ayub Polchlopek

CURITIBA

2017



TERMO DE APROVAÇÃO

EMPRÉSTIMO TERMINOLÓGICO NA TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS SOBRE FUTEBOL AMERICANO

por

FABRIZIO FRANÇA RODRIGUES

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 23 de Junho de 2017 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado no curso de Letras Português/Inglês. O candidato **FABRIZIO FRANÇA RODRIGUES** foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Silvana Ayub Polchlopek

Elizabeth Pazello

Fernanda Deah Chichorro Baldin

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer imensamente a orientadora deste trabalho, a professora Silvana Ayub Polchlopek, principal responsável pelo sucesso do estudo, ao ter dedicado tanto tempo, atenção e paciência para que a pesquisa fosse desenvolvida. Sua compreensão e apoio em momentos de dificuldade foram muito significativos tanto na realização do trabalho, quanto para questões pessoais que surgiam como obstáculo ao progresso. Seu incentivo e a paixão pela área de estudo facilitaram a condução das tarefas. Assim, não faltou motivação para a escrita do trabalho.

Também agradeço à professora Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque pelo convite e oportunidade de apresentar a pesquisa para alunos do primeiro período do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, possibilitando não somente uma preparação para futuras exposições, mas também a chance de receber um *feedback* dos discentes sobre o trabalho.

Agradeço a banca examinadora, Professoras Elizabeth Pazello e Fernanda Deah Chichorro Baldin, pela leitura do trabalho e por suas contribuições ao meu estudo.

Ainda, sou grato pelos familiares que foram compreensivos com os momentos que me fiz ausente para me dedicar à pesquisa.

Por fim, agradeço aos participantes da pesquisa, que colaboraram com tempo e dedicação na leitura das retextualizações e respondendo ao questionário. Sem este auxílio, o trabalho não poderia ser finalizado. Acreditamos que, além de prestarem ajuda a um amigo, contribuíram com um estudo envolvendo o futebol americano que tanto apreciam, que é crescente no país, mas que tem ainda muito espaço a conquistar.

RESUMO

A tradução é uma prática textual que exige muito mais do que o domínio do par de línguas envolvidas no processo tradutório e vai além da busca por equivalências lexicais. Traduzir é, sobretudo, uma atividade comunicativa e envolve elementos como emissor, leitor, contexto e cultura em todos os gêneros textuais. Isso significa que mesmo textos de especialidade, isto é, técnicos, também são influenciados por esses elementos. Representativos de uma grande parcela do mercado de trabalho da tradução profissional, os textos técnicos exigem do tradutor domínio do conteúdo e, conseqüentemente, do léxico constitutivo do discurso da área de especialidade em questão. Assim o tradutor tece escolhas e lança mão de estratégias para fazer com que o texto funcione, ou seja, comunique algo para o leitor final. A proposta desta pesquisa é analisar a estratégia conhecida como 'calque' ou 'empréstimo terminológico', a partir da leitura e seleção de termos técnicos presentes em textos online sobre o futebol americano. Uma segunda etapa propõe a tradução integral dos termos selecionados a fim de analisar sua recepção (leitura) entre profissionais conhecedores deste esporte. Acreditamos que essa retextualização gere estranhamentos para o leitor especializado, dificultando sua compreensão e prejudicando a naturalidade do texto, ao mesmo tempo em que corrobora o calque como estratégia para dar conta da complexidade da tradução técnica.

Palavras-chave: Estudos da Tradução, Funcionalismo, Terminologia, Estratégia tradutória, Futebol Americano

ABSTRACT

Translation is a textual activity that demands a lot more than merely the domain of the languages involved; similarly it goes beyond the search for lexical equivalents. Translating is indeed a communicative act, which encompasses significant agents such as sender, receptor, context and culture, within all sorts of genres, including the so called technical texts. Such modality represents a substantial parcel in the translation market as technical texts demand content domain and the choice of lexical items that depict a specialized discourse within a specific area of work. Thus, the translator choices and strategies are designed to offer a functional text to the receptor, that is, a translated text that is meaningful to the reader. The proposal of this study is to analyze a strategy known as calque or linguistic borrowings from the selection of technical terms found in online texts about Football. A second step proposes the translation of the recurrent selected terms in order to test and analyze the reception of such terminology among football professionals and fans. We expect the retextualization of the terms to bring a feeling of uneasiness to readers, turning one's comprehension into a difficult and partial reading experience as it impairs the fluency of the text and the reading flow as well as motivating calque as an efficient translation strategy to deal with the complexity of technical translations.

Key-words: Technical translation, Functionalism, Terminology, Translation Strategy, American football.

LISTA DE SIGLAS

TF	Texto-fonte
TT	Texto – traduzido
LF	Lingua-fonte
LA	Lingua-alvo
CA	Cultura-alvo
TGT	Teoria Geral da Terminologia
ESPN	<i>Entertainment and Sports Programming Network</i>
NFL	<i>National Football League</i>
NBA	<i>National Basketball League</i>
CB	<i>Cornerback</i>

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Itens considerados na análise dos textos do <i>corpus</i>	pg. 25
Tabela 2: Conteúdo dos textos	pg. 29
Tabela 3: Número de ocorrências de empréstimos no <i>corpus</i> do trabalho.....	pg. 89
Tabela 4: <i>Corpus</i> de análise.....	pg. 30
Tabela 5: Questionário aplicado ao público leitor especializado.....	pg.31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DE TEMA	8
1.2 OBJETO DE ESTUDO.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	12
1.3.1 Objetivo geral	12
1.3.2 Objetivos específicos	13
1.4 JUSTIFICATIVA.....	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 A TRADUÇÃO COMO ÁREA ACADÊMICA.....	15
2.2 O LUGAR DA TRADUÇÃO TÉCNICA NO MODELO DE HOLMES.....	16
2.3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO.....	17
2.4 A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO.....	18
2.5 O TEXTO TÉCNICO COMO ATO COMUNICATIVO	20
2.6 A TRADUÇÃO TÉCNICA: CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES	21
2.7 SOBRE A TERMINOLOGIA	22
2.8 CONCEITO, DEFINIÇÃO E TERMO: DIFERENÇAS.....	23
2.9 TRADUÇÃO, TERMINOLOGIA E SUAS RELAÇÕES CULTURAIS	24
3 METODOLOGIA	25
3.1 ÁREA DE TRABALHO: O FUTEBOL AMERICANO	26
3.2 O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	28
3.3 O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA E ANÁLISE: PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO	30
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	33
4.1 OS EMPRÉSTIMOS TERMINOLÓGICOS	33
4.2 A RETEXTUALIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	53

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DE TEMA

Os estudos da tradução ganham força a partir da proposta do tradutor holandês James S. Holmes (1988; MUNDAY, 2001, p. 10-3). Em busca de uma sistematização para uma área de conhecimento que já desenvolvia pesquisas e teorizações em meio acadêmico, desde as décadas de 40 e 50, Holmes organizou as inúmeras ramificações existentes para os estudos tradutórios até o momento, conferindo à área maior autonomia e a possibilidade de desenvolver metodologias de estudo e pesquisa.

O modelo prevê a delimitação das áreas englobadas pelos 'estudos da tradução', termo proposto por Holmes, a fim de consolidar as especificidades de cada uma, até então diluídas por outras áreas do conhecimento tais como jornalismo, linguística, antropologia, filosofia, análise do discurso, marketing, para citar alguns exemplos. Nesse sentido, a tradução passa a se constituir como área acadêmica organizada, não mais fragmentada em estudos de áreas afins da comunicação como a linguística aplicada, por exemplo. Isso, no entanto, e segundo Holmes (ZIPSER, POLCHLOPEK, 2008, p. 29-32; MUNDAY, 2001, p. 14), não impede que se estabeleçam outras ramificações que possam abranger aspectos específicos voltados à prática tradutória como questões acerca de equivalência, competências em tradução e a própria terminologia.

A sistemática proposta por Holmes¹ estabelece algumas divisões. A primeira denominada 'Aplicada' concentra-se no treinamento de tradutores, em mecanismos de auxílio a tradução e crítica de tradução. Já a segunda, denominada 'Pura' subdivide-se em 'Teórica' e 'Descritiva', sendo aquela a área de concentração desta proposta de estudo. Os estudos da tradução de base 'Teórica' tratam dos fundamentos de interpretação e desenvolvimento do processo tradutório, particionada em 'Geral' e 'Parcial'. É na classe Parcial que as teorias de tradução voltadas às diferentes particularidades de um texto são demarcadas. Destas e para os fins deste trabalho, destacam-se as 'Teorias restritas ao tipo de texto', na qual se encontram os textos técnicos.

¹A sistematização de Holmes é descrita no Cap. 1 da Fundamentação Teórica, pág. 15.

A descrição de Holmes tem por objetivo mostrar as inúmeras possibilidades de pesquisas no campo da tradução de maneira a atrair a atenção de pesquisadores de áreas afins para o campo tradutório (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 30-31). É a partir da organização dos estudos que se desenvolviam àquela época que se desenvolve a perspectiva funcionalista alemã (NORD, 1991), oposta ao formalismo russo que compreendia a tradução como simples representação de equivalência de símbolos, limitada ao nível da palavra, ou seja, o que se entende por tradução literal (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 52). O funcionalismo propõe uma concepção de texto como ação comunicativa, isto é, a tradução é vista como ato de comunicação envolvendo autor-tradutor-leitor, meio de publicação, escolhas e estratégias lexicais e sintáticas, conteúdo e estrutura de texto, a fim de que o texto final ‘funcione’, ou seja, que tenha sentido para o leitor final (NORD, 1991). O funcionalismo considera ainda a intenção do emissor, o contexto de produção textual e as relações construídas entre autor-tradutor-texto-leitor quando da recepção (leitura) do texto-fonte (TF) e da própria tradução (TT). Tais aspectos, integrantes do processo tradutório, afastam-se das teorizações mais tradicionais que priorizam a literalidade da tradução sem, no entanto, desconsiderá-las e enfatizam a tradução como processo de análise (inter)cultural. Dessa maneira, a função comunicativa do texto torna-se o centro das discussões (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 41- 44) entre teóricos e pesquisadores.

A primeira teoria voltada à função comunicativa do texto foi desenvolvida pela professora e tradutora alemã Katherine Reiss (1996; MUNDAY, 2001, p. 14). Segundo Reiss, a interpretação e transmissão das funções predominantes do TF constituem a medida de análise da qualidade do TT. Assim, a transmissão das funções predominantes do TF, deveria se adequar quando do processo de tradução do TT.

Aluno de Reiss, o professor e tradutor alemão Hans Vermeer (MUNDAY, 2001; NORD, 1991; ZIPSER, 2008) foi além, priorizando o TT. Segundo Vermeer, a prática tradutória é um processo (não um produto) de comunicação. Essa ideia implica pensar toda situação comunicativa oral ou escrita como tradução. Neste caso, segundo Vermeer, não é necessário a existência de um texto (escrito) para que se tenha uma tradução. Basta que se tenha a intenção e o propósito de comunicar algo para alguém para que tenhamos uma tradução, como é o caso de um folder de turismo que tenha sido produzido a partir da intenção de expor um

determinado lugar turístico para um determinado público (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p.61). Não existe texto prévio nesta situação, apenas a intenção de comunicar sobre o lugar e convencer os turistas a visitá-lo. Em outras palavras, a intenção da comunicação ativa estimula o ato tradutório. Este é o caso do *corpus* deste trabalho, visto que envolve textos assumidamente traduzidos e também originalmente escritos em língua materna. Assim, na perspectiva de Vermeer, o propósito (ou *skopos*) é inerente a toda situação comunicativa, isto é, a toda prática textual. O propósito, a intenção e as estratégias empregadas na tradução definem, portanto, um resultado funcionalmente adequado que aciona mecanismos de construção de sentidos para o leitor final.

Apesar da proposta inovadora de compreender a tradução como comunicação e não mais como produto fiel à letra (tradução literal), percebe-se a polarização de Reiss e Vermeer para TF ou TT. Nesse sentido, Christiane Nord (NORD, 1991; 2005), também professora e tradutora alemã e conhecedora de Reiss e Vermeer, propõe considerar TF e TT como simultaneamente relevantes e necessários ao processo de tradução. Nord destaca as funções² do texto como sendo definidas de acordo com o contexto cultural, social e histórico dos usuários da língua. Assim, pelo fato de o autor e seus leitores estarem inseridos em situações comunicativas distintas, as funções textuais integrantes da produção do TF podem divergir quando da produção do TT, adequando-se a fatores textuais internos e externos. Em outras palavras, segundo Nord (1991; 2005), nem sempre o contexto de produção-recepção do TF é o mesmo para o TT, exigindo do tradutor ajustes estruturais e linguísticos a fim de que o TT alcance o leitor-final. Nesse sentido, Nord coloca o tradutor como figura central do processo tradutório.

Nesse sentido, este estudo considera a proposta de Nord (1991; 2005) de que todo texto, traduzido ou não, representa uma situação comunicativa condicionada a especificidades linguísticas contextuais e culturais e que tal proposta, conforme Azenha Junior (1999) também envolve os textos técnicos, visto que segundo o autor, a tradução técnica também é influenciada por questões culturais, especialmente no que se refere às escolhas lexicais feitas pelo autor e/ou pelo tradutor.

²Para mais informações sobre as funções da linguagem ver Jakobson (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p 57-58) que comenta sobre todas as funções (referencial; emotiva; conativa; fática; metalinguística; e poética)

Textos técnicos geralmente tendem a apresentar uma linguagem objetiva e direta, além da terminologia pertencente à determinada área de conhecimento dificultando a leitura de quem não compartilha desse discurso. No entanto, escolhas lexicais são justificáveis considerando que textos técnicos são destinados a um público especializado na área na qual o texto é produzido. Nesse sentido, a terminologia constitui um dos muitos aspectos culturais presentes nos textos de especialidade, vinculada a conteúdos semânticos resultantes de um construto histórico-cultural da área conforme Aubert (2001) e KRIEGER (2004, p.123). Neste caso, procedendo à tradução integral dos termos técnicos, é possível incorrer não apenas em falta de naturalidade na tradução, como também gerar estranhamentos e dificuldades de compreensão e apreensão do conteúdo do texto para o leitor-final especializado.

1.2 OBJETO DE ESTUDO

A função do tradutor de textos técnicos, assim como do profissional que se dedica à tradução de qualquer texto (literário, poético, jornalístico) é a de estabelecer a comunicação entre autor e receptor (leitor). A questão é que ambos podem compartilhar de um mesmo contexto cultural ou pertencer a contextos distintos. Neste caso, o tradutor precisa alinhar tais aspectos de forma que o diálogo mantenha-se inteligível e acessível. Para tanto, o profissional deve ter conhecimento da terminologia da área com a qual trabalha, buscando compreender sua carga semântica, a fim de tomar as decisões adequadas durante o processo de tradução (AZENHA JUNIOR, 1999, p.22-23) como, por exemplo, definir um termo equivalente, manter um termo por empréstimo ou utilizar um termo semelhante referente à cultura do TT.

Considerando-se, portanto, a influência sócio-histórica-cultural que opera no processo tradutório de textos técnicos, propomos um estudo sobre empréstimos lexicais, especificamente, termos técnicos da área esportiva não traduzidos. Desta forma e, fundamentados nas reflexões do funcionalismo alemão, entendemos que a tradução literal pode não atender as exigências desses textos, podendo tornar sua recepção quase que ininteligível. Sendo assim, analisamos textos originalmente produzidos em língua portuguesa e também textos traduzidos extraídos de blogs e sites especializados sobre o futebol americano. Nossa intenção é verificar a

ocorrência de terminologia específica em língua inglesa utilizada na produção desses textos e analisar os efeitos de sua manutenção em língua estrangeira ao invés de sua tradução. Acreditamos que a manutenção desses empréstimos lexicais responda diretamente aos efeitos de sentido sobre o leitor-final especializado, ou seja, o empréstimo terminológico “favorece a univocidade da comunicação especializada”, conforme Krieger (2004, p. 75), constitui uma estratégia de acesso e compreensão do conteúdo capaz de reconstruir toda uma situação previamente conhecida na mente do leitor, tornando assim desnecessária sua tradução.

Assim, de modo a comprovar esse fenômeno, uma segunda etapa deste estudo propõe a tradução integral, para o português, da terminologia do futebol americano presente em dois dos textos analisados, a fim de testar³ a recepção do texto pelos leitores especializados neste esporte. Nossa hipótese é de que a recepção e compreensão dos textos fiquem comprometidas em razão da explicitação dos termos. Por fim, convém ressaltar que a área esportiva foi escolhida para este estudo devido a suas raízes culturais e históricas no contexto norte-americano, além de o futebol americano ser um esporte em ascensão no Brasil, embora ainda não consolidado.

1.3 OBJETIVOS

Descrevemos a seguir os objetivos geral e específicos desta pesquisa.

1.3.1 Objetivo geral

Analisar empréstimos terminológicos em textos online assumidamente traduzidos e em textos originalmente produzidos em língua materna sobre futebol americano

³Este processo está descrito no capítulo 3, referente à metodologia de pesquisa.

1.3.2 Objetivos específicos

1. Selecionar e compilar termos técnicos recorrentes da área esportiva nos textos integrantes do *corpus* desta pesquisa.
2. Analisar os termos selecionados quanto à sua carga conceitual e também como estratégia de empréstimo terminológico.
3. Propor a tradução integral dessa terminologia em dois dos textos selecionados (um traduzido e outro produzido em língua materna), a fim de testar sua recepção entre o público leitor especializado.

1.4 JUSTIFICATIVA

O estímulo inicial para o desenvolvimento deste trabalho se deu a partir da oportunidade de conciliar interesses acadêmicos, profissionais e de lazer do autor, ajustando os últimos de forma a se adequarem como objeto de estudo e pesquisa.

Desta forma, a afinidade pela atividade tradutória foi um fator determinante na escolha do tema. Vale ressaltar que, apesar de crescente, a disposição de alunos de cursos de Letras para a produção de estudos relativos à área dos estudos da tradução ainda é modesta e influenciada por questões restritivas da própria matriz curricular que não reconhece a tradução como área de pesquisa em linguagem. Assim, em meio à carência de trabalhos voltados à tradução nas licenciaturas, surgiu a ambição e o engajamento para produzir um estudo sobre o campo da tradução técnica.

Em artigo denominado *Tradução Técnica: Armadilhas e Desafios* (2009), as autoras Silvana Polchlopek e Michelle de Abreu Aio, professoras de língua inglesa e tradução, discutem especificidades e dificuldades na tradução de textos técnicos, por exemplo, a construção de um termo na língua-alvo (LA) para representar um termo técnico existente no TF ou a adaptação estilística do texto para deixá-lo em conformidade com a cultura e a língua-alvo (LA). Essa complexidade, geralmente não reconhecida na tradução de textos técnicos, constitui fator instigante de pesquisa e análise neste processo.

Dentre as inúmeras áreas de conhecimento, em que textos técnicos costumam gerar complexidades durante a produção textual (textos traduzidos ou

não), o futebol americano mostra-se pertinente para este estudo por duas razões. A primeira deve-se à apreciação do autor pelo esporte e o conhecimento que possui a respeito, já a segunda trata da crescente propagação e inserção do futebol americano na cultura brasileira, com um número de praticantes e espectadores cada vez maior. Esses dois grupos constituem o público leitor da área, exigindo um volume cada vez maior de traduções, assim como a produção de textos em português, sobre um esporte que até então estava restrito a países de língua inglesa. Por essa razão, escolhas terminológicas tornam-se, muitas vezes, empecilho para o tradutor que não compartilha do conhecimento desse esporte. Assim, optamos pela seleção de textos já traduzidos e também produzidos em língua materna para exemplificar o uso de termos do futebol americano que visam facilitar a comunicação com o leitor especializado por meio da univocidade dessa comunicação em contextos culturais distintos, promover a manutenção das características dessa área de especialidade e facilitar a percepção dessa terminologia como estratégia tradutória. Convém esclarecer que ao compreendermos a tradução como ato comunicativo, entendemos o processo de escrita como processo tradutório, pois segundo Vermeer (ZIPSER, 2008, p.61) todo processo de produção textual é em si a tradução de um contexto situacional, de um processo de interação entre emissor-autor e receptor-leitor.

Levando em conta as razões que motivam esta pesquisa, cabe esclarecer que a orientação teórica para discussão e análise do *corpus* está fundamentada em Mona Baker (2001) e Krieger (2004) sobre 'termo, terminologia e conceito' e Christiane Nord (1991; 2005) para o funcionalismo alemão em tradução.

Em relação a sua estrutura, a pesquisa divide-se em quatro capítulos. O primeiro apresenta a reflexão teórica a respeito da tradução como área acadêmica, da tradução técnica e suas estratégias, além da teoria funcionalista, de modo a esclarecer a concepção de tradução adotada neste estudo. O segundo capítulo aprofunda os conhecimentos sobre o texto técnico, discutindo questões sobre 'terminologia', 'conceito', 'definição' e 'termo', além de suas relações com aspectos culturais presentes nos contextos de produção do *corpus* de pesquisa. O terceiro apresenta a metodologia da pesquisa e o quarto capítulo discute a análise dos termos técnicos do *corpus* e os resultados da tradução e recepção desses termos para o público especializado. Por fim, apresentamos as considerações finais deste estudo, ponderando as observações feitas e os resultados obtidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A TRADUÇÃO COMO ÁREA ACADÊMICA

A prática da tradução teve papel fundamental no desenvolvimento histórico da humanidade por possibilitar a propagação de conhecimentos e culturas entre os povos, segundo Delisle e Woodsworth (1998, *preface*). Grandes acontecimentos incluem a tradução da Bíblia e a troca de informações em conflitos militares. Atualmente, a tradução encontra-se inserida nas mais diversas áreas do conhecimento e domínios culturais, desde a linguística e comunicação, até antropologia e tecnologia, nas mais diferentes línguas. É esse caráter multilíngue, híbrido e interdisciplinar que torna a tarefa de compilar e organizar as teorias a respeito complexa e trabalhosa. A fim de organizar essa atividade de forma mais específica, Holmes (1988) organizou as pesquisas sobre tradução, até então dispersas por diversas áreas do conhecimento como linguística, literatura, tecnologia, antropologia, filosofia, por exemplo, denominando-as, oficialmente, como Estudos da Tradução, ou seja, um campo de estudos abrangendo segundo Jeremy Munday (2001) o estudo das teorias e do fenômeno tradutório.

Doutor em estudos da tradução e pesquisador atuante, Munday discorre sobre a importância da aplicação de teorias e metodologias de outras áreas em produções referentes à análise da tradução, mas também ressalta as limitações naturais impostas a estas pesquisas. O fato de a tradução ter sido inicialmente vista como metodologia de ensino de línguas estrangeiras e de o TT ser objeto de análises estruturalistas, caso da análise contrastiva⁴ saussuriana e desconsiderando-se o TF, permitiu o embasamento inicial para a adaptação dessa perspectiva, a fim de atender aos objetivos e necessidades das pesquisas tradutórias, sistematização das pesquisas e metodologias já desenvolvidas. Assim, princípios específicos da tradução (literalidade, equivalência, competências) têm sido estabelecidos para superar as limitações das teorias até então utilizadas.

Apesar de considerado o caminho mais tradicional de prática tradutória, a tradução interlingual, reescrita de um texto em uma língua diferente daquela do original, não corresponde à única maneira de tradução de textos escritos. Na

⁴Análise contrastiva: identifica diferenças entre línguas usando um texto original e sua tradução.

classificação proposta por Jakobson (1959/200; MUNDAY, 2001, p.5), encontramos mais duas situações nas quais a tradução ocorre, a saber: intralingual, reescrita do discurso na mesma língua do TF, caso de paráfrases e intersemiótica, processo que representa um texto por meio de outra forma de expressão simbólica, como pintura ou música. Para efeitos desta pesquisa, consideramos a tradução inter e intralingual em razão das características do *corpus* de análise: textos assumidamente traduzidos e textos produzidos originalmente em língua materna a partir da intencionalidade de uma situação comunicativa.

2.2 O LUGAR DA TRADUÇÃO TÉCNICA NO MODELO DE HOLMES

Conforme mencionado, Holmes (1988; MUNDAY, 2001, p.10-3) consolidou os estudos da tradução como disciplina autônoma. Esse reconhecimento se deve ao fato de sua pesquisa, *The name and nature of translation studies*, sistematizar de forma didática e completa os estudos que envolviam tradução e que se encontravam diluídos em outras áreas de conhecimento e publicações isoladas.

A estruturação primária do modelo de Holmes divide as pesquisas em tradução 'pura' e 'aplicada'. A ramificação 'pura', que ratifica essa pesquisa, comporta a 'descritiva', que descreve o fenômeno da tradução, enquanto a 'teórica' busca estipular pressupostos e fundamentar a prática. Esta última apresenta trabalhos de caráter "geral", que remetem às pesquisas abordando a tradução como um todo, ou "parcial", condizentes a estudos de diferentes particularidades da tradução de forma específica. Entre esses estudos restritos, temos a categoria de tipos textuais, na qual estão inseridos os textos técnicos, objeto deste trabalho.

O próprio Holmes ressalta que esta divisão é flexível e que, muitas vezes, mais de uma categoria, seja ela pura ou aplicada, pode estar vinculada a um trabalho específico. Assim, a delimitação proposta pelo autor é uma ferramenta de esclarecimento a respeito das possibilidades de estudos em tradução, facilitando o direcionamento teórico de pesquisas e práticas.

2.3 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

A análise de textos traduzidos e o desenvolvimento de teorias específicas da área vêm demonstrando que, ao contrário do que se pensava e do que muitos acreditam, a tradução vai além da simples substituição de um elemento lexical da língua-fonte (LF) por um equivalente na língua-alvo (LA), conceito tradicionalmente associada à área tradutória segundo Munday (2001, p. 20). Conseqüentemente, é possível desconstruir a ideia de que para realizar um trabalho coerente e de qualidade, independentemente da tipologia textual, basta que o tradutor tenha domínio das línguas envolvidas.

Mesmo que de forma inconsciente, o tradutor faz uso de diversas estratégias e técnicas de tradução para superar os obstáculos gerados pelas diferenças linguísticas e culturais entre a LF e a LA. Assim, a função do tradutor, segundo Nord (2005, p.11) é a de adequar ou aproximar informações contextuais do TF ao TT, não meramente palavras, considerando as intenções e o propósito do emissor, em conjunto com as expectativas e efeitos do texto sobre o leitor-final.

Entre os primeiros a observar e descrever tais estratégias destacam-se Vinay e Darbelnet (1977) que, a partir da comparação estilística de textos em inglês e francês, identificaram sete estratégias, agrupadas em dois grandes grupos: tradução direta ou oblíqua. A primeira classificação, composta por empréstimos, calques e tradução literal, remete à busca pela equivalência palavra por palavra entre TF e TT. Já a segunda, refere-se à tradução livre que admite mudanças estruturais no texto, sendo elas transposição, modulação, equivalência e adaptação, visando preservar a mensagem e o sentido, uma vez que as diferenças entre as línguas inviabilizariam a literalidade.

As estratégias apresentadas por Ana Maria Ribeiro de Jesus (2012) em um trabalho de análise contextualizada da terminologia na área de astronomia também se mostram relevantes para este trabalho. A partir de suas discussões e em conjunto com as definições propostas por Vinay e Darbelnet (1977), é possível compreender cada um desses procedimentos, apresentados brevemente a seguir.

O primeiro é o 'estrangeirismo' que consiste na reprodução de um termo da LF na LA, sem alterações. Para Vinay e Darbelnet (1977), essa estratégia deve ser utilizada no caso de inexistência de uma palavra ou expressão que contenha um significado suficiente ou equivalente na LA. O empréstimo surge quando o

estrangeirismo é aceito pela comunidade e tem seu uso consolidado na LA, deixando de causar estranhamento. O segundo procedimento tradutório é o calque, tido como variação do empréstimo. O calque ocorre quando um sintagma ou expressão da LF passa por uma tradução literal, constituindo nova construção sintagmática até então inexistente na LA. Na maioria dos casos há uma adaptação estrutural na tradução, respeitando-se as regras gramaticais da LA, caso de *hot dog* (cachorro-quente) ou *skyscraper* (arranha-céu), em língua portuguesa na qual o adjetivo segue o substantivo. Entretanto, existem casos em que a estrutura da LF é preservada, desviando-se dos padrões da LA, como é o caso de ‘videojogos’, calque praticamente inviável diante do empréstimo *videogame* aceito pelo leitor de língua portuguesa.

Com a intenção de aproximar o leitor do conteúdo do texto e torná-lo mais claro e acessível, o tradutor pode ainda optar por outras estratégias conforme Jesus (2012, p.15) de forma a complementar ou substituir o estrangeirismo. Este é o caso da tradução literal da palavra, uso de paráfrase ou a explicitação da definição do termo. Como exemplo, o autor justifica a presença recorrente de empréstimos e calques na área da astronomia pela tendência das áreas tecnológicas de adotar termos da língua inglesa como padrão internacional, em função do domínio social e político de um país no processo de globalização, além de sua representatividade na expansão e divulgação de conhecimentos científicos.

Apesar de tal argumentação ser válida para explicar grande parte das terminologias específicas que fazem uso de empréstimos, este não é o motivo fundamental no contexto do futebol americano. Como o próprio nome expõe, o esporte foi originado e, por muitos anos, praticado quase que exclusivamente nos Estados Unidos, fazendo com que sua terminologia fosse formulada na língua nativa daquele país, difundida para o resto do mundo e hoje aceita entre leitores, fãs, jogadores e pesquisadores dessa modalidade esportiva, reforçando a concepção comunicativa do funcionalismo.

2.4 A TRADUÇÃO COMO ATO COMUNICATIVO

Dentre as renovações teóricas que trouxeram nova perspectiva acerca das responsabilidades do tradutor, atestando a complexidade e o impacto de suas escolhas, o funcionalismo alemão passou a observar e analisar aspectos

pragmáticos no processo de tradução. Até então, o foco das pesquisas voltava-se ao emissor, ao TF e as suas estruturas linguísticas. O funcionalismo direcionou as pesquisas para a análise da função comunicativa vinculada à situação de produção do texto, traduzido ou não e voltada sempre a um leitor prospectivo, ou seja, o leitor à frente do processo de produção textual.

Com a introdução das tipologias textuais, Katherine Reiss (MUNDAY, 2001, p. 73) foi uma das primeiras teóricas a se afastar dos conceitos restritivos de equivalência sintática e lexical, propondo que para se alcançar uma tradução adequada, era necessário que o TT transmitisse as principais funções comunicativas do TF. Reiss (1996; MUNDAY, 2001, p. 75) também ressaltou a possibilidade de o TF e o TT não possuírem efetivamente as mesmas funções e/ou não serem destinados a um mesmo público leitor (respondendo às intenções, propósitos e funções diferenciadas), enfatizando os aspectos extralinguísticos do TF, tais como: situação, conteúdo, tempo, local, emissor e receptor, até então não considerados explicitamente no processo tradutório.

Por outro lado, Hans Vermeer (MUNDAY, 2001, p. 78-81) volta-se para o TT. Vermeer considerava as teorias linguísticas insuficientes para analisar a prática tradutória afirmando que o processo tradutório vai além de meras comparações linguísticas entre os textos. Segundo Vermeer, traduzir é uma ação humana e, conseqüentemente, detém um propósito (*skopos*) comunicativo, ou seja, traduzir é um processo que vem de alguém e se dirige para o Outro. Assim, o *skopos* da tradução é determinado pelas escolhas e estratégias empregadas pelo autor e pelo tradutor, a fim de alcançar efeitos de sentido sobre o leitor final.

Observe-se que, mesmo agregando à tradução uma função comunicativa, tanto Reiss quanto Vermeer polarizaram suas teorias. Nesse sentido, Christiane Nord (1991; 2005) propõe um modelo de análise textual orientada à tradução (*translation oriented text analysis*), no qual TF e TT são considerados simultaneamente e de forma interdependente no processo tradutório. Para tanto, Nord defende que o tradutor deve analisar a intenção, propósito e função textuais previamente à tradução, de modo a nortear decisões e estratégias a serem empregadas neste processo. Assim, o modelo proposto por Nord, segundo a própria autora (2005, p. 36) é passível de aplicação a todo gênero textual, buscando auxiliar o tradutor profissional e aprendiz a identificar fatores externos e internos ao texto

(ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008) necessários à compreensão das características do TF e do TT.

Ao compreender a função, intenção e o propósito do texto é possível analisar sua estrutura interna, ou seja, as escolhas sintáticas, lexicais, estruturais, pressuposições e efeitos de sentido provocados no leitor (NORD, 2005, p.41-139) que dizem respeito ao 'como' o autor/tradutor escreve. Nord enfatiza que este processo é uma constante retroalimentação, ou seja, a compreensão dos fatores externos explica as características estruturais internas (linguísticas) do texto que, por sua vez, ao serem modificadas respondem a alterações previstas nos fatores externos (situacionais).

Assim, portanto, compreendemos a tradução funcionalista como ato orientado por uma intenção e um propósito comunicativos, devendo o tradutor gerenciar o TT de forma a adequá-lo à LA, sem ignorar as intenções do autor do TF. Portanto, o tradutor é um mediador intercultural, permitindo a interação entre interlocutores de comunidades de cultura e línguas diferentes, até mesmo para textos técnicos, conforme discutimos a seguir.

2.5 O TEXTO TÉCNICO COMO ATO COMUNICATIVO

Nord (2005, p. 17-9) distingue 'função textual' de 'tipologia textual', relacionando o primeiro conceito à situação comunicativa, ou seja, fatores textuais extralinguísticos (situação comunicativa na qual o texto é pensado e produzido), e o segundo aos aspectos estruturais da função textual, ou seja, as formas textuais já consolidadas em determinados contextos comunicativos. Apropriando-se dos princípios do funcionalismo e aplicando-os à análise e tradução de textos técnicos, compreende-se que esta modalidade tradutória é um ato comunicativo que contém o que Reiss e Vermeer (1996) denominam de oferta informativa para o leitor do TT.

No caso dos textos técnicos, essa oferta informativa é conduzida em grande parte pela terminologia específica de determinada área de conhecimento que pode produzir sentidos diferentes em outros contextos de recepção. Assim, quando da escolha da estratégia tradutória, é necessário considerar a cultura-alvo e o conhecimento prévio do leitor, visto que tais fatores costumam determinar as possibilidades de construção de sentidos, geradas pelo termo técnico empregado na língua-fonte e/ou por sua tradução. Desta maneira, ao fazer uma escolha, o tradutor

deve considerar que sua tradução pode não ser a mais adequada em LA, visto que as interpretações variam de acordo com as experiências dos leitores e a dele próprio também como leitor do texto da tradução.

Outro aspecto fundamental para qualquer ato comunicativo, conforme Nord (2005, p.105), é a 'pressuposição' que integra um conjunto de fatores intratextuais, voltado ao conhecimento pragmático que o leitor possivelmente já desenvolveu a respeito do assunto e que lhe permite interpretar e construir sentido a partir das informações contidas no texto. Considerar este fator implica a tomada de decisões sobre quais informações explicitar e/ou omitir no processo tradutório ou ainda se a estrutura do TF deve ser mantida na tradução. A pressuposição é, portanto, um fator que estabelece, mantém e registra a comunicação, evitando o risco de repetir informações já conhecidas pelo leitor-final ou de omitir dados importantes, o que poderia dificultar a construção de sentidos pela leitura. Nord⁵ (1991, p.106) comenta a respeito do caráter implícito da pressuposição:

Evidentemente, é apropriado que a informação pressuposta pelo autor torne-se também nítida ao leitor da tradução, porém o tradutor deve atentar ao fato de que elucidar explicitamente informações implícitas (...) causará inevitavelmente mudanças no efeito que o texto provocará no leitor.

Assim, a pressuposição é um fator relevante na determinação de estratégias de tradução de textos técnicos, uma vez que a explicitação da carga semântica do termo ou sua paráfrase pode romper com a fluidez do texto ou torná-lo confuso para o leitor especializado. Partindo da perspectiva funcionalista, o tradutor deve considerar que, devido às diferenças culturais e linguísticas, as informações omitidas e/ou explicitadas no TF podem não seguir o mesmo caminho no TT. Segundo Nord (2005, p.24), quanto maior é o distanciamento entre a cultura do TF e do TT, maior é a exigência de adequações por meio dessas técnicas.

2.6 A TRADUÇÃO TÉCNICA: CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES

São considerados 'técnicos' textos que apresentam linguagem e temática específicas e escrita relativamente complexa, voltada a uma determinada área do

⁵It is, of course, right that the information presupposed by the author should be made known to the reader of the translation as well, but the translator must be aware of the fact that the explicitation of implicit information (...) is bound to cause immense changes in the effect that the text will have on the receiver. (tradução do autor).

conhecimento como, por exemplo: manuais de instrução, documentos jurídicos, regras de esportes ou competições, e até mesmo textos literários. Para a tradução, é especialmente relevante o fato de tais textos terem como característica a presença de uma terminologia técnica, estabelecendo assim um obstáculo a ser superado pelo tradutor. É importante não somente compreender os termos, mas também a relação que se estabelece entre eles, conforme Martínez (2012, p. 1-2).

Outra dificuldade na tradução de textos técnicos reside no fato de abordarem um assunto específico dentro de uma área de conhecimento restrita a um grupo de leitores mais especializados, exigindo que o tradutor possua um conhecimento mínimo a respeito, visando à compreensão do TF (MARTÍNEZ, 2012, p. 2-3) pelo leitor final. Além disso, o tradutor deve conhecer a fundo as especificidades do texto técnico na LA, para que consiga transmitir as convenções estruturais e linguísticas de tal modalidade, atendendo ao propósito e intenção do autor do TF ou da situação comunicativa que motiva a produção textual na língua-alvo. Uma destas especificidades é dada pela terminologia, abordada a seguir.

2.7 SOBRE A TERMINOLOGIA

A Terminologia é uma disciplina que estuda grupos de termos de um domínio específico, investigando o comportamento de cada um, ou seja, sua formação, consolidação e relação com outros termos da área em questão. Além disso, busca a padronização de grupos terminológicos, visto que os termos são base para a comunicação entre especialistas de um campo científico (MARTÍNEZ, 2012, p. 1).

A elaboração e disseminação de novos termos acontece pela necessidade da transmissão de novos conhecimentos, técnicas, objetos e atividades. O desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e cultural é constante e ocorre por meio de diversas áreas do conhecimento ao redor de todo o mundo. Desta maneira, torna-se necessário que as descobertas possam ser compartilhadas entre as mais diferentes culturas e países. Essa divulgação ocorre a partir de textos técnicos, o que acarreta no uso de uma terminologia do domínio abordado, fazendo com que o texto, não necessariamente uma tradução, se volte a um grupo de leitores com algum entendimento da área, ou seja, pertencente à uma cultura específica.

Segundo Baker (2001, p.258), um grupo de termos pode ser padronizado de duas maneiras. A primeira parte da normatização dos critérios de formulação de termos de uma dada área, de tal forma que novos conceitos podem registrar um termo a partir de recomendações pré-estabelecidas. Existe ainda a possibilidade de a padronização ser realizada após a terminologia já ter se tornado corrente e difundida. Neste caso, é necessário selecionar termos mais apropriados, assim como ajustar os que ainda são insuficientes para corresponder ao seu conceito.

A padronização terminológica, segundo a autora, é útil uma vez que otimiza a troca de informações entre especialistas da área, evitando ambiguidades e conflitos gerados pela existência de diferentes termos para um único conceito. Além disso, padronizar pode tornar as pressuposições mais claras, um vez que seu objetivo é o de facilitar a interpretação do texto ao permitir que o leitor possa identificar ou antecipar, a partir dos termos, informações e conteúdo apresentados.

2.8 CONCEITO, DEFINIÇÃO E TERMO: DIFERENÇAS

Inerentes à análise e tradução de textos de especialidade, julgamos necessário diferenciar três palavras: conceito, definição e termo, visto que auxiliam a compreensão da existência, padronização e circulação de terminologias.

Mona Baker (2001) se vale da *International Standard ISO 704 (1987)* para esclarecer a ideia de 'conceito', entendido como "unidades do pensamento, utilizadas para estruturar o conhecimento e as percepções do mundo ao nosso redor⁶". Nesse sentido, o conceito só é compreendido de forma plena quando se tem clara a sua posição em relação a outros conceitos, sendo que seu entendimento costuma ser diferente de um indivíduo para o outro. Portanto, é necessário estabelecer um consenso social sobre as delimitações de um conceito a fim de evitar grandes variações a seu respeito.

Quanto à 'definição', Baker (2001) aponta que a terminologia percorre o caminho oposto ao da lexicografia. Enquanto a última parte da palavra para formular sua respectiva definição, a terminologia parte das delimitações do conceito para elaborar uma definição. Seu objetivo é explicar o conceito de forma objetiva e clara, relacionando-o e diferenciando-o de outros conceitos em sua área de domínio e

⁶Units of thought, used to structure the knowledge and perceptions of the surrounding world. (tradução do autor).

permitindo sua estruturação por meio do resgate de conhecimentos e outros conceitos já estabelecidos. Baker realça a definição como sendo a única ferramenta disponível para o tradutor estabelecer relações entre conceito e termo.

Já o 'termo', objeto principal da terminologia, traz consigo a referência de um conceito instituído em uma área específica. Já itens lexicais, compreendidos aqui como qualquer palavra, podem fazer referência a diversos campos do conhecimento. Porém, uma unidade lexical pode assumir o papel de 'termo técnico' quando inserida em um texto de especialidade, agregando em si mesma todo um conjunto de ideias (conceitos e definições) a respeito do assunto ou de alguma particularidade desse área.

2.9 TRADUÇÃO, TERMINOLOGIA E SUAS RELAÇÕES CULTURAIS

Segundo Wüster (1998), a Teoria Geral da Terminologia (TGT) afirma que um termo deve recorrer a um conceito único de forma a não causar polissemia e sinonímia⁷. Ainda nessa perspectiva, a tradução de um termo deve ser equivalente e se referenciar ao mesmo conceito, da mesma forma que o original.

Com o desenvolvimento da Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), fundamentada em algumas ideias da TGT, os estudos terminológicos passam a utilizar concepções linguísticas e comunicacionais, conferindo um caráter interdisciplinar ao campo terminológico, aproximando-se das questões funcionalistas (texto como ação comunicativa e voltada a um leitor final ou um público especializado) que fundamentam este estudo. Conseqüentemente, a terminologia, a exemplo da tradução, passou a ser influenciada por aspectos socioculturais que não só tornaram a atividade tradutória mais complexa e desafiadora, como também afetaram a maneira como os termos são cunhados e/ou traduzidos. Um dos condicionantes culturais passíveis de dificultar a tradução é o fato de leitores previstos na produção do TF estarem em contextos culturais distintos de leitores previstos no processo de tradução.

Tendo esclarecido estes aspectos, relevantes para esta pesquisa, explicitamos a seguir a metodologia pensada para esta pesquisa.

⁷Polissemia: capacidade de uma palavra apresentar diferentes significados em contextos distintos. Sinonímia: igualdade ou similaridade de significado entre duas palavras diferentes.

3 METODOLOGIA

Considerando os estudos apresentados, a proposta deste trabalho é analisar o uso de empréstimos terminológicos em textos assumidamente traduzidos e textos originalmente escritos em língua materna sobre futebol americano. Os termos são analisados considerando-se os fatores extra e intratextuais de Christiane Nord (1991; 2005), Tabela 1: intenção, léxico, pressuposição, leitor-final e efeitos de sentido, além de sua univocidade considerando as diferenças apontadas por Baker (2001), para conceito; definição e termo.

Tabela 1: Itens considerados na análise dos textos do *corpus*

FATORES EXTERNOS (NORD, 1991; 2005)	
Intenção	o que o autor quis comunicar e porque
Receptor (leitor)	público alvo para quem o texto é dirigido
FATORES INTERNOS (NORD, 1991; 2005)	
Pressuposição	o que os leitores provavelmente já sabem sobre o tema
Léxico	substantivos; adjetivos; verbos, discurso (in)direto
Efeito(s) de sentido(s)	sensações, evocações, provocadas no leitor
TERMINOLOGIA (BAKER, 2001)	
Conceito	unidades do pensamento, utilizadas para estruturar o conhecimento e as percepções do mundo ao nosso redor
Definição	explica o conceito de forma objetiva e clara, relacionando-o e diferenciando-o de outros conceitos em sua área de domínio e permitindo sua estruturação por meio do resgate de conhecimentos e outros conceitos já estabelecidos
Termo	objeto principal da terminologia, traz consigo a referência de um conceito instituído em uma área específica

A partir desta análise, propomos a tradução integral dos empréstimos terminológicos em dois dos textos integrantes do *corpus*, um já traduzido e outro produzido em língua materna, a fim de testarmos sua recepção entre leitores especializados em futebol americano, a saber: treinadores, jogadores e torcedores. Estas escolhas consideram o fato de que muitos leitores, tradutores e teóricos defendem a estratégia da domesticação⁸ (VENUTI, 1995; MUNDAY, 2001, p.146-

⁸Segundo Venuti (1995), existem dois métodos de tradução possíveis: 'domesticação', que implica o apagamento de empréstimos e marcadores culturais da cultura-fonte, fazendo com o que leitor não

48), que, mesmo geralmente associada à tradução literária, influencia potencialmente a tradução técnica ao apagar diferenças culturais e terminológicas em prol de uma leitura (aparentemente) mais fluída, natural, transparente e, logicamente, de fácil compreensão pelo leitor, seja especializado ou não.

A metodologia divide-se, portanto, em três eixos: i) as raízes históricas e culturais do futebol americano, ii) a coleta e seleção do *corpus* de análise e iii) a proposta de retextualização dos textos com a tradução integral dos termos técnicos.

3.1 CORPUS DE ESTUDO: O FUTEBOL AMERICANO

Conforme exposto no item 1.2 sobre o objeto de estudo desta pesquisa, o futebol americano é uma modalidade esportiva ainda pouco difundida no Brasil, quando comparado a outros esportes. Por essa razão, contextualizá-lo junto à descrição metodológica desta pesquisa se faz necessário para ambientar o leitor, ainda que de forma breve, na área que motiva o emprego, discussão e tradução da terminologia em estudo.

Apesar de ser um derivado do *Rugby* - este por sua vez procedente do futebol inglês e tido como *soccer* para os norte-americanos - o futebol americano possui inúmeras especificidades, tornando-o um esporte completamente distinto do popular 'futebol' brasileiro. O fato de ambas as modalidades serem praticadas em um campo de grama e de um dos muitos objetivos do jogo ser chutar a bola entre traves, expõe apenas algumas das semelhanças remanescentes entre essas modalidades. O esporte ainda sofre preconceitos no Brasil, em virtude de sua complexidade em relação a outros esportes e também por ser considerado violento por aqueles que o desconhecem.

Assim, o futebol americano foi desenvolvido de forma a se adaptar à cultura do país no qual foi criado, adequando regras em busca de espaço entre praticantes e espectadores. Em 1876, ano de sua criação, Walter Camp, atleta e jornalista, estipulou regras que distinguiriam definitivamente o futebol americano do *rugby*. Décadas depois, como uma das consequências da Segunda Guerra Mundial, surgiu a necessidade de especificar as funções de cada atleta, para que os treinos e

perceba estar lendo uma tradução e 'estrangeirização', que ressalta elementos da cultura-fonte na tradução, a fim de que o leitor perceba que está diante de um texto traduzido.

partidas fossem menos exaustivas e desgastantes⁹. Dessa forma, em 1950 os times se dividiram em equipes de ataque e defesa, fazendo com que o número de posições em campo aumentassem e se diferenciassem mais ainda das existentes em outros esportes.¹⁰

Tais adaptações no jogo expandiram a audiência do esporte com o decorrer dos anos, até que em 1969, em pesquisa realizada pelo instituto *Harris and Associates*, o futebol americano superou o beisebol no quesito popularidade nos Estados Unidos. Com a criação do *Super Bowl*, a grande final da liga norte-americana, em 1967, e sua posterior transformação em um evento único em 1993, com grandes espetáculos no intervalo, o esporte adquiriu ainda mais espectadores, incluindo interessados nas apresentações artísticas. Atualmente, o *Super Bowl* é um grande evento cultural nos Estados Unidos e no mundo, sendo o fenômeno esportivo de maior expressão no país e com o espaço publicitário mais caro do mundo.¹¹

Além do fato de o esporte ter sido idealizado nos Estados Unidos, a liga profissional local, *National Football League* (NFL), é a maior referência mundial relacionada ao futebol americano. Assim sendo, tudo que envolve a modalidade carrega automaticamente componentes da cultura norte-americana. Como exemplo, citamos as medidas do campo. Mesmo quando o esporte é praticado em outro país, essas medidas são demonstradas em unidades padrão, tais como: jardas, polegadas e libras. De forma semelhante, a nomenclatura de algumas regras e posições de jogadores se deu a partir de aspectos culturais norte-americanos, por vezes sendo mantido o termo originalmente cunhado mesmo após mudanças no regulamento e nas funções em campo. Parte dessa terminologia, presente nos textos selecionados para análise, é discutida a seguir, a fim de identificar tais características e compreender seu valor e relevância para os envolvidos na área, isto é, jogadores, empresários, fãs, técnicos.

⁹ Mais de 600 atletas deixaram seus times para lutar na guerra, clubes tiveram de se unir para não serem obrigados a encerrar suas atividades. Apenas 11 jogadores eram responsáveis por todas as funções de ataque e defesa, assim, a NFL mudou as regras e permitiu substituições ilimitadas na partida a fim de poupa-los, especificando as funções de cada um em campo e diminuindo o tempo de treino.

¹⁰ Disponível em: <http://www.nfl.com/history/chronology/1869-1910> (Acesso em: 20/05/2017)

¹¹ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/infografico/guiafutebolamericano/ahistoriadanfl/> (Acesso em: 20/05/2017)

Convém ressaltar que as regras do esporte já foram traduzidas para o português e publicadas pela Associação Brasileira de Futebol Americano em 2012. Nessa tradução, grande parte dos termos foram mantidos em inglês.

É importante observar que um apreciador acaba se envolvendo muito mais, e de maneira mais significativa com o esporte, a partir da terminologia original em LF, do que a partir da tradução de um termo, ainda mais quando a terminologia faz uso dos aspectos culturais já mencionados no sentido de construir sentido para o processo de leitura. Portanto, o entusiasta muitas vezes conhece a cultura norte-americana a partir de seu interesse pelo futebol americano, por exemplo, ao buscar a equivalência, em metros, de uma medida originalmente em jardas. Assim, parte da motivação para o conhecimento e divulgação do esporte e tudo o que envolve a NFL é divulgada e publicada em *sites* especializados e através da publicação de textos produzidos diretamente em língua-materna (português) ou assumidamente traduzidos do inglês para o português. São estes os textos que compõem nosso *corpus* de pesquisa e análise, abordados a seguir.

3.2 O CORPUS DE PESQUISA

Com o crescente aumento da popularidade desse esporte surgem novos *sites* especializados que criam e reproduzem conteúdos sobre os jogos, ainda que seu espaço em veículos de informação impressa continue modesto. Os *sites* dos canais televisivos ESPN e Esporte Interativo figuram entre as opções mais conhecidas e procuradas pelos leitores, visto que são os únicos a transmitir os jogos da liga americana, denominada NFL. Existem ainda blogs voltados a trazer notícias e promover explicações e aprofundamento do leitor sobre as regras e as táticas do esporte. Assim, presume-se que o leitor de tais textos é, em sua maioria, entusiasta e possui conhecimento mínimo sobre o assunto.

Originalmente constituído de 11 textos¹², sendo 9 jornalísticos esportivos produzidos em língua materna e 2 assumidamente traduzidos de blogs, todos coletados em sites especializados, procedemos à leitura e seleção de todos os empréstimos terminológicos empregados, conforme a Tabela 3 (Anexo C, p.89).

¹²Os textos coletados se encontram anexados a este projeto com seus respectivos termos demarcados.

Após essa primeira triagem e, para efeitos de análise nesta pesquisa, selecionamos 4 desses textos, sendo 2 traduzidos diretamente da língua inglesa e denominados aqui de 'T1' e 'T2' e outros dois textos produzidos em português brasileiro, chamados de 'T4' e 'T5'. Estes quatro textos constituem o *corpus* final de análise para este estudo. Convém mencionar que T1 também possui uma tradução em italiano publicada no *site*, no qual termos como *quarterback*, *snap*, *playoffs* e *scramble* são igualmente mantidos na língua italiana como empréstimos. Na tabela 2, abaixo, apresentamos brevemente o conteúdo de cada um destes 4 textos do *corpus*:

Tabela 2: conteúdo dos textos selecionados para análise

Texto	Conteúdo abordado no texto
T1	Discorre sobre as principais características que definem um <i>quarterback</i> de qualidade, a sua importância no jogo e quais jogadores se destacam em cada quesito.
T2	Apresenta dez dicas de como se tornar um melhor jogador de futebol americano, propondo diferentes exercícios e treinos que buscam aprimorar a técnica e o condicionamento do atleta.
T4	Apresenta as 19 propostas de mudança de regras que seriam submetidas a aprovação para temporada 2016 da <i>NFL</i> .
T5	Notícia sobre o <i>Super Bowl</i> 50, a final da <i>NFL</i> em 2016, relatando como foi a partida, quem saiu vencedor e as principais jogadas e estatísticas.

A seleção desses 4 textos, bem como da terminologia que apresentam, considerou o grau de tecnicidade e variedade dos termos. Em outras palavras, nosso foco foi selecionar textos que apresentassem maior variedade terminológica. Isso não só exige conhecimento altamente especializado sobre o esporte, por parte do leitor, como também faz com que o nível de dificuldade para a tradução integral dos termos aumente, por parte do tradutor. Neste caso, consideramos que para traduzir os termos técnicos integralmente, poderia ser necessário até mesmo utilizar-se de outros termos técnicos do esporte que integram sua carga semântica.

Porém, mesmo com essa triagem, a quantidade de termos para análise ainda era grande, o que nos levou a aplicar mais um filtro a fim de não extrapolar os limites da pesquisa. Dos termos técnicos apresentados nos quatro textos (T1, T2, T4 e T5) selecionados para análise, optamos por estudar somente os que eram mais recorrentes numericamente e com alta densidade semântica para tradução. Esses termos são listados na tabela 4, a seguir, e constituem nosso *corpus* final para análise e discussão:

Tabela 4: *corpus* para análise nos textos selecionados

Texto	Principais empréstimos	Número de ocorrências	Outros empréstimos	Número de ocorrências
T1	quarterback	40	NFL	10
	playoffs	2		
T2	defensive back	3	-----	-----
	footwork	2		
	tackle	4		
T4	scrimmage	2	-----	-----
	first down	3		
T5	fumbles	7	Super Bowl	5
	field goal	4		

A discussão desses termos é apresentada no capítulo 4, considerando-se ainda a dificuldade para sua retextualização, bem como respostas dadas por leitores especializados, após a experiência de ler as reportagens selecionadas (T1, T2, T4 e T5) com a sua terminologia traduzida. A seguir, tecemos considerações acerca da proposta de retextualização que complementa o estudo terminológico desta pesquisa sobre o futebol americano.

3.3 CORPUS DE PESQUISA E ANÁLISE: PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO

A fim de confirmar a viabilidade do empréstimo terminológico como estratégia tradutória na modalidade dos textos técnicos, propomos a retextualização¹³ de todos os termos empregados em dois dos textos integrantes do *corpus* de pesquisa, a saber T1 (tradução direta da língua inglesa) e T4 (produzido em língua materna), levando em consideração o grau de tecnicidade e a carga semântica envolvida como principais critérios de definição.

No simpósio *Translation in practice*¹⁴, um dentre os vários tópicos discutidos foi a respeito de palavras impossíveis de serem traduzidas e/ou que possuem referências culturais específicas que vêm a dificultar a interpretação do leitor. Martin Riker, sócio diretor da editora americana *Dalkey Archive Press* faz duas observações importantes. Na primeira afirma que, se uma referência não é obscura no texto

¹³Retextualizar consiste em retraduzir um mesmo texto com vistas a sua adequação a novos leitores, tempo, mídias, propósitos, funções (COSTA et alii, 2016).

¹⁴Simpósio sediado em março de 2008 nos escritórios da British Council em Londres, onde foram promovidos debates e workshops sobre a prática da tradução.

original, ela também não deve ser na tradução¹⁵; na segunda comenta a importância de o tradutor tentar transmitir a mesma experiência de leitura do texto original para a tradução¹⁶. Como opções para solucionar casos em que esse tipo de palavra (termo) possa surgir, são propostas técnicas como a inserção de explicações no texto ou, para evitar a interrupção de sua fluidez, a utilização de um glossário ou notas de rodapé.

Para tanto, elaboramos um questionário curto, composto de apenas 5 perguntas diretas e uma aberta para comentários. Esse questionário foi entregue, juntamente com cópias dos textos traduzidos, texto 1 (T1) e texto 4 (T4), para um grupo de leitores especializados no futebol americano, a saber: 1 técnico, 2 jogadores e 1 fã do esporte. A tabela 4 mostra a pergunta e o que esperamos obter com esse questionamento:

Tabela 5: questionário aplicado ao público leitor especializado

	Pergunta	Proposta
1.	<p>Ao ler esses textos, você os classifica como (você pode marcar mais de uma alternativa)</p> <p>() cansativo; () repetitivo; () redundante; () de fácil compreensão; () de difícil compreensão; () confuso; () divertido; () fácil de ler; () objetivo e claro.</p>	<p>Testar a reação dos leitores diante da tradução de uma terminologia que é de sua área de domínio e que, por esta razão, não esperam que seja traduzida.</p>
2.	<p>Você foi capaz de identificar os termos técnicos do esporte através das explicações dessa terminologia ao longo do texto?</p> <p>() Sim () Não</p> <p>(Caso sim, quais termos foram identificados):</p>	<p>Testar a hipótese da pesquisa de que a tradução integral da terminologia técnica dificulta a leitura a tal ponto de os leitores não serem capazes de identificar os termos ou, se conseguirem identificar alguns, certamente irão questionar a sua tradução, uma vez que isso não é necessário entre leitores especializados.</p>
3.	<p>Você prefere esse texto com (marque apenas uma alternativa):</p> <p>() a explicação integral da terminologia () somente com a terminologia técnica, em inglês, sem explicações</p>	<p>Questioná-los de forma objetiva se a tradução do termo técnico é válida ou não.</p>

¹⁵If references are not obscure or difficult for the original audience, they should not be obscure or difficult for the new audience.

¹⁶The translation editor has to assume the position of the reader, and should consider the overall experience of reading the original and how best to approximate that experience for readers in English.

4.	<p>Em relação ao futebol americano, você é (marque apenas uma alternativa):</p> <p>() treinador () preparador físico () fã do esporte (não sou técnico nem jogador) () jogador de alguma equipe</p>	Caracterização do perfil do grupo entrevistado
5.	<p>Na sua opinião, o uso dos termos técnicos sobre o esporte (você pode marcar quantas alternativas desejar):</p> <p>() facilita a compreensão da ideia do texto () torna a leitura do texto mais ágil () faz parte do cotidiano de fãs, jogadores e treinadores e portanto são do conhecimento de todos () mostra que o autor do texto compreende e respeita quem faz parte da área esportiva, neste caso.</p>	Obter a opinião dos leitores e verificar a questão do uso do termo técnico como identidade de grupo. Nesse sentido, traduzi-los fere a identidade do grupo de leitores.
6.	<p>Em no máximo três linhas, faça quaisquer comentários e/ou sugestões para o texto, expondo a forma como você acredita que o assunto deveria ser tratado e a linguagem que deveria ser utilizada.</p>	Questão aberta para comentários adicionais que os leitores julguem necessários.

Ressaltamos que a retextualização dos termos técnicos foi feita com a estratégia tradutora conhecida como ‘explicitação’ (MUNDAY, 2001). Esta estratégia pressupõe que ao invés do termo técnico, seja utilizada toda uma explicação sobre o conceito e a definição que o termo traz consigo. Por essa razão, a testagem da recepção, ou seja, da leitura e compreensão final da tradução foi feita com a ajuda de leitores especializados, a saber: técnico, fãs do esporte e jogadores, a fim de cumprirmos um dos objetivos específicos (ver: Cap 1) que é verificar a compreensão do texto traduzido por parte do leitor especializado. Passamos, assim, para o Capítulo 4 que apresenta a análise discussão da carga conceitual e definição dos termos técnicos que compõe o *corpus* da pesquisa, além de suas traduções.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentamos aqui a análise dos empréstimos terminológicos e também trechos das retextualizações. Os textos completos encontram-se nos anexos desta pesquisa.

4.1 OS EMPRÉSTIMOS TERMINOLÓGICOS

Tema entorno do qual se desenvolve o texto 1, *quarterback* é uma posição extremamente complexa do futebol americano, cuja tradução costuma gerar dúvidas e discussões. Considerando todas as suas funções e responsabilidades, *quarterback* pode ser considerada a posição mais importante e profunda de um atleta dentre todos os esportes coletivos. O jogador que desempenha tal função é responsável por liderar e coordenar todo o ataque de uma equipe durante a partida, selecionando jogadas e repassando-as para seus companheiros de time. Ele também recebe a bola para dar início à jogada e decidir qual a melhor opção para dar prosseguimento, seja um passe aéreo para os recebedores, seja entregar a bola para um corredor, ou quando ele próprio toma a iniciativa de correr com a bola. Tudo isso enquanto tenta ser derrubado pelo time adversário. O *quarterback* não só delimita as jogadas antes que elas aconteçam, passando as informações recebidas do técnico através do *huddle* – aglomerações dos jogadores antes de uma jogada -, como também as altera durante sua realização, por meio dos *audibles*, que são gritos para que os companheiros se reorganizem quando o time já está alinhado e não pode voltar para o *huddle*.

Contudo, o termo *quarterback* surgiu na década de 1880, quando Walter Camp estipulou a linha de *scrimmage*, que trata-se da linha onde é posicionada a bola para dar início a jogada e separa a linha de jogadores do ataque da linha de defensores. Como já mencionado, o esporte sofreu diversas mudanças de regra no decorrer dos anos, e naquele tempo, a função de uma *quarterback* era completamente diferente da atual, ele sequer era responsável por passar a bola ou coordenar o ataque, tendo a função de um bloqueador que protegia o corredor. O termo *quarterback* foi cunhado com base na posição do atleta em relação à linha de *scrimmage* e não correspondia a função do jogador em campo. O jogador mais recuado em relação à linha de *scrimmage* era o *fullback* e como o *quarterback* ficava

a $\frac{1}{4}$ desta distância, recebeu tal designação. Aos poucos, muitas funções foram sendo atribuídas aos *quarterbacks*, inclusive os passes. Buscando aumentar a popularidade do esporte, a NFL desenvolveu novo regulamento que alçou o *quarterback* ao *status* símbolo do esporte e da cultura norte-americana.

Nas décadas de 1980 e 1990, o futebol americano foi retratado em muitos filmes, que ocasionalmente apresentavam parte da terminologia do esporte, em especial o termo *quarterback*. Nesta época, no Brasil, o esporte ainda era muito pouco divulgado e na tradução de tais filmes, optou-se pela tradução do termo, pois muitos poderiam não compreender seu significado. Porém, em alguns exemplos como a série Blue Mountain State (2011) e o filme O Recomeço (2011) a escolha da tradução para "zagueiro" de forma alguma contribuiu para essa compreensão, uma vez que tal designação não carrega o conteúdo semântico da posição *quarterback* e ainda remete a uma posição defensiva do futebol, que em nada condiz com a intencionada, confundindo o receptor da mensagem, que utilizará seu conhecimento prévio - provavelmente o futebol popular no Brasil - para construir o significado do texto. Quando nos referimos a *back* no futebol inglês, estamos falando dos jogadores recuados, ou seja, os zagueiros e defensores. Porém, isso não é válido para o futebol americano, em que *back* apenas representa a posição do jogadores em relação à linha de *scrimmage*, mas não a sua função. Sendo assim, provavelmente o autor não considerou o fator 'pressuposição' no momento da tradução, ou seja, desconsiderou o fato de o leitor especializado compartilhar conhecimento sobre o assunto. A tentativa de apenas tentar aproximar o texto do leitor, inserindo-o na sua cultura, porém ignorando a cultura do TF e as intenções de seu autor, também diverge das ideias do Funcionalismo, podendo causar desvios de significado, como no exemplo.

Já no filme Duelo de Titãs (2000), o termo zagueiro é utilizado para traduzir *running back*, enquanto o empréstimo *quarterback* é mantido na LF, o que aponta a falta de padronização nas traduções da área, que vêm a dificultar a compreensão e confundir o público alvo, gerando ambiguidades. Como esclarece Baker (2001), para que uma terminologia seja eficaz, ela deve ser preferencialmente padronizada para que a troca de informações seja facilitada e o autor/tradutor tenha mais facilidade na identificação das pressuposições que pode realizar a respeito do leitor. Nesse caso, como discutido anteriormente, *quarterback* possui uma definição complexa, que faz

relação com muitos outros conceitos do esporte necessários para o entendimento do termo. Vejamos um trecho da retextualização proposta com a explicitação do termo:

- **T1:** "quando ele disse ao ex-gerente geral do Giants, Ernie Accorsi, "Não avalie um **quarterback** do jeito que você avalia as outras 21 posições. Eles estão jogando um esporte diferente".
- **Retextualização:** "quando ele disse ao ex-gerente geral do Giants, Ernie Accorsi, "Não avalie um **jogador que posiciona-se atrás do jogador central e dele recebe o passe para trás que inicia a jogada, responsável por selecionar, repassar aos companheiros e comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao jogador que irá correr em jogadas terrestres** do jeito que você avalia as outras 21 posições. Eles estão jogando um esporte diferente".

Nesta definição foi necessário explicitar os conceitos de outros 4 termos: *Center*, *Snap*, *Handoff* e *Running Back*. Além disso, um leitor especializado, ao construir a ideia de *quarterback* emprega outros conceitos não explicitados, como linha de *scrimmage*, *pocket* e *huddle*. Isso pôde ser comprovado na própria questão 2 do questionário proposto aos leitores da retextualização, em que alguns dos participantes citaram como termos identificados, termos que não apareciam como empréstimo no texto original (caso de *Touchdown* e *Center*), mas fazem parte da relação de conceitos que compõe a carga semântica de um termo complexo, como muitos dos estudados nesta pesquisa, e foram utilizados para compor a definição de outro termo.

Ainda sobre a padronização recomendada por Baker (2001), identificamos na mesma questão 2, como a explicitação do termo - e provavelmente até mesmo uma tradução no lugar do empréstimo – pode causar ambiguidade e confundir inclusive o leitor especializado. O termo *pro-day* foi confundido por um dos participantes com o termo *Combine* devido aos seus conceitos serem semelhantes. Enquanto isso, o termo *Defensive Back* foi confundido por *CB*, abreviação de *Cornerback*, o que é compreensível, pois o segundo termo corresponde a uma das responsabilidades específicas possíveis para um *Defensive Back*. Nestas duas circunstâncias, o uso do

empréstimo certamente evitaria o equívoco e invocaria o conceito automaticamente, permitindo a compreensão imediata do texto. Já uma tradução poderia ser arriscada e ainda causar ambiguidade, como ocorre com 'chutador', tradução que já é convencionalmente aceita para *kicker*, porém que também é utilizada para *punter*. Ambos os termos tratam de jogadores responsáveis por chutar a bola, mas em momentos distintos da partida, com técnicas e objetivos diferentes. Desta forma, os especialistas da área optam por manter o uso do empréstimo.

Por fim, tratando-se do termo *quarterback*, qualquer tentativa de tradução deve considerar as funções do atleta em campo, como 'armador', ou ainda no caso de uma tentativa de renovação do termo na LF - visto que ele foi gerado apenas para corresponder a posição do atleta em campo, e não a sua função – como de *quarterback* para *playmaker*, entende-se que qualquer uma das opções causaria estranhamento e provavelmente não seria utilizada pelo público especializado. Nem mesmo a opção *playmaker*, mais condizente com as funções do atleta, traria todos os sentidos e significados já estabelecidos no termo original. Este, traz o prestígio da posição, toda a sua história, sua relação com todo o esporte e sua terminologia, além de já ser consagrado, possibilitando a univocidade das referências e respeitando a identidade do grupo especializado.

Em T1, outro termo relevante é *playoffs*, que corresponde à segunda fase da maioria das grandes ligas de esportes americanos, subsequente à chamada temporada regular. Embora os *playoffs* sejam disputados sempre em formato mata-mata, onde dois times se enfrentam em confrontos eliminatórios com um número mínimo de partidas, traduzi-los para mata-mata, como geralmente é feito, pode não abarcar todo o significado intencionado pela cultura do TF. Enquanto esta opção de tradução pode remeter a qualquer tipo de competição de confronto eliminatório, *playoffs* carrega um significado cultural esportivo muito mais amplo. Para um atleta e um torcedor, os *playoffs* são os momentos em que todo o esforço de toda uma temporada é recompensado, ou desperdiçado. É o momento tão esperado, no qual verdadeiros astros se superam e carregam a responsabilidade de comandar suas equipes, é nos *playoffs* que os jogadores têm a oportunidade de se consagrarem como grandes ídolos, ou grandes decepções.

O próprio trecho da retextualização no qual temos a explicação do termo reflete a importância da participação nos *playoffs*, pois o autor utiliza o número de aparições nesta etapa do campeonato para avaliar o sucesso do jogador.

- **T1:** "têm apenas 5 participações em **playoffs** (sendo apenas uma do Cutler)"
- **Retextualização:** "(...) têm apenas 5 participações na **segunda fase do campeonato, em que os times se enfrentam em jogos únicos e eliminatórios** (sendo apenas uma do Cutler)."

Para o texto em questão, utilizou-se 'jogos únicos eliminatórios' pois é a forma de disputa dos *playoffs* da NFL, mas para casos como a NBA (liga norte-americana de basquetebol), os confrontos ocorrem em uma disputa de até 7 jogos, em que o time que obtiver 4 vitórias primeiro, sai como vencedor..

Sendo assim, a tradução para mata-mata ou a explicação do termo não evocam o encanto – parte do conceito total - que se têm pelos *playoffs* na cultura norte-americana. Cultura essa que acaba sendo, em parte, adquirida pelos entusiastas e praticantes do futebol americano no Brasil, fazendo desse encanto, uma pressuposição que o autor/tradutor tem em relação ao leitor, para então utilizar o empréstimo como opção adequada de tradução, única capaz de evocar tal sentimento.

Dando sequência a análise dos termos, outro que é recorrente tanto no texto 1 quanto no 2 é *defensive back*. A explicação do termo tornou-se bem extensa no processo de retextualização, como pode ser visto no trecho a seguir:

- **T1:** "(...) o jogo é um pouco mais devagar, os recebedores frequentemente são mais talentosos do que os **defensive backs**, e os sistemas ofensivos e defensivos são menos complexos".
- **Retextualização:** "(...) o jogo é um pouco mais devagar, os recebedores frequentemente são mais talentosos do que os **jogadores de defesa que se posicionam na linha secundária de defesa, afastados da linha divisória imaginária que corta o campo onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada e são os responsáveis por impedir as jogadas dos recebedores ou as jogadas de corridas longas que atravessem a linha primária de defesa**, além de os sistemas ofensivos e defensivos serem menos complexos".

Para o entendimento de qual termo estamos nos referindo na explicação, foi preciso apontar o local de posicionamento do atleta em campo, assim como as funções das quais é encarregado. Para tanto, fez-se necessário a uso de outras definições de conceitos relacionados, como as de *secondary*, linha de *scrimmage*, *snap*, *receivers* e *defensive line*, tornando o texto mais extenso e complexo. Caso a opção seja o uso do empréstimo, como no texto original, todos esses conceitos relacionados são resgatados de maneira espontânea para a mente do leitor especializado, ele fará a seleção automática do que é necessário para a compreensão do termo, tornando a assimilação mais dinâmica e menos confusa, o leitor corre menos risco de se perder durante a leitura.

Caso a opção fosse a tentativa de uma tradução do termo, a escolha por 'defensor recuado' poderia se aproximar mais do termo original. Desta vez até mesmo a alternativa 'zagueiro' teria alguma semelhança no conceito. Porém, diversos seriam os motivos que poderiam fazer com essas traduções não 'funcionassem' para o leitor. Primeiramente, o fato de 'zagueiro' já ter sido equivocadamente utilizado para *quarterback* faz com que a possibilidade de ambiguidade surja com a apropriação do termo, pois dificilmente ele seria aceito e interpretado de forma unívoca. Além disso, como proposto pelo Funcionalismo, o tradutor deve buscar considerar simultaneamente a cultura da LF e da LA.

Isso significa não somente buscar aproximações entre elas e adaptar o texto de forma a encaixar-se na cultura da LA, mas também atentar ao fato de que tais aproximações podem ser incertas e causar mais confusão e desvios de interpretação do que facilitá-la. O fato de se utilizar um termo como 'zagueiro', já consagrado no futebol, para traduzir um termo do futebol americano, tentando assim, a partir da cultura da LA, auxiliar a compreensão do TF, abre margem para que o leitor faça inferências no texto com base em seu conhecimento prévio sobre futebol, que podem não ser adequadas ao futebol americano. Sendo assim, acreditamos que, muitas vezes, o reaproveitamento de um termo de um esporte para outro não é cabível, uma vez que os significados variam. Com os estudos do Funcionalismo, sabemos que uma das pressuposições a serem consideradas pelo tradutor é a de que o leitor fará uso de seu conhecimento prévio para gerar o significado do texto. Portanto, o leitor pode atribuir uma função do zagueiro do futebol ao *quarterback* ou ao *defensive back* do futebol americano, que não seja condizente com a realidade do futebol americano. Todavia, existem termos que

funcionam para mais de um esporte devido ao significado ser suficiente para abarcar o conceito sem mudanças prejudiciais ao entendimento, como é o caso de 'goleiro'. A função do atleta em diferentes esportes é a mesma, portanto, a tradução entre esportes distintos é adequada.

Footwork é um termo que aparece na versão original de T1 de forma traduzida para o português (trabalho de pernas) e em T2 como empréstimo, em inglês. Apenas o T1 foi retextualizado e teve sua recepção testada por um público especializado, mas interessante, na questão 2 (Tabela 5, pg. 31), em que perguntamos quais termos técnicos foram identificados, *footwork* foi uma das respostas recorrentes. Acreditamos que isso demonstra que, apesar de a tradução do termo ser bem aceita, a preferência de uso do público especializado seja pelo empréstimo, tanto por costume, como por se adequar melhor ao contexto de identidade cultural do esporte, tão próximo da língua inglesa e da cultura norte-americana. Os usuários da terminologia assumem sua identidade como integrantes do grupo ao optarem pelo empréstimo.

Entre os especialistas, um dos termos que, de forma unânime, já teve seu empréstimo aceito e acredita-se não haver uma tradução adequada, é *tackle*. Nossa opção de explicitação do termo nas retextualizações ficou da seguinte maneira:

- **T4:** "Se o jogador engajar no **tackle** ao segurar a camisa na altura do nome na **jersey** para derrubar um jogador, será punido pela regra".
- **Retextualização:** "Se o jogador engajar no movimento de enfrentamento do adversário com o objetivo de derrubá-lo ao segurar a camisa na altura do nome na camisa de jogo, será punido pela regra".

Apenas 'enfrentamento', 'derrubada' ou 'engajamento' são algumas propostas encontradas para a tradução do termo, mas podemos perceber que para explicá-lo, fez-se necessário o uso das 3 palavras. O *tackle* no futebol americano conta como uma estatística do jogo quando o objetivo principal é completado, o de derrubar o adversário com a bola. Porém, o simples choque com o adversário em busca de tal objetivo também é chamado da mesma forma. Além disso, o *tackle* pode tornar-se um *sack*, que acontece quando o *quarterback* é derrubado atrás da linha de *scrimmage*. Existe ainda a posição *Defensive Tackle*, que é como um

bloqueador da linha de defesa. Considerando tantas variações de uso do termo no mesmo esporte, mas mesmo assim, permitindo que o especialista recupere todas as opções por meio de seu uso e identifique em qual contexto se encaixa, constata-se como uma tradução provavelmente não funcione para o leitor da mesma maneira que o termo original.

Assim como muitos outros termos do futebol americano, *tackle* é utilizado como substantivo na língua inglesa para descrever colisões de impacto em situações do cotidiano. Ademais, é também utilizado como verbo, para a atitude de enfrentar algo. O ponto interessante é que os entusiastas e praticantes do esporte no Brasil aportuguesaram o verbo, criando um neologismo, '*tacklear*', para descrever a ação de iniciar o *tackle*. Tal uso está presente no texto 2 da seguinte forma " tinham um grande porte físico, mas não tinham um bom bloqueio, tampouco eram capazes de *tacklear*". Outro exemplo interessante presente no texto 9 é o verbo '*draftado*', decorrente de *Draft*, para descrever o jogador que foi selecionado no processo de entrada de jogadores universitários na NFL.

Conceito primordial para explicar e compreender a maioria dos outros conceitos do futebol americano, a linha de *scrimmage* é uma linha imaginária que divide o campo no início de cada jogada, separando o time de defesa do time de ataque. É também o ponto onde a bola é posicionada para dar o passe inicial que inicia a jogada e usada como referência para diversas regras e demarcações de campo. Como pode ser visto nas retextualizações, sua definição – mesmo que de forma abreviada - teve de ser incluída para definir muitos outros conceitos, no caso de *intentional grounding*, por exemplo:

- **T1**: "*intentional grounding*" (**linha de scrimmage**)¹⁷
- **Retextualização**: tentativa do passador de se livrar da bola atirando-a para fora do campo ou jogando-a no chão sem uma real chance de completar um passe, a fim de evitar que seja derrubado por um defensor atrás da **linha divisória imaginária, ponto onde a bola é posicionada para dar início a jogada**

¹⁷O termo '*intentional grounding*' não foi selecionado para análise, porém utilizamos a sua retextualização como exemplo de um trecho em que a explicitação de '*linha de scrimmage*' se faz presente. Desta forma, o segundo termo (*linha de scrimmage*), é necessário para conceituar o primeiro (*intentional grounding*).

Todo o trecho acima corresponde à definição proposta para *intentional grounding*, enquanto a parte em destaque é uma abreviação da definição de linha de *scrimmage*. Isso mostra como a leitura do texto fica cansativa e confusa com a opção de explicitação integral do conceito. Já uma tentativa de tradução direta do termo seria 'linha de escaramuça'¹⁸, o que a faria ser imediatamente recusada, por tratar-se de uma palavra estranha tanto para falantes do português, quanto para especialistas do esporte. Além disso, opções como linha de combate, ou linha de confronto, poderiam contribuir com o preconceito que se tem com o esporte no Brasil. Muitas pessoas consideram o esporte violento por desconhecerem as regras voltadas à proteção e segurança dos atletas, que regulam as formas de contato entre os jogadores a fim de evitar lesões. É exatamente a isso que se referem as propostas de reformulações de regra número 3 e 16 de T4. Desta forma, para incentivar a propagação do esporte, acreditamos ser coerente evitar a formulação de uma terminologia que possibilite a inferência de um caráter violento à modalidade pelo leitor leigo.

Dentre os termos analisados neste trabalho, *first down* é o único que realmente possui uma tradução convencionalizada com uso aceito e corrente pela comunidade do esporte, ou seja, ela funciona para o leitor especializado. Trata-se do termo 'primeira descida', que no caso corresponde a uma tradução literal do termo original, mas que nem por isso deixa de se adequar aos princípios do Funcionalismo. *First down* corresponde à primeira, dentre 4 chances (jogadas) que um time possui para avançar 10 jardas no campo. Caso a equipe não consiga realizar tal feito, a posse de bola é transferida ao time adversário, que então terá as mesmas 4 tentativas de avançar 10 jardas. Quando o time consegue avançar o número mínimo de jardas, a contagem das jogadas recomeça, dando à equipe o direito a uma nova série de *downs*, sendo a primeira delas o *first down*.

O fim de cada jogada, ou cada *down*, é representado pelo momento em que a bola não está mais em jogo e o time ofensivo não tem condições de continuar avançando. Atualmente isso pode ocorrer de diversas maneiras, seja por um passe incompleto em que a bola toca o chão, quando o jogador que está com a posse da bola é derrubado pelo adversário ou ainda quando toca os joelhos no chão voluntariamente. Essas formas de término de uma jogada definiram o nome *down*,

¹⁸ Escaramuça trata-se de uma confrontação militar entre pequenos grupos de soldados, o termo é utilizado em alguns esportes para referir-se a combates simulados entre as equipes ou atletas.

pois em todas elas são caracterizadas pela descida da bola ao chão para finalizar a tentativa de avanço. Assim, o termo 'descida' veio a funcionar como uma opção adequada de tradução, por carregar o mesmo significado que o original, ter sido aceito pelo público alvo sem imposições e não modificar ou eliminar parte da cultura do esporte. Mesmo assim, o termo em inglês continua sendo amplamente utilizado pelo público brasileiro, por representar uma identidade de grupo e aproximar o falante do esporte pelo qual é aficionado.

Já o termo *Fumble* representa uma das maneiras de perder a posse de bola no futebol americano e é um evento que pode definir os rumos de uma partida. Um *fumble* acontece quando o jogador, que tem a posse de bola, a derruba no chão sem ter tocado o joelhos na grama para caracterizar o final da jogada. Desta forma, a bola é considerada 'viva' e pode ser recuperada por qualquer um dos times. As poucas tentativas de tradução deste termo vieram a causar confusão. Uma delas, por exemplo, foi o termo 'derrubada', que também foi sugerida para o termo *tackle*, o que obviamente causou diversos problemas de ambiguidade. Abaixo temos um trecho que representa a retextualização do termo *turnover*, ao passo que a parte em destaque representa a explicitação de *fumble*, necessário para exemplificar o primeiro termo.

- **T4**: "*turnover*" (***fumble***)¹⁹
- **Retextualização**: trocas de posse de bola, em que um time perde a posse por sofrer uma interceptação de passe, ou por um **jogador soltar a bola no chão antes de a jogada ser finalizada, e ela ser recuperada pela equipe adversária**

Um exemplo de como o termo *fumble* é significativo para o esporte, reside no fato de ele ser utilizado nos Estados Unidos como gíria para descrever 'trapalhada'. O mesmo acontece no Brasil, quando utilizamos a expressão 'pisar na bola' derivada de um erro no futebol, que serve para falar sobre um erro comum do dia a dia. *Fumble* geralmente é associado a um erro do jogador por não segurar a bola com a

¹⁹ Assim como '*intentional grounding*', o termo '*turnover*' não compõe o elenco de termos escolhidos para análise, porém, '*fumble*' é um dos tipos possíveis de '*turnover*', sua definição está incluída no conceito deste, por isso, a explicitação de '*turnover*' é utilizada como trecho de exemplificação.

firmeza necessária, deixando-a cair. Sendo assim, o termo serve como gíria comum à língua inglesa, ou seja, é parte integrante da cultura, o que representa um desafio para a tradução (CARVALHO, 2012) sem eliminar as características esportivas que o termo traz consigo.

Quarterback é um termo que também foi transferido do esporte para a língua inglesa, tornando-se um elemento lexical utilizado para se referir ao ato de desempenhar um papel fundamental, comandar ou dirigir algo, como no exemplo apresentado por Ulisses Wehby de Carvalho (2012): "He was hired to **quarterback** a team of professionals who will execute an effective financial plan". Já a sua possível tradução 'armador' seria um elemento lexical que viria a ser utilizado como termo no esporte. Tal distinção mostra a diferença entre a carga cultural que ambos os termos detêm: um é motivado pelo esporte e, portanto, possui uma identidade com o futebol, enquanto sua tradução apenas faz referência a função do jogador transferida para outro contexto de uso da língua.

Por último, o termo *field goal* não foi retextualizado pois não foi utilizado em T1 e T4, mas por ser muito recorrente no meio, faremos uma explicação de seu conceito para entender os motivos de ainda não ter sido traduzido. *Field goal* remete a diferentes conceitos a depender do esporte ao qual estamos nos referindo. No basquete, por exemplo, corresponde a um arremesso de quadra, ou seja, uma tentativa de pontuar que irá contar nas estatísticas. Já no futebol americano, o termo possui uma complexidade maior e representa a tentativa de um time pontuar mediante uma jogada, em que um jogador segura a bola no chão para que outro a chute e tente acertá-la entre as traves amarelas ao final do campo de ataque. Se bem sucedida, a jogada pode render 3 pontos caso o chute seja realizado durante um dos *downs* (descidas). Também há a possibilidade de o chute render 1 ponto, caso seja uma tentativa de ponto extra após um *touchdown* (pontuação de 6 pontos ao cruzar a linha final de campo). Mesmo com esta longa explicação, o termo ainda é difícil de ser compreendido sem explicações adicionais em relação às situações em que pode ocorrer.

Tal comparação entre os conceitos do termo em dois esportes diferentes novamente nos faz entender quão complexo é o futebol americano, sua terminologia e suas regras. Este provavelmente seja um dos principais obstáculos na elaboração de traduções de termos da área. A estratégia de explicitação torna o texto extremamente longo, enquanto que uma tradução pela elaboração de um termo

difícilmente abarque toda a profundidade das regras. Mais uma vez, chegamos à conclusão de que o empréstimo corresponde à estratégia mais adequada para traduções da área, por permitir o rápido resgate de toda complexidade das relações terminológicas do esporte, funcionando para o leitor especializado e sendo a opção com menos riscos de ambiguidade para o leitor que não possui conhecimento do assunto.

4.2 A RETEXTUALIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

Conforme exposto anteriormente, a motivação para traduzir os termos técnicos analisados nesta pesquisa surgiu a partir das inúmeras traduções equivocadas para o termo *quarterback* em filmes sobre o futebol americano. Por esta razão, decidimos propor uma tradução totalmente domesticadora de termos recorrentes nos textos T1 (assumidamente traduzido da língua inglesa) e T4 (produzido originalmente em língua materna), para testar a recepção da tradução dos termos entre leitores especializados neste esporte, a saber: técnico, fãs, jogadores. Nossa tradução buscou considerar a definição e o conceito integrantes do termo, repetindo a definição sempre que o termo era mencionado. O resultado obtido foi um texto excessivamente longo, cansativo, repetitivo e, principalmente, confuso, que comprova a hipótese de nossa pesquisa ao ser corroborado pelas respostas coletadas a partir do questionário apresentado (Ver: Anexo D). A tabela 5, a seguir, apresenta as perguntas feitas para os leitores, bem como o que esperávamos compreender por meio de cada uma:

As respostas detalhadas de cada um dos participantes constam no anexo deste trabalho. Na primeira pergunta (a respeito de como o leitor classifica o texto – Tabela 5, p. 31), as 3 primeiras opções (cansativo, repetitivo e redundante) foram selecionadas por mais de um participante, comprovando nossas expectativas em relação a recepção dos textos e as sensações que viriam a causar nos leitores. O fato de as opções 'divertido' e 'objetivo e claro' não terem sido marcadas confirma ainda mais a negatividade em relação a apreciação dos textos com a tradução forçada. Além disso, as opções 'de fácil compreensão', 'confuso' e 'fácil de ler' também foram marcadas uma vez, o que acabou refutando a hipótese de que leitores especializados não conseguiriam identificar o termo técnico por meio de sua tradução integral. Os leitores não só identificaram vários termos (*quarterback*,

linha de *scrimmage*, *running back*, *pocket*, entre outros relatados no complemento da questão 2. Ver: Anexo D como também questionaram a razão de explicar o que já sabiam automaticamente. Ao terem compreendido um texto tão denso e carregado de explicações, demonstraram ser verdadeiros especialistas no esporte, que possuem autoridade para opinar sobre o assunto. Na pergunta 3 (sobre qual estratégia de tradução é preferida pelo leitor – Tabela 5, p.31), todos marcaram a mesma opção, demonstrando sua preferência pelo uso dos termos técnicos em inglês para otimizar a comunicação e torná-la mais objetiva, o que também é confirmado pelas respostas da questão 5 (que indaga o leitor sobre os efeitos que o uso de empréstimos causa no texto – Tabela 5, p.32)

Enquanto a pergunta 4 (referente a especificação do leitor – Tabela 5, p.32) foi formulada apenas para identificarmos o tipo de leitor que participava da pesquisa, a pergunta 5 serviu para confirmar pressupostos teóricos discutidos neste trabalho e que justificam a escolha do uso de empréstimos terminológicos como estratégia de tradução. Todas as opções foram marcadas por ao menos um participante, sendo que um deles selecionou todas. As duas primeiras opções confirmam o fato de que uma terminologia padronizada auxilia na comunicação entre especialistas, já as duas últimas comprovam a importância do elemento cultural e das pressuposições em relação ao leitor no processo da tradução.

As sugestões e comentários realizados na questão 6 (em que pediu-se a opinião aberta do leitor em relação aos textos e sua tradução – Tabela 5, p. 32) reiteram a justificativa da escolha da estratégia de explicitação dos termos para a retextualização proposta por este trabalho, ao invés de uma tradução direta. Isso porque dois dos participantes comentaram a impossibilidade ou dificuldade de tradução de certos termos, assim como fizemos na item 4.1, alegando que a 'explicação' é uma opção, mas que torna o texto 'chato, cansativo e repetitivo', sendo o empréstimo mais apropriado.

Outra hipótese que pôde ser comprovada foi o fato de os leitores finais experimentarem um estranhamento na explicação de termos já consolidados na área e no seu imaginário. Uma das respostas enfatizou que tais explicações não são necessárias para alguém que já possui conhecimento básico dos termos do jogo. Entretanto, outra resposta alega que o texto torna-se cansativo até mesmo para o leitor leigo, sendo que este poderia ser uma das motivações para se utilizar tal estratégia. Em nosso entendimento, um leitor não especializado teria muita

dificuldade para compreender o texto devido a sua densidade e a quantidade de informações que se relacionam e dependem uma da outra para construção do significado. Assim sendo, mesmo que o texto seja voltado ao público não especializado, no caso do futebol americano, a estratégia de explicitação dos termos não seria adequada, tampouco a tradução deles. Tal ponderação nos leva para as considerações finais desta pesquisa, a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, buscamos compreender melhor as razões e motivações de um tradutor no processo de escolha das estratégias que emprega em seu trabalho. A curiosidade para tentar alcançar tal entendimento surgiu a partir da observação de escolhas que julgamos não adequadas para o tipo de texto analisado, ou seja, ao detectarmos que o tradutor deixou de considerar o contexto de TF e do TT, de forma conjunta, para então optar pela estratégia que funciona para o leitor final.

A partir dos questionamentos feitos a partir dessas observações, procuramos identificar uma área do conhecimento em que a tradução ainda não foi padronizada, o que fez do futebol americano uma ótima opção, pois o autor poderia utilizar seu conhecimento do esporte para colaborar com a análise dos termos e aliar os estudos com uma de suas atividades de lazer. Com isso, elaboramos os objetivos da pesquisa, que envolviam a seleção e análise de empréstimos terminológicos recorrentes em textos voltados a leitores especializados. Em seguida, nossa proposta foi retextualizar dois desses textos, explicando os termos integralmente, a fim de testar a aceitação dessa explicitação com o público alvo em questão.

Para fundamentar a pesquisa, adotou-se a concepção de tradução do funcionalismo alemão (NORD; 1991) que considera a tradução como ato comunicativo inserido em um contexto real, no qual a mensagem e seu propósito devem ser compreendidos pelo leitor final para que a tradução 'funcione' e seja adequada ao contexto pretendido. Para tanto, o tradutor deve considerar aspectos como as intenções do autor, a cultura do TF e do TT, o conhecimento prévio do leitor final e o contexto de produção e de recepção do texto. O estudo do funcionalismo ampliou consideravelmente a compreensão sobre estratégias tradutórias e o papel do tradutor no processo tradutório. A tradução é, portanto, não somente um processo interlinguístico, mas também intercultural, visto que o tradutor é responsável por tornar inteligível e fluída a comunicação entre o autor do TF e o leitor do TT.

Além do funcionalismo, muitos dos conhecimentos transmitidos por Mona Baker (2001) a respeito de terminologia foram essenciais, tanto para análise dos termos do *corpus* de trabalho, como para o entendimento das técnicas de

empréstimo e explicitação do termo dentro do texto, o que facilitou o processo de retextualização proposto.

Como hipótese sobre os resultados que seriam obtidos com a pesquisa, acreditou-se que a recepção dos textos teria uma resposta negativa, pois a explicação dos termos viria a causar estranhamento e tornar a leitura confusa. Além disso, esperava-se que os leitores especializados teriam preferência pelo uso dos termos originais, mantidos na língua inglesa. As expectativas foram correspondidas, como exposto no item 4.2, pois a tradução mediante explicitação dos termos não funcionou para o público a que foi apresentado (técnicos, jogadores e fãs do esporte). As respostas dos questionários demonstraram que todos os participantes preferem a leitura dos textos com os termos técnicos originais, apesar de terem conseguido identificar grande parte da terminologia contida nas retextualizações. Os participantes fizeram ainda comentários sobre a impossibilidade de tradução de certos termos e o fato de a repetição da explicação do termo no primeiro texto (T1), "desrespeitar a inteligência do leitor". Nesse sentido, a retextualização demonstrou que a estratégia de explicitação de um termo técnico pode ser inadequada para textos de especialidade, descaracterizando sua identidade como gênero textual e de seu grupo de leitores.

Assim, a análise dos termos, considerando sua história, sua relação cultural com o esporte e seus contextos de utilização, possibilitou constatar que a tradução de um termo complexo como *quarterback* não é capaz de transmitir toda a carga semântica e cultural inerente ao termo original. Desta forma, a opção por traduzir tais termos vai à contramão do que é estabelecido pela Teoria Geral da Terminologia (TGT), que defende que um termo traduzido deve recorrer a um conceito da mesma forma que o original e de forma integral.

Em artigo que reporta uma experiência prática de tradução de um jogo para computador, os autores Bruna Luizi Coletti e Lennon Motta (2013) colocam-se a favor da tradução de todos os termos técnicos da área, alegando ir contra seu próprio instinto *gamer*, visto que jogadores veteranos estão acostumados com tais termos, mas que seria necessário criar uma identidade nacional na localização de *games*, a fim de inserir um novo público consumidor. Acreditamos que a tentativa de impor uma nova cultura e identidade ao esporte seja ineficaz ao ser uma escolha que desconsidera o público alvo para a tradução. Sendo assim, não consideramos válido traduzir *quarterback* e esperar que novos apreciadores do esporte adotem a

nova terminologia, visto que certamente terão contato e serão influenciados pelos especialistas de longa data, que irão transmitir seus conhecimentos da forma como estão acostumados, e sem dúvida preferem, via empréstimos. Um exemplo simples é a tentativa de introduzir termos como 'sítio' para *site* e 'rato' ou 'apontador' para *mouse*. Seja para um usuário da língua especializado, ou não, na área de informática, o uso de tais termos traduzidos causa estranhamento e dificuldade na compreensão da mensagem, aparecendo somente em textos que forçosamente evitam a utilização de empréstimos. O mesmo aconteceria com uma tentativa de traduzir *quarterback* para 'armador' por exemplo, opção que julgamos ser a mais condizente com as funções do jogador e, portanto a mais adequada em uma possível tradução. Apesar de provavelmente não ser um termo que viesse a ser considerado um "erro" pelos especialistas da área, como acontece com 'zagueiro', acreditamos que seria considerado uma tradução desnecessária que ainda assim causaria estranhamento, sendo o termo recusado pelo público alvo e tendo seu uso ignorado, mesmo se convencionalmente aprovado, como nos casos 'sítio' e 'apontador'. O empréstimo terminológico facilita, portanto, a padronização da terminologia e propicia a interpretação inequívoca de um termo técnico. (KRIEGER, 2004, p. 75).

Considerando esses aspectos e os resultados obtidos, entendemos que este trabalho pode ser uma ferramenta adicional para discussões em sala de aula de Estudos da Tradução, ao exemplificar uma situação de análise da melhor escolha de estratégia de tradução embasada no Funcionalismo e de língua inglesa, ao demonstrar como o fator linguístico aproxima culturas e também, como um aspecto cultural (no caso o esporte) pode também facilitar e motivar o aprendizado.

Devido às limitações de tempo e extensão de um trabalho de conclusão de curso, o público alvo utilizado para testar a recepção das retextualizações foi reduzido. Sendo assim, propomos que em trabalhos futuros, sejam feitos estudos semelhantes e mais abrangentes, com um número maior de leitores. Sugerimos também a tradução de termos encontrados em língua portuguesa, como o caso de 'armador' para *quarterback*, para então, novamente testar sua recepção, a qual acreditamos que também será negativa entre leitores especializados no esporte. Espera-se, assim, que este trabalho contribua para dar mais visibilidade e compreensão do futebol americano e a própria área dos estudos tradutórios, e que sua ascensão seja cada vez maior, tanto em número de fãs quanto praticantes.

Quanto à tradução, sugerimos análises de outros textos técnicos que considerem todos os elementos da tabela proposta por Christiane Nord (1991), testando a retextualização do texto escolhido com outros públicos. A tradução técnica representa a maior parcela do mercado de traduções e para termos pessoal capacitado para tais serviços é necessário que mais pesquisas sejam realizadas e divulgadas.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Francis Henrik. **Introdução a Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilingüe**. 2. ed. Cadernos de Terminologia, FFLCH/USP, Humanitas, n. 2, 2001.
- AZENHA JUNIOR, João. **Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1999. 158p.
- BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies, Second Edition**. London & New York: Routledge, 2001.
- CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.
- CARVALHO, Ulisses Wehby de. **O Inglês na Marca do Pênalti**. São Paulo: Disal Editora, 2012.
- COLETTI, Bruna Luizi e MOTTA, LENNON. **A Localização de Games no Brasil – Um ponto de vista prático**. In-Traduções, ISSN 2176-7904, Florianópolis, v. 5, n. esp.– Games e Tradução, p. 1-12, out 2013.
- COSTA, Maria José et ali (Org.). **Transpondo fronteiras: a tradução e o jornalismo nas suas interfaces**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2016.
- DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. **Os Tradutores na História**. São Paulo: Ática, 1998. Tradução de Sérgio Bath.
- HOLMES, J.S. **The name and nature of translation studies**. In Holmes, Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies, Amsterdam: Rodopi, 1988 p. 67–80.
- JAKOBSON, R. **On linguistic aspects of translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959, p. 232–239.
- JESUS, Ana Maria Ribeiro. **Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica**. In: TradTerm. São Paulo: Universidade de São Paulo, dezembro/2012, v.20, p. 111-128.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARTÍNEZ, Solange. **Características específicas de la traducción técnica**. Disponível em <<http://www3.uji.es/~gamero/caracteristicastraducciontecnica.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016
- MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: theories and application**. NY: Routledge, 2001.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.

POLCHLOPEK, Silvana; AIO, Michelle de Abreu. Tradução técnica: Armadilhas e desafios. In: **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**. São Paulo: Anhanguera Educacional S.A, 2009.

REISS, Katharina e VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoria funcional de la traducción**. Tübingen: Akal Ediciones, 1996. Tradução do alemão de: Sandra García Reina e Celia Martín de León.

VENUTI, Lawrence. **The translator's Invisibility: a history of Translation**. London and New York: Routledge, 1995.

VINAY, J.-P. and J. DARBELNET (1958, 2nd edition 1977) **Stylistique comparée du français et de l'anglais: Méthode de traduction**, Paris: Didier, translated and edited by J. C. Sager and M.-J. Hamel (1995) as *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*, Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Trad. Anne- Cécile Nokerman. Universidad Pompeu Fabra: Barcelona, 1998.

ZIPSER, Meta Elisabeth e POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos estudos de tradução**. Florianópolis : LLE/CCE/UFSC, 2008.

ANEXOS

ANEXO A - Textos coletados

Texto Original 1 (Acesso em 09/05/2016):

<http://www.growthofagame.com/2014/11/what-makes-a-quarterback-great/>

- Written by [Travis Brody](#)
- Topics: [All Topics](#) | [NFL](#) | [Tips](#)

Through the Eyes of a Signal-Caller: What Makes a Quarterback Great

Former Colts and Rams general manager and personnel legend Don Klosterman [may have put it best when he told former Giants general manager Ernie Accorsi](#), “Do not evaluate a quarterback the way you evaluate the other 21 positions. They’re playing a different sport. With a quarterback, it’s the things you can’t put down on paper that make all the difference.”

The quarterback is a unique position not just in football, but in all sports. It requires a physical skill set unlike any other, and most of all it requires a specific disposition which is rare in occurrence and difficult to quantify. As Klosterman said, “it’s the things you can’t put down on paper that make all the difference”. So what are these qualities that you can’t measure on paper?

Let’s start first with perhaps one of the more quantifiable measurements. In all the years I’ve played, [coached](#), and been around the game of football, I’ve never met an unintelligent quarterback. There are players I’ve met or coached that didn’t have the highest grades in school, however academic marks are not necessarily the best indication of a person’s intelligence. Quarterbacks need to have the mental capacity to understand the schemes of an entire offense as well as the opposing defense. They need to understand the assignments of every offensive player on every play and read the defensive formation to identify strengths and weaknesses. Meanwhile, the quarterback needs to fulfill his assignment flawlessly for the play to have a chance of succeeding – whether it’s handing the ball off or throwing the ball downfield.

The closest thing that the NFL has to a measure of intelligence is something called the Wonderlic Cognitive Ability Test. Prior to the NFL Draft every year, NFL hopefuls are administered the Wonderlic test – a 12-minute, 50 question exam that assesses a player’s aptitude for learning and problem-solving. The average NFL player scores a 20 on the exam, while quarterbacks on average score a 24. However, some quarterbacks have achieved a much higher-than-average score, including Alex Smith (40), Eli Manning (39), Colin Kaepernick (38), Matt Stafford (38), Andrew Luck (37), Tony Romo (37), Aaron Rodgers (35), and Tom Brady (33). The top 20 quarterbacks in the NFL this year (evaluated by passer rating) have scored at least a 25 on the exam. One starting quarterback – Houston’s Ryan Fitzpatrick – has the 3rd highest score of all-time, registering a 48 on the test. It’s fair to say that intelligence is a major contributing factor to being a good quarterback.

Then you have the qualities that simply can’t be tested: character, leadership, supreme confidence, positive attitude, toughness, and resilience. The quarterback has to be the leader of his team at all times, he needs to take responsibility for team’s losses yet deflect responsibility for the team’s wins, and be the most committed player in the [organization](#). If he gets hit hard, he needs to bounce back up. If he’s hurt, he needs to soldier on. He needs to believe that the team can win on any given day and share that vision with everyone. All of these qualities lead to one thing: your teammates have to believe in you.

From a physical standpoint, throwing accuracy is by far the most important, yet underrated attribute of a good quarterback. Many NFL scouts and general managers have made the mistake in the past of evaluating a player more on his physical appearance rather than his actual ability to play the position. Tim Tebow, a player who had all of the other intangibles that make a quarterback great, simply lacked the elite accuracy

that is needed to play the position in the NFL. Conversely, quarterbacks like Drew Brees and Michael Vick have been able to overcome size limitations (both are about 6'0"/1.82m) due to their exceptional accuracy. The next most important physical factor for a quarterback is the ability to read the field. The quarterback needs to read the pre-snap defensive coverage, anticipate the rush, and work through his progressions to find his open receiver. This is the biggest adjustment for most quarterbacks between the college and professional level, and most fail in this regard. At the college level, the game is a bit slower, receivers often enjoy a larger gap in talent against defensive backs, and the offensive and defensive systems are less complex. Quarterbacks with superior athleticism can usually dominate at this level, whereas the gap in talent at the professional level is minimal at best. Defensive backs cover their receivers better which means there is a smaller window to throw the ball through, the game moves much faster so there is less time to react, and the defensive linemen and linebackers are much bigger, stronger, and more athletic. A great example of a player who was by all means a good quarterback but simply couldn't make this adjustment is Matt Leinart, the former Cardinals, Texans, and Raiders quarterback. Leinart excelled at the collegiate level at USC, winning two national championships while playing for Pete Carroll on one of the most talented college teams ever assembled. However in the NFL he simply couldn't adjust to the speed of the game and had great difficulty finding the open man. His accuracy and leadership ability could only take him so far, and ultimately his career fizzled out after just a few years in the league. Guys like Tom Brady and Peyton Manning are simply the best at this – working through their progressions to find the open receiver. This is one of the attributes that separates the good quarterbacks from the great ones.

Footwork is another attribute that can set great quarterbacks apart from the rest. Drew Brees has superior footwork, which gives him more range in the pocket than most quarterbacks. Former quarterbacks Drew Bledsoe and Ryan Leaf (who both coincidentally went to Washington State) were notorious for having poor footwork. This impeded both quarterbacks to varying degrees at different points in their careers.

Arm strength is also a major contributing factor, but not the most important. Quarterbacks such as Peyton Manning and Alex Smith excel in spite of mediocre arm strength, whereas Jay Cutler and Matthew Stafford have only experienced moderate success in spite of having elite level arm strength. Good players can negate this with consistent mechanics, good footwork, and hip rotation. It can be a valuable asset, but lacking arm strength is certainly something that can be overcome.

A quarterback's size and stature is important, but a quarterback can be either too short or too tall, too heavy or too light. Almost every quarterback in the NFL is between 6'0" and 6'6" (1.82m-1.98m) and 205 to 245 lbs (94kg-111kg). If a quarterback fits within these ranges, he's physically the right size to play in the NFL. Being too short makes it more difficult to see over your [offensive line](#), while being too tall makes you more lanky and less agile. Being too light can limit your strength and physical durability, and being too heavy can make you less mobile. Each of these measures can be overcome, however a quarterback of atypical size would likely need to compensate in some other way, i.e. arm strength, foot work, accuracy, etc.

Lastly, you have running ability, which is just as much of an asset as it is an impediment. It's extremely valuable in the short term and a great weapon to have in your arsenal, but running too often creates extraordinary risk. The quarterback is on most occasions your most important player, so calling designed running plays for him or forcing him to scramble is like playing with fire – eventually you'll get burned. In spite of all these physical characteristics, the mental attributes of a quarterback still outweigh these factors. If there was any doubt about this, just consider the following quarterbacks and their respective careers: Tom Brady, Peyton Manning, Jay Cutler, and Michael Vick. A case could be made that Cutler and Vick are the most talented quarterbacks in the league. Yet between them, they have played in zero Super Bowls and have only 5 playoff appearances between them (Cutler only has one). Brady and Manning have played in a combined 8 Super Bowls (including 3 wins for Brady and 1 for Manning) and have made the playoffs 24 times (with 2 more appearances coming this year). Why have Manning and Brady been far more successful than Cutler and Vick? One word: character. Their teammates believe in them, look up to them, and know that they'll always battle on every play. When the game is on the line, they trust their quarterback to come through. Conversely, Cutler has developed a reputation for pouting, poor decision making on the field, and has often lacked enthusiasm, while Vick has been criticized for many years for his

lack of commitment, poor discipline, and arrogance. These factors have greatly separated Brady and Manning from both Vick and Cutler, in spite of the latter's superior athletic ability.

When any player makes it to the NFL, it's clear that they [possess the physical attributes](#) to make it in the league. However, with the quarterback position it's the intangible things that make the greatest difference and separate elite players from average ones. The greatest quarterbacks to ever play the game have not necessarily been the most talented – it's their character that sets them apart.

Hopefully this has helped increase your understanding of the value of the quarterback position. Do you have anything to add to this? How does your assessment compare? Let us know in the comments section below.

Tradução do texto 1 (Acesso em 09/05/2016):

<http://www.growthofagame.com/2015/12/atraves-dos-olhos-de-um-quarterback-o-que-os-tornam-excelentes-jogadores/>

- Written by [Travis Brody](#)
- Topics: [Português](#) | [Translations](#)

Através dos Olhos de um Quarterback (1): O Que os Tornam Excelentes Jogadores?

Por: **Travis Brody**

Traduzido por: **Mariana Gomes**

Figura lendária e ex-gerente geral do Colts e do Rams, Don Klosterman, [não poderia ter se expressado melhor quando ele disse ao ex-gerente geral do Giants, Ernie Accorsi](#), “Não avalie um [quarterback \(1\)](#) do jeito que você avalia as outras 21 posições. Eles estão jogando um esporte diferente. Com um [quarterback \(1\)](#), são as coisas que você não pode colocar no papel que fazem toda a diferença”.

[Quarterback \(1\)](#) é uma posição única, considerando não apenas o futebol americano, mas todos os esportes. Isso requer um conjunto de habilidades físicas diferente de qualquer outra e, acima de tudo, requer uma disposição específica que é rara de se encontrar e difícil de quantificar. Como Klosterman disse, “são as coisas que você não pode colocar no papel que fazem toda a diferença”. Então quais são essas qualidades que você não pode colocar no papel?

Vamos começar com um requisito que talvez seja um dos mais mensuráveis. Durante todos os anos em que eu estive jogando, [treinando](#) ou envolvido com o futebol americano, eu nunca conheci um [quarterback \(1\)](#) que não fosse inteligente. Eu encontrei ou treinei alguns jogadores que não tinham as melhores notas na escola, entretanto feitos acadêmicos não são necessariamente os melhores indicadores da inteligência de uma pessoa. [Quarterbacks \(1\)](#) precisam ter a capacidade mental de compreender todo o esquema do ataque, bem como da defesa adversária. Eles precisam saber as atribuições de cada jogador ofensivo, em todas as jogadas e ler a formação da defesa para identificar os pontos fortes e fracos. Enquanto isso, o [quarterback \(1\)](#) tem que cumprir a sua missão com perfeição para que as jogadas sejam executadas com sucesso – seja na execução de um [handoff \(2\)](#) ou do lançamento da bola. A coisa mais próxima que a [NFL](#) tem para medir a inteligência é algo chamado *Wonderlic Cognitive Ability Test*. Todo ano, antes do [Draft \(3\)](#), os possíveis futuros jogadores da [NFL](#) passam por este teste – são 12 minutos para responder 50 questões que avaliam a aptidão de um jogador para a aprendizagem e resolução de problemas. A média da pontuação dentre os jogadores da [NFL](#) neste teste é 20, enquanto os [quarterbacks \(1\)](#) têm uma média de 24 pontos. Entretanto, alguns [quarterbacks \(1\)](#) conseguiram uma pontuação muito maior do que a média, incluindo Alex Smith (40), Eli Manning (39), Colin Kaepernick (38), Matt Stafford (38), Andrew Luck (37), Tony Romo (37), Aaron Rodgers (35) e Tom Brady (33). Os 20 melhores [quarterbacks \(1\)](#) da [NFL](#) em 2014 (considerando o *passer rating(?)*) fizeram pelo menos 25 pontos no teste. Um [quarterback \(1\)](#) titular – Ryan Fitzpatrick

do Texans Houston – tem a terceira melhor pontuação de todos os tempos, marcando 48 pontos no teste. É legítimo dizer que a inteligência é o principal fator contribuinte de um bom **quarterback (1)**. Além disso, existem qualidades que não são simplesmente medidas em testes: caráter, liderança, confiança suprema, atitude positiva, firmeza e determinação. O **quarterback (1)** precisa ser o líder da sua equipe em todos os momentos, ele precisa assumir a responsabilidade das derrotas e, ainda, compartilhar a responsabilidade das vitórias e ser o jogador mais comprometido com a equipe. Se ele sofre uma pancada forte, ele precisa se recuperar. Se ele está machucado, ele precisa aguentar e seguir em frente. Ele precisa acreditar que a equipe pode vencer em qualquer dia e difundir essa visão dentro todos. Todas estas qualidades se resumem a uma coisa: os seus companheiros de equipe tem que acreditar em você. Do ponto de vista físico, a precisão é, de longe, o atributo mais importante – atributo que ainda é subestimado. Muitos olheiros e gerentes gerais da **NFL** cometeram, no passado, o erro de avaliar o jogador mais pela sua aparência física do que pela sua habilidade de jogar nesta posição. Tim Tebow, um jogador que tinha todos os outros atributos intangíveis de um ótimo **quarterback (1)**, simplesmente não tinha a precisão no nível necessário para jogar nesta posição na **NFL**. Por outro lado, **quarterbacks (1)** como Drew Brees e Michael Vick têm sido capazes de superar as limitações físicas de tamanho (ambos com cerca de 1.82m) devido a uma excepcional precisão.

O próximo fator físico mais importante para um **quarterback (1)** é a capacidade de leitura no campo. O **quarterback (1)** precisa ler a cobertura da defesa antes do **snap (4)**, estar atentamente antecipado ao **pass rush (5)** e trabalhar sua progressão para encontrar o seu receptor livre. Esta é a maior adaptação para a maioria dos **quarterbacks (1)** na transição do **college (6)** para o nível profissional, e a maioria falha. No nível do **college (6)**, o jogo é um pouco mais devagar, os receptores frequentemente são mais talentosos do que os **defensive backs (7)**, e os sistemas ofensivos e defensivos são menos complexos. **Quarterbacks (1)** com nível atlético superior geralmente dominam neste nível, enquanto que a diferença de talentos no nível profissional é mínima, na melhor das hipóteses. **Os defensive backs (7)** cobrem melhor os receptores, o que significa que existe uma janela menor de possibilidades para lançar a bola, o jogo se move muito mais rápido, mais forte e mais atlético. Um grande exemplo de jogador que tinha todas as qualidades de um bom **quarterback (1)**, mas simplesmente não conseguiu fazer essa transição é Matt Leinart, ex-**quarterback (1)** do Cardinals, Texans e Raiders. Leinart se destacou no **college (6)** na USC, vencendo dois campeonatos nacionais enquanto jogava para o Pete Carroll em uma das equipes de **college (6)** mais talentosas já montadas. No entanto, na **NFL**, ele simplesmente não conseguiu se adaptar à velocidade do jogo e tinha grandes dificuldades para achar um jogador livre. Sua precisão e capacidade de liderança só poderiam leva-lo até certo ponto e, então, sua carreira fracassou depois de apenas alguns anos na liga. Jogadores como Tom Brady e Peyton Manning são simplesmente os melhores nisto – trabalham suas progressões até encontrar o receptor livre. Este é um dos atributos que separam os bons dos melhores **quarterbacks (1)**.

Trabalho de perna é outro atributo que pode separar os grandes **quarterbacks (1)** dos demais. Drew Brees têm uma excelente habilidade com o trabalho de pernas, o que dá mais opções no **pocket (8)** a ele do que para a maioria dos **quarterbacks (1)**. Os ex-**quarterbacks (1)** Drew Bledsoe e Ryan Leaf (ambos, coincidentemente, da Washington State) eram conhecidos pelo trabalho de pernas ruim que tinham. Isso atrapalhou ambos os **quarterbacks (1)** em diferentes graus e diferentes pontos de suas carreiras.

A força do braço é também um fator significativo, mas não é o mais importante. **Quarterbacks (1)** como Peyton Manning e Alex Smith são muito bem sucedidos apesar da mediana força no braço, enquanto Jay Cutler e Matthew Stafford têm um sucesso modesto apesar de terem uma força fenomenal no braço. Bons jogadores conseguem superar isso com uma mecânica consistente, um bom trabalho de perna e rotação do quadril. Pode até ser um recurso valioso, mas a falta de força no braço é certamente algo que pode ser superado.

O tamanho e a altura de um **quarterback (1)** são importantes, mas um **quarterback (1)** pode ser muito ser ou muito baixo ou muito alto, muito pesado ou muito leve. Quase todos os **quarterbacks (1)** na **NFL** têm entre 1.82m-1.98m e 94kg-111kg. Se um **quarterback (1)** se enquadra dentro desses limites, ele tem, fisicamente, o tamanho certo para jogar na **NFL**. Ser pequeno demais dificulta enxergar sobre a sua [linha ofensiva](#), mas também ser muito alto te faz ser mais esguio e menos ágil. Ser muito leve pode limitar a sua

força e durabilidade física, e ser muito pesado pode torna-lo menos móvel. Cada uma dessas medidas pode ser superada, no entanto o **quarterback (1)** de tamanho atípico provavelmente precisa compensar de alguma outra forma, por exemplo, a força do braço, trabalhos de pernas, etc.

Por último, ter a capacidade de executar corridas, e nesse caso temos um impasse. Em curto prazo é extremamente valioso e uma incrível arma para ter em seu arsenal, mas se executado com muita frequência há grande risco de lesão. Normalmente, o **quarterback (1)** é o seu jogador mais importante, então chamar jogadas de corrida com ele ou força-lo a fazer constantemente um **scramble (9)** é como brincar com fogo – eventualmente você vai se queimar.

Apesar de todos esses atributos físicos, os atributos mentais de um **quarterback (1)** ainda superam esses fatores. Se havia alguma dúvida sobre isso, basta considerar os seguintes **quarterbacks (1)** e suas respectivas carreiras: Tom Brady, Peyton Manning, Jay Cutler e Michael Vick. Pode-se arriscar dizer que Cutler e Vick são os **quarterbacks (1)** mais talentosos na liga. No entanto, eles não fizeram nenhuma participação em **Super Bowls (10)** e têm apenas 5 participações em **playoffs (11)** (sendo apenas uma do Cutler). Brady e Manning têm, juntos, 8 participações em **Super Bowls (10)** (incluindo 3 vitórias do Brady e 1 do Manning) e 26 em **playoffs (11)**. Por que Manning e Brady têm mais sucesso do que Cutler e Vick? Uma palavra: caráter. Seus companheiros de equipe acreditam neles, olham para eles e sabem que eles sempre vão lutar por cada jogo. Nos momentos decisivos dos jogos, eles confiam em seus **quarterbacks (1)** para resolver essa situação. Por outro lado, Cutler tem uma reputação de ser mesquinho e de fazer decisões ruins no campo e, muitas vezes, lhe falta entusiasmo. Enquanto Vick foi criticado, por muitos anos, pela sua falta de compromisso, falta de disciplina e arrogância. Estes fatores têm separado Brady e Manning de Vick e Cutler, apesar da capacidade atlética superior destes últimos. Quando qualquer jogador consegue chegar à **NFL**, é claro que eles **possuem atributos físicos** para isso. No entanto, quando se trata de um **quarterback (1)** são os atributos intangíveis que fazem a grande diferença e separam os melhores jogadores dos medianos. Os melhores **quarterbacks (1)** que já jogaram não necessariamente eram os mais talentosos – é o caráter que os diferenciam.

*Esperamos que este artigo tenha ajudado a melhorar a sua compreensão do valor da posição **quarterback (1)**. Você tem algo que gostaria de acrescentar ao texto? Como comparar com a sua opinião? Conte para gente na seção de comentários abaixo.*

Texto Original 2 (Acesso em 09/05/2016):

<http://www.growthofagame.com/2014/11/10-ways-become-better-football-player/>

- Written by [Travis Brody](#)
- Topics: [All Topics](#) | [Tips](#)

10 Ways to Become a Better Football Player

As an athlete, you never feel like you've reached your full potential, regardless of your skill level. That's the great thing about not only American football, but all sports: you can always push yourself further than you've ever been. The human body and mind are capable of extraordinary feats, and sports offer us a way to channel our personal growth into something tangible and positive.

Here are the Top 10 ways to become a better football player:

1. Practice Makes Perfect

There are countless ways to improve the level of your game, but actually *playing* your sport is what makes the greatest impact. Malcolm Gladwell, author of the book "Outliers: The Story of Success" (Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT/BR](#)) spent years researching the common denominators among some of the world's most successful people. According to Gladwell, the key to success in any field is a matter of practicing a specific task for a total of approximately 10,000 hours. The "10,000-Hour Rule", as it has come to be known, can be applied directly to sports to make you a top-level athlete. With enough time

spent on the football field, you can become a phenom in your league and respected by your peers for your skill and dedication to the game.

First and foremost, never miss a team practice. Showing up early to team training to get in some extra work not only gives you an advantage over your teammates and competition, it shows the [coaches](#) that you're committed to the team and to becoming the best player you can be. Outside of scheduled practice time, you can meet up with a fellow teammate to practice skills: catching, blocking, passing, covering, and form tackling are just some of the things you can do. If you can't find a partner, find time to train on your own. There are elements of every position that you can practice by yourself. [Quarterbacks](#) can work on their footwork, drop, and scrambling. Receivers can work on their routes and their release off the line. [Linemen](#) can work on their first move, footwork, and hands. Defensive backs can work on their backpedaling and break to the ball...and there's much more. The question is not what can be done, but rather how committed are you to getting better?

2. Learn the Rules

It happens every time a field goal or punt is deflected. Some players simply don't know what to do – do I pick the ball up and run with it? Do I let it go? What happens if the opposing team picks it up? Even many NFL players are unaware of some of the rules of the game, and it's their *profession*. If you don't believe it, check out Donovan McNabb's infamous press conference after the Philadelphia Eagles' 13-13 tie vs. the Cincinnati Bengals in 2008 [where he admitted he did had no idea a game could end in a tie](#). Talk about embarrassing.

Knowing the rules better than your opponent can be the difference between winning and losing. Make sure to brush up on the rules of the game so you can avoid the same thing happening to you. Most leagues in Europe play by NCAA rules, so check out the updated [NCAA Rule Book](#) to brush up on any gaps in knowledge. Remember, knowing the rules means knowing ALL the rules.

3. Lift, Lift, Lift

We all know that putting time in at the gym will get you bigger and faster. Focus on strength and mass, and less about looks. I can't tell you how many guys I've played with that really looked the part, but couldn't lay a block or make a tackle to save their lives. You're training for football, not a swimsuit competition. Tim Ferriss, author of "The 4-Hour Body" (Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT/BR](#)), recommends focusing on a concept called the "minimum effective dose". Rather than putting in 4-6 sets of one exercise he suggests maxing out on one set of 8+ reps until you can't move the weight anymore, which is the minimum you need to lift to see the results you want to achieve. This way you're getting 80 percent of the value with only 20 percent of the time and effort.

Make sure you establish a solid plan and record all the details of your workouts. This will enable you to follow your progress and feel a sense of accomplishment every time you reach a personal best. No goal can be reached without a solid and realistic plan to get you there.

4. Diet

Many nutritionists have estimated that what you eat accounts for 80% of muscle growth, while training accounts for only 20%. If you don't watch what you put into your body, you're unlikely to get the results you want. Protein is vital to muscle growth, and chances are you're not getting enough protein in your diet. [Dr. James Meschino](#), a renowned expert on dietary health and muscle development, suggests a simple formula to calculate your ideal daily protein intake. Moderately active people that exercise 5-7 times per week, including weight training 3-4 times a week, should multiply their weight in pounds by 0.6 (for kilos, multiply by 1.3) to calculate the number of grams of protein they should eat per day. People who engage in advanced activity, which includes exercise 5-7 times per week and at least 1 hour of weight training 5+ times per week, should multiply their weight in pounds by 0.7 (for kilos, multiply by 1.5) to get their number. Lastly, elite-level athletes should multiply their weight in pounds by 0.8 (for kilos, multiply by 1.7) to maximize their muscle growth.

Stay away from processed foods, caffeine, and sugars. Eating meat is fine, but be aware that not all meat provides the same amount of protein per calorie. Lean meats such as chicken and turkey provide more protein with less calorie intake, while fatty meats such as beef and pork have a much higher calorie content.

Skill positions such as receivers, defensive backs, running backs, and quarterbacks should focus on building lean mass (high protein/low calorie) while linemen and linebackers should focus on adding bulk (high protein/high calorie). Again, Tim Ferriss' "The 4-Hour Body" (Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT](#)) is simply the best work written on the subject.

5. Watch film

There's a reason why Peyton Manning is one of the best in the game. He is not a great athlete, lacks any kind of real speed, has below average arm strength for an NFL quarterback and, is not particularly accurate compared to guys like Tom Brady, Drew Brees, or Aaron Rodgers. However, no one questions Peyton's preparation and knowledge of the game. Most of this is achieved through the hours and hours he spends studying film. He studies his own game film and practice film, plus game film for upcoming opponents. This makes him mentally superior to almost anyone on the field.

Watching film allows you to learn from your mistakes and see things from another perspective. You can also learn new techniques and moves from other players. As Malcolm Gladwell states, "Achievement is talent plus preparation." Ask your coaches for a copy of their practice or game film to evaluate yourself. If your team hasn't established a viable filming strategy, help them establish a plan to make this a reality. Be part of the solution.

6. Position Specific Training

Make sure you identify the specific skill sets that are valued for your position. If you're an offensive lineman, strength, size, toughness, and team-first mentality are valued above all else. If you're a defensive back, quick feet, speed, good instincts, and a short-term memory are most important. Whether you're in the gym or going for a run, make sure that everything you do centers around those skill sets. Linemen rarely run more than 20-30 yards on a single play, so a 5-mile run is probably not going to provide much value. Quarterbacks rarely need to make a tackle, so taking part in tackling drills is going to be minimally effective. By focusing on your position's most-valued skill sets, you'll prevent injuries and focus all of your available time on being the best you can be at your position. You need to be as efficient as possible with your time and effort.

7. Get Your Sleep

Your body does 90% of its healing while you are sleeping. This is vitally important during the football season and most-important the night before a game. Alcohol interrupts your sleep cycle as well as the production of testosterone, which is beneficial for building muscle and energy. On game day, you need as much of both as you can get. Testosterone is generated from cholesterol, which is produced between 4:00-6:00am. Keeping a regular sleeping pattern and getting a full night's sleep will allow your body to recover and give you the energy you need the next time you play.

8. Play against better competition

One of the best ways to improve your game is to literally elevate your game. There are all sorts of creative ways to play against better competition. If you're a Junior, ask the Senior Head Coach about attending Senior practices. Even if you're only participating at a practice level, performing against players that are bigger, faster, and stronger will only [force you to raise your skill level to compete](#). You may even consider playing for a team in a higher division within your own country, or in another country that has a higher level of play altogether. There are Dutch, Austrian, and Spanish players playing in [Germany](#), for example. If you really want to challenge yourself, consider spending a semester or year abroad in the United States and walking onto the football team at your school. In all of these scenarios, the more you play against the best, the better you will be.

9. Endurance training

By the 4th quarter, most football players are performing at about 85-90% of their normal capacity. Imagine if you were able to maintain 100% capacity for the entire length of a game? That would mean that you'd have a significant advantage in crunch time, the point at which most games are decided. If you're still at peak endurance near the end of the game, you're playing on an entirely different level than everyone else

on the field. That means you have better focus, your coaches are more inclined to call a play that allows you to become the hero, and you garner the confidence of your teammates when the game is on the line. Work to get yourself in game shape by practicing at game speed. The more you play at full speed, the more prepared your body will be for the rigors of a football game. Run 40's after practice, take more snaps, or run more routes. Just make sure you're ready to go on game day.

10. Get feedback

Ask your coaches for feedback on your play. The benefit of an objective opinion is that they see some things that you may not. You'll be expressing the fact that you value their opinion and that you are focused on becoming a better player. These are very strong impressions to make in the eyes of a coach. Plus, you'll be learning a lot about the strengths and weaknesses of your game that'll give you some confidence and some areas to focus on.

What are your thoughts on this list? Do you have anything to add to any of these points, or would you have included something else with this list? Let's discuss in the comments below.

Tradução do texto 2 (Acesso em 09/05/2016):

<http://www.growthofagame.com/2015/09/10-dicas-para-ser-um-jogador-de-futebol-americano-melhor/>

- Written by [Travis Brody](#)
- Topics: [Português](#) | [Translations](#)

10 Dicas Para Ser um Jogador de Futebol Americano Melhor

Por: **Travis Brody**

Traduzido por: **Mariana Gomes**

Quando se é um atleta, você nunca experimenta a sensação de chegar a um potencial máximo final, independente do seu nível de habilidade. Uma das melhores coisas sobre, não apenas o Futebol Americano, mas todos os esportes: você sempre pode ir mais longe, não existem limites. O corpo e a mente humana são capazes de feitos extraordinários, e o esporte nos oferece um caminho para canalizar o nosso crescimento pessoal em algo concreto e positivo.

Aqui, apresentamos 10 dicas para ser um jogador de Futebol Americano melhor:

1. A prática leva à perfeição

Existem inúmeras maneiras de melhorar o nível do seu jogo, mas a verdade é que a forma mais eficaz é praticando o seu esporte. Malcolm Gladwell, autor do livro "Fora de Série – Outliers"

(Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT/BR](#)), passou anos pesquisando os denominadores comuns dentre algumas das pessoas mais bem sucedidas do mundo. De acordo com Gladwell, a chave para o sucesso, em qualquer campo, é uma questão de praticar uma tarefa específica durante aproximadamente 10.000 horas. A "regra das 10.000 horas", como tem sido chamada, pode ser aplicada diretamente nos esportes para fazer de você um atleta de alto nível. Praticando o tempo suficiente, no campo de futebol, você pode se tornar um fenômeno da sua liga, e respeitado pelos seus colegas por suas habilidades e dedicação ao jogo.

Primeiro, e acima de tudo, nunca perca um treino da sua equipe. Chegar mais cedo para conseguir fazer um trabalho extra, não apenas te dá uma vantagem sobre os seus companheiros de equipe e de competição, mas mostra aos [treinadores](#) que você está comprometido com a equipe e em se tornar o melhor jogador que você puder.

Fora da programação dos treinos da equipe, você pode se encontrar com um colega para praticar algumas habilidades: recebimento de bola, bloqueio, passe, cobertura e técnicas de **tackle (1)**, são apenas algumas das coisas que você pode fazer. Se você não pode encontrar um parceiro, encontre um tempo para treinar por conta própria. Existem treinamentos específicos para cada posição que podem ser praticados sozinho. **Quarterbacks (2)** podem trabalhar o seu **footwork (3)**, o **dropback (4)**, e a saída do **pocket (5)**. Recebedores podem trabalhar suas rotas e sua saída. **Linemen (6)** podem trabalhar a sua primeira movimentação, **footwork (3)** e o uso das mãos. **Defensive backs (7)** podem trabalhar o **backpedal (8)** e a sua agilidade para quebrar em direção à bola... e tem muito mais. A questão não é o que pode ser feito, mas sim o quão comprometido você está em se tornar um jogador melhor.

2. Aprenda as regras

Isso acontece toda vez que um **field goal (9)** ou um **punt (10)** é defletado. Alguns jogadores simplesmente não sabem o que fazer – devo pegar a bola e correr? Devo deixar ela? O que acontece se o time adversário pegar a bola? Até mesmo muitos jogadores da **NFL** não têm conhecimento de algumas das regras do jogo, e esta é a profissão deles. Se você não acredita, veja a infame conferência de imprensa com Donovan McNabb, depois de um empate do Philadelphia Eagles contra o Cincinnati Bengals (13-13), em 2008, [onde ele admitiu que não tinha a menor ideia de que um jogo poderia terminar empatado](#). Uma situação constrangedora.

Saber as regras mais do que o seu oponente pode ser a diferença entre ganhar e perder. Certifique-se de revisa-las para evitar que a mesma coisa aconteça com você. A maioria das ligas da Europa joga com as [regras da NCAA](#), portanto confira a última versão do livro de regras para rever e esclarecer qualquer dúvida. Lembra-se, conhecer as regras significa conhecer TODAS as regras.

3. Academia

Todos nós sabemos que ir à academia com frequência faz você ficar mais forte e mais rápido. Foque mais em força e massa, e menos em aparência. Eu joguei inúmeras vezes com jogadores que tinham um grande porte físico, mas não tinham um bom bloqueio, tampouco eram capazes de **tacklear (1A)**. Você está treinando para jogar Futebol Americano, e não para campeonatos de corpos esculpturais.

Tim Ferris, autor de “4 Horas para o Corpo” (Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT/BR](#)), recomenda focar em um conceito chamado “dose mínima eficaz”. Ao invés de fazer 4-6 séries de um exercício, ele recomenda o máximo de carga em uma série de oito ou mais repetições, até que você não consiga mais mover o peso, que é o mínimo que você deve fazer para ter os resultados que você deseja alcançar. Dessa forma, você obterá 80% do resultado com apenas 20% do tempo e do esforço.

Certifique-se de estabelecer um plano sólido, e de registrar todos os detalhes dos seus treinos. Isso irá permitir que você acompanhe o seu progresso e que tenha um sentimento de realização toda vez que bater uma meta pessoal. Nenhum objetivo pode ser alcançado sem um plano sólido e realista para tal.

4. Dieta

Muitos nutricionistas estimam que o que você come é responsável por 80% do crescimento muscular, enquanto que o treino é responsável por apenas 20%. Se você não se preocupa com o que você ingere, é improvável que você obtenha resultados desejados. A proteína é essencial para o crescimento muscular e é possível que você não esteja consumindo as proteínas necessárias na sua dieta. [Dr. James Meschino](#), especialista de renome em saúde alimentar e desenvolvimento muscular, recomenda uma fórmula simples para calcular o consumo diário ideal de proteína. Pessoas moderadamente ativas que se exercitam de 5 a 7 vezes por semana, incluindo musculação de 3 a 4 vezes, deverão multiplicar o seu peso, em quilos, por 1.3 (para **pounds**, deve-se multiplicar por 0.6) para calcular o número de gramas de proteína que deve ser consumido diariamente. Pessoas que se dedicam a uma atividade física avançada, o que inclui exercícios de 5 a 7 vezes na semana e pelo menos uma hora de musculação, 5 ou mais vezes, devem multiplicar o seu peso, em quilos, por 1.5 (para **pounds**, deve-se multiplicar por 0.7) para saber o seu número. Por último, os atletas de altíssimo nível devem multiplicar o seu peso, em quilos, por 1.7 (para **pounds**, deve-se multiplicar por 0.8) para maximizar o crescimento muscular.

Fique longe de comidas processadas, cafeína e açúcar. Comer carne é bom, mas esteja ciente de que nem toda carne fornece a mesma quantidade de proteínas por caloria. Carnes magras, como frango e peru,

fornece mais proteínas com um menor consumo de calorias, enquanto carnes gordurosas, como a bovina e a suína, têm um teor mais elevado de calorias. Quem joga em posições denominadas *skill (11)*, como os recebedores, *defensive backs (7)*, *runningbacks (12)*, e *quarterbacks (2)*, devem focar na construção de massa magra (muita proteína / pouca caloria), enquanto que *linemen (6)* e *linebackers (13)* devem focar em aumentar a massa (muita proteína / muita caloria). Novamente, Tim Ferriss “4 Horas para o Corpo” (Amazon: [USA/UK/FR/ES/DE/IT/BR](#)) é simplesmente o melhor trabalho escrito sobre o assunto.

5. Assista a vídeos

Há uma razão por que o Peyton Manning é um dos melhores jogadores de Futebol Americano. Ele não é um grande atleta, não é veloz, tem a força no braço abaixo da média para um *quarterback (2)* da NFL e não é tão preciso comparado com caras como Tom Brady, Drew Brees ou Aaron Rodgers. No entanto, ninguém questiona a sua preparação e conhecimento de jogo. Muito disso se deve à dedicação de horas e horas estudando vídeos. Ele estuda seus próprios jogos e treinos, além de jogos dos próximos adversários. Isso o torna mentalmente superior a quase todos que estejam dentro de campo.

Assistir a vídeos permite que você aprenda com os seus erros e veja coisas através de outra perspectiva. Você também pode aprender novas técnicas e movimentos dos outros jogadores. Como Malcolm Gladwell afirma, “O êxito é o resultado do talento mais a preparação”. Peça aos seus treinadores uma cópia do vídeo do treino ou do jogo para avaliar a si mesmo. Se o seu time não dispõe dessa estratégia, ajude-os com alguma ideia para tornar isso possível. Seja parte da solução.

6. Faça os treinamentos específicos da sua posição

Certifique-se de identificar o conjunto de habilidades específicas que são valorizadas para a sua posição. Se você é um jogador de linha ofensiva, força, tamanho, resistência e espírito de equipe são valorizados acima de tudo. Se você é um *defensive back (7)*, pés ágeis, velocidade, bons instintos, e a capacidade de se manter emocionalmente estável são mais importantes. Se você está na academia ou indo para uma corrida, certifique-se de que tudo o que você fizer tem relação com um desses conjuntos. *Linemen (6)* raramente correm mais do que 20-30 jardas em um único jogo, então provavelmente uma corrida de 8 quilômetros não vai ser muito útil. *Quarterbacks (2)* raramente precisam dar um *tackle (1)*, então, gastar o tempo de treino com técnicas de *tackle (1)* é pouco efetivo. Focando nas melhores habilidades relacionadas à sua posição, você vai prevenir lesões e concentrar todo o seu tempo disponível para ser o melhor que você puder na sua posição. Você precisa ser o mais eficiente possível com o seu tempo e esforço.

7. Durma o suficiente

O seu corpo faz 90% do trabalho de recuperação enquanto você dorme. Isso é de vital importância durante a temporada de Futebol Americano e ainda mais na noite que antecede o jogo. O álcool interrompe o ciclo de sono, bem como a produção de testosterona, e ambos são benéficos na produção de músculo e energia, que devem estar no nível máximo possível em dia do jogo. A testosterona é gerada a partir do colesterol, que é produzido entre as 4 e 6 horas da manhã. Manter um padrão de sono regular e dormir bem a noite irá permitir que o seu corpo se recupere e te dê a energia necessária para a próxima vez em que for jogar.

8. Jogue contra os melhores adversários

Uma das melhores maneiras de aprimorar o seu jogo é literalmente elevar o nível do seu jogo. Existem várias maneiras criativas para se jogar contra um adversário melhor. Se você joga no Juvenil, converse com o treinador principal sobre a possibilidade de treinar com o time *Senior*. Mesmo que você apenas participe dos treinos, treinar com jogadores maiores, mais rápidos e mais fortes irá induzi-lo a [desenvolver suas habilidades para competir](#). Você pode até considerar jogar para um time de uma divisão acima da sua, no seu próprio país ou até mesmo em outro que tenha um nível mais elevado. Há jogadores holandeses, austríacos e espanhóis que jogam na [Alemanha](#), por exemplo. Se você realmente quer desafiar a si mesmo, considere passar um semestre ou um ano nos EUA e entrar para o time da sua escola ou faculdade. Em todo caso, quanto mais você joga contra o melhor, melhor você será.

9. Preparação física

Quando chega o 4º quarto do jogo, a maioria dos jogadores de futebol americano está atuando em cerca de 85-90% da sua capacidade normal. Imagine se você fosse capaz de manter 100% da sua capacidade durante

todo o jogo? Isso seria uma significativa vantagem em um momento crucial da partida, momento em que a maioria dos jogos são decididos. Se você se mantém no pico de resistência, próximo ao final da partida, você está jogando em um nível completamente diferente dos demais que estão em campo. Isso significa que você tem o melhor foco, seus treinadores estão mais inclinados a chamar uma jogada que permita que você se torne o herói, e você aumenta a confiança dos seus colegas de time em situações em que o jogo está sendo disputado nos detalhes.

Trabalhe para estar pronto para as partidas, treinando no ritmo do jogo. Quanto mais você joga na velocidade máxima, mais o seu corpo vai estar preparado para as dificuldades de uma partida de futebol americano.

10. Peça um *feedback*

Peça um *feedback* sobre o seu jogo para os seus treinadores. O benefício de uma opinião objetiva é que eles veem algumas coisas que você talvez não. Você estará expressando o fato de que você valoriza a opinião deles e que você está focado em se tornar um jogador melhor. Esta é uma excelente forma de causar uma boa impressão aos olhos do treinador. Além disso, você vai aprender muito sobre os pontos fortes e fracos do seu jogo, o que vai te dar alguma confiança e conhecimento sobre quais aspectos você deve focar para melhorar.

Qual é a sua opinião sobre essa lista? Você tem alguma coisa a acrescentar a qualquer um desses tópicos, ou você teria incluído algo mais nesta lista? Opine e vamos conversar nos comentários abaixo.

Texto 3 (Acesso em 09/05/2016):

http://espn.uol.com.br/noticia/587068_nfl-oficializa-mais-duas-mudancas-de-regra-para-2016

NFL oficializa mais duas mudanças de regra para 2016

Publicado em 23/03/2016, 12:18 /Atualizado em 23/03/2016, 12:20ESPN.com.br

Além das sete mudanças já anunciadas na terça-feira, os donos das franquias da **NFL** aprovaram mais duas propostas nesta quarta, encerrando as reuniões de inverno da liga profissional de futebol americano.

De forma provisória, os jogadores que receberem duas faltas de conduta antidesportiva no mesmo jogo serão expulsos. Outra mudança diz respeito ao **touchback (1)** após os **kickoffs (2)**, que agora será posicionado na linha de 25 jardas do campo de defesa, e não mais na de 20 como anteriormente.

Vale ressaltar que ambas mudanças são provisórias e serão analisadas novamente ao fim da temporada 2016 para ver se ficarão nas regras de forma definitiva.

Veja abaixo as outras sete mudanças que haviam sido aprovadas na terça-feira:

- Os **extra-points (3)** agora permanentemente serão chutados da linha de 15 jardas do campo - em 2015, era uma medida provisória.
- Todos os **"chop blocks" (cama de gato) (4)** são ilegais.
- Será falta puxar pelo "colarinho" quando um defensor agarra o adversário na parte acima do nome e puxa o corredor em direção ao chão.
- Chamar um **timeout (5)** quando não é permitido resultará em uma falta de **"delay of game" (6)** (5 jardas).
- Membros da comissão técnica responsáveis pela chamada de jogada poderão usar a comunicação com os atletas independente do local no campo ou dentro da cabine de técnicos.
- Pegar um passe para frente depois de sair do campo e reestabelecer a posição em campo irá resultar em uma perda de descida ao invés de falta de 5 jardas.
- Não haverá mais vários pontos de contato para uma falta dupla depois de uma mudança de posse de bola.

Texto 4 (Acesso em 09/05/2016):

<http://profootball.com.br/noticias/saiba-quis-sao-as-19-propostas-de-mudancas-de-regra-para-2016-na-nfl/>

Saiba quais são as 19 propostas de mudanças de regra para 2016 na **NFL**

Antony Curti

- [Notícias da NFL](#)
- [21 de março de 2016 11:21](#)

Uma das coisas que mais me atraem no futebol americano e na **NFL** é o fato da liga saber que o esporte é algo dinâmico, sempre mudando e sendo mudado pelas inovações – sejam tecnológicas ou não. A resposta da **NFL** para tornar o futebol americano o mais comercializável o possível são constantes mudanças nas regras do jogo.

O Encontro Anual de Donos de Franquias ocorre no início desta semana em Boca Raton, Flórida. 19 propostas de mudança de regras de jogo foram enviadas pelas franquias e pelo Comitê de Competitividade da liga. **Uma delas foi tratada por mim neste artigo** – a previsão de expulsão de jogadores após duas faltas por conduta anti-desportiva. Mas as outras 18 são igualmente importantes. Vejamos, da maneira mais didática o possível, quais são e quem as propôs – lembrando que as regras que visam a segurança dos jogadores e aquelas propostas pelo Comitê de Competitividade têm chance maior de serem aprovadas.

1. Pelo Comitê de Competitividade; Permanentemente move a linha de *scrimmage (1)* em *extra points (2)* para a linha de 15 jardas e permite que a defesa possa retornar eventuais tentativas erradas – a regra era provisória para ano passado e deve ser aprovada neste ano de modo permanente.
2. Pelo Comitê de Competitividade; Permite aos técnicos que chamam jogadas a comunicação com jogadores através do ponto eletrônico, **estando eles na *sideline (3)* ou na cabine de técnicos**(localizada na arquibancada).
3. Pelo Comitê de Competitividade; Torna ilegal qualquer *chop block (4)* (bloqueio abaixo da cintura realizado por um jogador em outro que já estava sendo engajado por um bloqueador) ilegal. Esta é uma regra que já deveria ter sido aprovada há anos. O *chop block (4)*, para um jogador de linha defensiva, é o equivalente ao engajamento de um defensor com a coroa do capacete num recebedor indefeso.
4. Pelo Comitê de Competitividade; Desqualifica da partida um jogador que cometer duas faltas por conduta anti-desportiva.
5. Pelo Comitê de Competitividade; Muda o local da linha de *scrimmage (1)* para o *first down (5)* após *touchbacks (6)* em *free kicks (7)* (*kickoffs (8)*) ou *punt (9)* após *safety (10)*, por exemplo). De 20 jardas do campo defensivo para 25 jardas – clara regra que visa atenuar a maior eficiência dos *kickers (11)* em conseguir *touchbacks (6)* após a mudança do local da bola para *kickoffs (8)* (regra esta cujo escopo era coibir concussões, mais comuns em retornos).
6. Por Baltimore; Emenda à Regra 5, Seção 3, Artigos 1 e 2. Faz obrigatório que jogadores estejam usando números de camisa apropriados às suas posições em campo – regra que visa acabar com a polêmica de elegibilidade para jogadores de linha ofensiva apenas via sinalização. Os Ravens, lembrando, “sofreram” com a regra atual contra os Patriots na pós-temporada de 2014.
7. Por Baltimore; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigos 1, 4 e 5. Faz possível que os técnicos tenham três desafios por partida e expande o arcabouço de jogadas objeto de desafios – atualmente são dois por partida.
8. Por Buffalo; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigos 1, 4 e 5. Faz possível que qualquer marcação de campo – sem contar faltas – por parte da arbitragem seja objeto de desafio – com exceção a pontuações e *turnovers (12)*, já que estes são automaticamente revisáveis.
9. Por Carolina; Emenda à Regra 8, Seção 2, Artigo 1: Expandir a definição de exceção ao *intentional grounding (13)*, de modo a eliminar o pressuposto que haja um recebedor na área do passe ou que a bola seja recepcionável.
10. Por Kansas City; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1 (metade da distância). Adicionar as jardas de punição àquelas necessárias ao *first down (5)*.
11. Por Kansas City; Emenda à Regra 8, Seção 1, Artigo 2 (***Peyton Manning Rule***): Proibir que um *quarterback (14)* caia no chão, levante e realize um passe para frente.
12. Por Minnesota; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1. Elimina a necessidade de um técnico ter de ser bem sucedido nos dois primeiros desafios para ganhar um terceiro extra.
13. Por Washington; Emenda à Regra 16, Seção 1, Artigos 1, 4, 6 e 7. Elimina a necessidade de prorrogação em jogos de pré-temporada.

14. Por Washington; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 4. Possibilita que faltas pessoais sejam objeto de desafio dos técnicos.
15. Por Washington; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1. Elimina a necessidade de um técnico ter de ser bem sucedido nos dois primeiros desafios para ganhar um terceiro extra (mesma proposta de Minnesota, acima).
16. Pelo Comitê de Competitividade; Expande os casos nos quais a arbitragem pode marcar *horse collar rule (tackle pelo colarinho)* (15). Se o jogador engajar no *tackle* (16) ao segurar a camisa na altura do nome na *jersey* (17) para derrubar um jogador, será punido pela regra.
17. Pelo Comitê de Competitividade; Marcar-se-á falta por atraso de jogo (*delay of game*) (18) quando um time tentar chamar tempo quando não é permitido fazê-lo.
18. Pelo Comitê de Competitividade; Elimina a falta de 5 jardas quando um recebedor sai de campo e toca um passe para frente na volta – faz com que a falta seja perda do *down* (5A).
19. Pelo Comitê de Competitividade; Elimina múltiplos posicionamentos da bola na aplicação de dupla falta após troca de posse de bola.

Outras propostas de mudanças de regras, mas daquelas estruturais

Além de regras sobre o jogo em si (ou seja, do que acontece dentro de campo), outras dez mudanças de regras foram propostas. Elas tangem a aspectos estruturais do jogo. Por exemplo, Arizona propôs que a lista de jogadores ativos para uma partida suba de 46 para 48. Washington propôs que haja um dia a menos de corte na pré-temporada (o de 75 jogadores), permitindo que os elencos continuem sendo avaliados até os cortes para 53 em setembro.

Algumas são relativas ao processo de *Draft* (19) também. Por exemplo a oitava proposta, via Comitê de Competitividade, a qual sugere que as conferências da FCS (na prática, segunda divisão do *College* (20)) tenham um *pro-day* (21) para todas suas escolas – de modo a centralizar o processo, dado que existem menos prospectos em escolas da FCS.

Texto 5 (Acesso em 09/05/2016):

<http://profootball.com.br/noticias/com-von-miller-mvp-brancos-vencem-os-panthers-e-conquistam-o-super-bowl-50/>

Com Von Miller **MVP (1)**, Broncos vencem os Panthers e conquistam o **Super Bowl 50 (2)**

[Gabriel Moralez](#)

-
- [Notícias da NFL](#)
- [8 de fevereiro de 2016 05:41](#)

Ataques ganham jogos, defesas ganham campeonatos. Esta frase, um dos grandes clichês da NFL, resume muito bem o que vimos neste domingo no Super Bowl 50 (2). Com uma atuação monumental de sua defesa – certamente uma das maiores de todos os tempos no Super Bowl (2) -, Denver dominou os Panthers, venceu por 24 a 10 e levantou o terceiro Lombardi Trophy de sua história.

O *linebacker* (3) **Von Miller** foi eleito o MVP (1) da partida com seis *tackles* (4), 2,5 *sacks* (5) e dois *fumbles* (6) forçados, porém a defesa inteira dos Broncos merece elogios. Ao todo foram sete *sacks* (5), 13 *hits* (7) e muita pressão em cima de **Cam Newton**, além de quatro *turnovers* (8) forçados (três *fumbles* (6) e uma interceptação). Esta performance fica ainda mais impressionante quando lembramos que Carolina era o dono do melhor ataque da liga em termos de pontos por jogo (31,2).

Denver começa o primeiro tempo com tudo, mas Carolina equilibra as ações no segundo quarto

A primeira campanha do jogo foi curiosamente o momento de maior destaque dos Broncos no ataque. A equipe marchou 64 jardas em 10 jogadas, contudo parou na *red zone* (9) adversária e seu viúvo obrigou a se contentar com um *field goal* (10) de 34 jardas para inaugurar o placar. Na sequência, Denver continuou mais ligado na partida e alguns minutos depois chegou ao seu primeiro *touchdown* (11) da noite. Von Miller forçou um *fumble* (6) de Cam Newton e o *defensive end* (12) **Malik Jackson** levou a bola para a *end zone* (13).

Os Panthers, por sua vez, só conseguiram reagir no segundo quarto. Após um belo *drive* (14) de nove jogadas e 73 jardas, **Jonathan Stewart** anotou o *touchdown* (11) que diminuiu a diferença no placar com uma corrida de uma jarda. Depois disso, entretanto, tivemos poucos destaques, já que as equipes trocaram *punts* (15) e *turnovers* (8) (um *fumble* (6) para Carolina e uma interceptação para Denver). O último momento especial da primeira etapa foi o retorno de *punt* (15) de 61 jardas de **Jordan Norwood** – um recorde do Super Bowl (2) -, o qual possibilitou aos Broncos chutarem mais um *field goal* (10) e irem ao intervalo com uma vantagem de 13 a 7.

Carolina erra muito na segunda etapa e a defesa dos Broncos garante a vitória

Voltando do vestiário, os Panthers encaixaram uma boa campanha e posicionaram a bola para um disparo de 44 jardas de **Graham Gano**, porém o *kicker* (16) desperdiçou o chute que colocaria o time de volta na partida. Em seguida, Denver respondeu com outro *field goal* (10) convertido por **Brandon McManus**.

Carolina parecia estar conseguindo mover melhor a bola pelo campo no segundo tempo, mas novamente cometeu um erro fatal: Newton foi interceptado na linha de 10 jardas de Denver ao lançar um passe longo na direção de **Ted Ginn Jr.** – a jogada foi bastante bizarra, pois o **safety (17) T.J. Ward** interceptou o passe e na sequência sofreu um **fumble (6)** recuperado pelo **linebacker (3) Danny Trevathan**.

Os Panthers ainda tiveram um sopro de esperança no início do último quarto ao forçar um **fumble (6)** de **Peyton Manning** e chutar um **field goal (10)**, só que a noite era mesmo dos Broncos. Com cerca de quatro minutos para fim do jogo, Von Miller forçou outro **fumble (6)** de Newton e T.J. Ward levou a bola até a linha de quatro jardas do campo de ataque. Denver não desperdiçou a chance, entrou na **end zone (13)** com o **running back (18) C.J. Anderson**, converteu a tentativa de dois pontos e garantiu a vitória. Placar final de 24 a 10.

Este foi a terceira conquista de **Super Bowl (2)** da história dos Broncos e a segunda da carreira do **quarterback (19) Peyton Manning**.

Texto 6 (Acesso em 09/05/2016):

http://espn.uol.com.br/noticia/576224_simbolo-da-defesa-dos-broncos-von-miller-e-eleito-o-mvp-do-super-bowl-50

Símbolo da defesa dos Broncos, Von Miller é eleito o MVP (1) do Super Bowl (2) 50

Publicado em 08/02/2016, 01:49 /Gustavo Faldon, de Santa Clara (EUA), para o ESPN.com.br

Uma defesa monstruosa guiou o Denver Broncos ao terceiro título de **Super Bowl (2)**. Com uma atuação impecável do setor, a franquia do Colorado derrotou o Carolina Panthers por 24 a 10 e conquistou a 50ª edição do evento. Com este cenário, não poderia ser diferente a escolha do **MVP (Jogador Mais Valioso) (1)** da decisão: o 'símbolo' Von Miller.

Dono de seis **tackles (3)**, 2,5 **sacks (4)** e dois **fumbles (5)** forçados, o camisa 58 dos Broncos liderou o sistema defensivo diante do poderoso ataque de Cam Newton e companhia.

Segunda escolha no **draft (6)** de 2011 - atrás justamente de Cam Newton, **quarterback (7)** dos Panthers -, Von Miller apresentou-se de maneira soberba durante a partida realizada em Santa Clara, nos Estados Unidos.

O **linebacker (8)** dos Broncos se tornou apenas o nono jogador de defesa a receber o prêmio de jogador mais valioso do **Super Bowl (2)** na história, o segundo nos últimos três anos do evento mais importante do ano na **NFL**.

O último atleta de defesa agraciado foi Malcom Smith, **linebacker (8)** do Seattle Seahawks, em 2014.

Texto 7 (Acesso em 09/05/2016):

http://espn.uol.com.br/post/575828_alem-de-peyton-manning-tem-muito-de-brock-osweiler-nos-broncos-do-super-bowl

Além de Peyton Manning, tem muito de Brock Osweiler nos Broncos do **Super Bowl (1)**

Publicado em 07/02/2016, 08:00 /Rafael Belattini, do ESPN.com.br

ERIC LUTZENS/DENVER POST

Se a noite deste domingo terminar com o Denver Broncos conquistando o Lombardi Trophy, o **quarterback (2)** reserva, Brock Osweiler, terá tido um papel muito importante nisso.

A vida de reserva quando seu titular tem o "tamanho" de um Peyton Manning, não é fácil. São raras as oportunidades de ir para o campo, e quando isso acontece, ou o jogo já está definido, ou alguma coisa saiu muito errada.

As coisas iam muito mal na semana 10, quando Osweiler foi chamado para entrar na vaga de Manning na derrota para o rival Kansas City Chiefs.

Peyton havia lançado quatro interceptações e sofrido um **fumble (3)**. No dia após o jogo, foi anunciado que sofria de uma fascite plantar e ficaria fora de alguns jogos na temporada.

A temporada do camisa 18 não era de impressionar ninguém. Eram nove passes para **touchdown (4)** e 17 interceptações. Se tinha um momento com menos pressão para substituí-lo, a hora era aquela.

Em seu quarto ano na **NFL**, Osweiler comandou a equipe (que era empurrada pela defesa) para vitórias em seus três primeiros jogos.

O segundo deles, a importante partida contra o New England Patriots, vencida na prorrogação e que mudou a história dos **playoffs (5)**, pois acabou sendo decisiva para a conquista da melhor campanha da **AFC**, dando a vantagem do mando de campo até o **Super Bowl (1)**.

As derrotas contra os Raiders e os Steelers, na sequência, levantaram questionamentos e, com um jogo irregular contra os Chargers, na última semana, Manning voltava a ser titular.

Tudo tratado de forma natural, e sem incomodar Osweiler.

"Nós nunca tivemos uma conversa especial . Nós só seguimos em frente, como se nada tivesse acontecido. Eu estava lá para apoiá-lo, ele estava lá para me apoiar enquanto eu estava jogando. Nós temos uma grande relação profissional", disse o jogador em entrevista ao ESPN.com.br.

Manning é o único **quarterback (2)** com quem Osweiler trabalhou na **NFL**, sendo **draftado (6)** no mesmo ano que o lendário jogador chegou à Denver. O jovem comemora o "sonho" de trabalhar com ele e garante que o relacionamento é bom dentro e fora de campo.

Quando os Broncos precisaram, ele estava lá.

Sua função não foi apenas a de emular os rivais para treinar a defesa.

Brock Osweiler não foi um mero coadjuvante na temporada.

Texto 8 (Acesso em 09/05/2016):

http://espn.uol.com.br/noticia/574238_destaquas-do-super-bowl-defesas-de-brancos-e-panthers-foram-feitas-em-casa

Destaques do **Super Bowl (1), defesas de Broncos e Panthers foram 'feitas em casa'**

Publicado em 04/02/2016, 08:00 /Rafael Belattini, do ESPN.com.br

Ataques ganham jogos, defesas ganham campeonatos.

O ditado é antigo, mas pode ser a chave para o **Super Bowl (1)** 50, que acontece neste domingo, com transmissão da **ESPN** e do **WatchESPN**. Apesar de termos Peyton Manning e Cam Newton comandando os ataques, as defesas podem roubar a cena.

Durante a temporada regular, Denver Broncos e Carolina Panthers tiveram o primeiro e o segundo setores defensivos mais eficientes, respectivamente. A equipe do Colorado foi a que menos cedeu jardas por jogo, enquanto o time da Carolina do Norte foi a que mais roubou bolas dos adversários.

Em comum entre as franquias, o fato do sucesso de ambas não ser um fruto do acaso, mas sim de um planejamento a longo prazo e um trabalho muito bem feito de observação de futuros talentos dentro do futebol universitário.

Como não existe uma "categoria de base" dos times, a "prata da casa" é o fruto de um bom recrutamento de jovens que chegam do futebol universitário.

Os adversários do **Super Bowl (1)** foram a porta de entrada para **NFL** da maioria dos jogadores de suas defesas. Nos Panthers, com a contusão de Jared Allen, são nove jogadores **draftados (2)** pela franquia. Nos Broncos, são cinco titulares e oito reservas que tiveram a primeira chance na liga com a equipe do Colorado.

Um dos jogadores mais experientes da decisão saiu da primeira rodada do **draft (2)** de 2005. Na 14ª posição, os Panthers ficaram com Thomas Davis, três escolhas depois de Demarcus Ware, que foi para os Cowboys e chegou aos Broncos em 2014. Enquanto Ware volta de contusão, Davis corre contra o tempo após ter fraturado o braço na final da **NFC** e ter passado por cirurgia no dia seguinte, mas nada que o faça parar.

Outros dois **linebackers (3)** de destaque das equipes saíram cedo no recrutamento da **NFL**. Em 2011, Denver teve a segunda escolha e pegou Von Miller logo após os Panthers terem selecionado Cam Newton. No ano seguinte, na nona posição, Carolina selecionou um dos ídolos da equipe atual, Luke Kuechly.

Dos oito titulares de defesa que foram escolhidos na primeira rodada de um **draft (2)**, apenas o **cornerback (4)** Aqib Talib, dos Broncos, veio de uma terceira equipe, o Tampa Bay Buccaneers.

Entre os reservas, os Panthers têm outros três jogadores oriundos de **drafts (2)** e além de um que chegou como **rookie (5)** **free agent (6)**, o calouro não **draftado (2)**. Nos Broncos, são oito jogadores que chegaram à **NFL** pelo time, sendo que dois ainda são escolhas de primeira rodada, sendo o caso de Shane Ray (23º geral de 2015) e Bradley Roby (31º geral de 2014).

Em 49 edições do **Super Bowl (1)**, apenas nove defensores levaram o prêmio de **MVP (7)** da partida, sendo o último Malcom Smith, dos Seahawks, em 2014. No **Super Bowl (1)** 50, não será surpresa se tivermos o décimo. E será bem possível que ele seja "prata da casa".

Texto 9 (Acesso em 09/05/2016):

http://espn.uol.com.br/noticia/574970_pitbull-dos-brancos-quase-nao-entrou-na-nfl-hoje-tem-fundacao-para-desenvolver-jovens-talentos

'Pitbull' dos Broncos quase não entrou na NFL; hoje, tem fundação para desenvolver jovens talentos

Publicado em 03/02/2016, 06:00 /Gustavo Faldon, de Santa Clara (EUA), e Patrick Mesquita, para o ESPN.com.br

Chris Harris Jr sempre foi um atleta natural e elogiado quando criança. Nascido em Tulsa, no estado de Oklahoma, o atualmente **cornerback (1)** do Denver Broncos desde pequeno demonstrava habilidade para o esporte, tanto que ganhou honras nos tempos de colegial no futebol americano e basquete. Só que isso não é o suficiente para garantir alguém na **NFL**, e o caminho do jogador até o **Super Bowl (2)** 50 não foi nada fácil.

Se hoje é considerado um "pitbull", apelido dado pelos companheiros na forte defesa do atual campeão da **AFC**, com 58 **tackles (3)** e duas intercepções na temporada, Harris Jr viveu momentos de tristeza no começo da carreira.

O defensor, agora com 26 anos de idade, não foi **draftado (4)** por nenhuma equipe da liga e foi considerado "azarão" por muitos especialistas.

A chance de ouro veio em 2011, quando ele foi convidado para treinar com os Broncos. Olhado com desconfiança pelos treinadores da equipe, Harris Jr quase foi dispensado. No entanto, conseguiu uma vaga com baixo salário e a oportunidade de mostrar que tinha valor. Foi então que o **cornerback (1)** despontou.

Na primeira temporada foram apenas quatro partidas como titular, mas os números conquistados estavam acima da média para um novato. Com 72 **tackles (3)** e uma intercepção, o atleta virou titular e não largou mais o posto. O auge veio em 2014, com a primeira indicação para **Pro Bowl, evento que reúne os melhores atletas da NFL**.

Só que um novo drama atrapalhou o sonho do atleta logo no início dos **playoffs (5)** daquela temporada, obrigado a passar por uma cirurgia após romper o ligamento cruzado anterior do joelho direito, ele ficou seis meses afastado. Meio ano depois, o **cornerback (1)** estava pronto para dar a volta por cima e ser novamente selecionado para o **Pro Bowl**.

Agora peça fundamental na defesa dos Broncos, o **cornerback (1)** é considerado um dos defensores mais perigosos e inteligentes de toda a liga. Uma das principais características é passar horas com um tablet estudando o próximo adversário.

Toda a dificuldade para atingir a **NFL** jamais foi esquecida. Ainda marcado pelo rótulo de "azarão", o atleta decidiu criar uma fundação para ajudar no desenvolvimento de jovens que buscam superar as barreiras da vida. Em 2012, nasceu a Chris Harris Jr. Foundation.

"Nós fazemos muita coisa. Eu tenho programas com crianças, acompanho como elas vão na escola, elas se exercitam. Eu faço muita coisa na comunidade. Eu tento dar tudo para as crianças. É tudo com a mentalidade de azarão. Eu sou um azarão, cheguei nessa liga sem ser draftado (4), então é assim que eu trabalho", disse ao **ESPN.com.br** durante o **Media Day** do **Super Bowl (2)**. Chris Harris estará em campo com o Denver Broncos neste domingo (7) para a disputa do **Super Bowl (2)** 50. A missão é superar o forte Carolina Panthers, time que foi derrotado apenas uma vez nesta temporada e tem um dos ataques mais explosivos da liga, comandado por Cam Newton. O título da **NFL** coroaria a trajetória de quem quase não conseguiu realizar um sonho de infância.

Texto 10 (Acesso em 09/05/2016):

<http://www.entrejardas.com.br/de-olho-no-scouting-combine/>

- SUELI LOIOLA
- 25 DE FEVEREIRO DE 2016
- #COLABORADORES, #DESTAQUE, NOTÍCIAS

De olho no **Scouting Combine** (1)

Com o início do **Combine (1)**, os olhares voltam-se para aqueles jogadores que foram destaque no **College (2)**. Possivelmente, 335 desses jogadores estarão no **Draft (3)**, e a partir daí a história de um time pode mudar.

Na agenda da **NFL** o ano começa com o **Scouting Combine (1)** em Indianápolis. São sete dias de teste dos mais variados que analisam força, resistência, velocidade e raciocínio. Afinal de contas, as táticas usadas durante os jogos nada mais é do que pura lógica e raciocínio.

A liga de futebol americano universitário (**NCAA Football**) é uma grande peneira a qual vemos jogadores que se destacam ao longo da temporada e que podem ser grandes estrelas da **NFL**. É claro que para toda regra existe sempre uma exceção, como é o caso de Johnny Manziel. Ele foi o melhor **quarterback (4)** na Universidade do Texas e chegou com ao **Cleveland Browns** com muita expectativa em 2014. Hoje, enfrenta um dos piores pesadelos da sua história: está fora dos **Browns** e ainda, enfrenta problemas com o álcool e uma investigação de violência doméstica contra sua ex-namorada.

Falando do que realmente importa, o site oficial da **NFL** divulgou uma lista com os jogadores que farão seus testes ao longo dessa semana. Na posição de **quarterback (4)**, vou comentar pelo menos dois jogadores que merecem destaque.

Jared Goff, da universidade da Califórnia já foi comparado ao **Matt Ryan**, do **Atlanta Falcons**. Ele é o tipo de jogador de velocidade, com passes em profundidade e uma boa força no braço para passes longos. Um jogador alto, atlético e veloz tem boas chances de trabalhar esses potenciais e tornar-se um **quarterback (4)** diferenciado. Contudo, como todo ser humano, ele tem seus pontos fracos. Foi **sacado (5)** 81 vezes e sofreu 24 **fumbles (6)** em três anos. Além disso, ele é rápido em escapar do **pocket (7)**, mas ainda não consegue finalizar o passe enquanto foge da defesa e esse ponto é extremamente importante para um jogador na sua posição, afinal, ele enfrentará defesas experientes e ágeis.

Jared pode ser muito útil no **Dallas Cowboys**, **San Francisco 49ers**, **Philadelphia Eagles** ou **Cleveland Browns**.

Mais um destaque para a nova geração de **quarterbacks (4)** é o **Carson Wentz** de North Dakota State. Comentaristas da **NFL** já o compararam com **Cam Newton** e **Blake Bortles** pela sua maneira de jogar. Ele é aquele tipo de jogador que não fica preso no **pocket (7)**. Quando pressionado, ele consegue escapar tanto finalizando os lançamentos como avançando algumas jardas em suas corridas. Versatilidade é um ponto importante para um jogador, principalmente para os times que atualmente estão precisando muito de jogadores assim.

Pensando em times que precisam de **quarterbacks (4)** velozes como **Carson**, o **Houston Texans**, **Los Angeles Rams** e claro, os **49ers**, **Cowboys** e **Eagles** são times que podem estar na briga pelo garoto.

Isso foi só uma pequena amostra do que é o **Combine (1)**. Os testes são feitos para todas as posições e a lista de jogadores é grande. A nossa torcida é para que os melhores venham e que eles escrevam sua história na liga.

Texto 11 (Acesso em 09/05/2016):

<http://ligados32.com/calouros-que-podem-causar-impacto-em-2016/>

Calouros que podem causar impacto em 2016

9 de maio de 2016
Por: Paulo César

Mais do que em qualquer outro esporte americano, a classe de calouros na **NFL** representa a injeção de talento necessária em um time para alçar vôos maiores na pós-temporada, ou mesmo para recolocar uma franquia nos melhores caminhos através de uma forte classe

selecionada no recrutamento anual universitário. Jogadores selecionados nas duas rodadas que abrem o **Draft (1)** geralmente não perdem muito tempo e rapidamente são introduzidos na equipe titular, enquanto que a terceira rodada na maioria das vezes marca o início das escolhas em que – de forma natural – é necessário um pouco mais de paciência com o desenvolvimento do calouro, já que na maioria das vezes estes apresentam alguns problemas em seu estilo de jogo, o que os levaram a uma leve queda no **board** das equipes.

Não é o caso desta lista. A Liga dos 32 apresenta uma coleção com alguns nomes de jogadores selecionados nas partes intermediária e final do **Draft (1)** que deverão ter um bom impacto já na temporada de 2016, seja pela necessidade crônica do time em sua posição, o talento que salta aos olhos e encoraja os técnicos a colocarem o atleta ou mesmo a combinação de ambos os fatores.

C/OG Christian Westerman – Cincinnati Bengals

Selecionado na 5ª rodada (escolha #161) vindo de Arizona State

É difícil achar possíveis titulares imediatos para a linha ofensiva na quinta rodada, porém o Bengals, mais que qualquer outro time, se notabilizou nos últimos anos por encontrar jogadores de qualidade no setor e desenvolvê-los em titulares sólidos. Apesar de ter jogado toda a carreira universitária como **Guard (2)** em Arizona State, a boa técnica e agilidade que o jogador apresenta devem facilitar a transição para a posição de **Center (3)** entre os profissionais e, com o atual titular Russell Bodine jogando menos do que se espera para um atleta recrutado na primeira rodada, Westerman pode muito bem competir pela posição e ser o titular em 2016.

RB (4) Paul Perkins – New York Giants

Selecionado na 5ª rodada (escolha #149) vindo de UCLA

Perkins encontrará pela frente um conjunto de **RBs (4)** bastante extenso – Rashad Jennings, Shane Vereen e Andre Williams compõem a rotação da posição – mas que ao mesmo tempo não transmite confiança para o ataque aéreo comandado pelo **QB (5)** Eli Manning. O atleta terminou sua carreira universitária com 5.6 jardas de média por tentativa, quase 3500 jardas totais e 29 **TDs (6)**. Tamaña produção é oriunda de seu estilo de jogo, ao unir agilidade para escapar da linha ofensiva e explosão para conseguir várias jardas após a recepção com o mínimo de bloqueios disponíveis. Perkins deve naturalmente assumir o posto de principal **RB (4)** correndo com a bola, hoje pertencente a Jennings (de 31 anos), além de representar ameaça para o **RB (4)** Shane Vereen, geralmente utilizado como recebedor em situações de terceira descida.

LB Elandon Roberts – New England Patriots

Selecionado na 6ª rodada (escolha #214) vindo de Houston

Talvez a definição ideal da típica escolha do Patriots de Bill Belichick, o jogador foi titular em apenas uma temporada na carreira universitária, mas compilou ótimos números: 142 **tackles (7)** (19 para a perda de jardas) e 6.0 **sacks (8)**. Tal produção absurda num período curto o fez ser selecionado na sexta rodada, mas Roberts também é um dos melhores jogadores dos times especiais da classe, algo que o Patriots adora, já que o setor da equipe beira a perfeição e muitas vezes a atuação da unidade muda bruscamente os rumos de uma partida. Roberts deve começar a temporada como reserva de Jonathan Freeny na defesa, mas não se surpreenda caso ouça bastante o nome do calouro durante a temporada, seja no time de especialistas ou mesmo na unidade defensiva do Pats.

RB (4) Tyler Erving – Houston Texans

Selecionado na 4ª rodada (escolha #119) vindo de San Jose State

O Houston Texans remontou praticamente todo seu ataque após a humilhante derrota para o Kansas City Chiefs nos **Playoffs (8)** de **Wild Card (9)** na última temporada, e um jogador bastante interessante adicionado na unidade é Erving. Acredito que, ao menos no primeiro momento, o Texans abusará de passes curtos até o novo **QB (5)** Brock Osweiler se ambientar ao livro de jogadas e aos novos recebedores, o que abre bastante espaço para o talentoso **RB (4)**, ameaça eminente de pontuação a cada toque na bola, seja correndo, recebendo passes ou mesmo atuando nos times especiais em retornos de **punts (10)** e **kickoffs (11)**, já que deixou o programa de San Jose State como líder histórico em jardas totais. Ele não tem o protótipo de **RB (4)** para carregar sozinho um ataque terrestre, e nem precisará, com a presença de Lamar Miller e Alfred Blue, mas sua versatilidade e dinamismo devem ser imediatamente aproveitados pelo time de Bill O'Brien.

DT/DE Matthew Ioannidis – Washington Redskins

Selecionado na 5ª rodada (escolha #152) vindo de Temple

O Washington Redskins foi capaz de adicionar jogadores talentosos nos três níveis de defesa no **Draft (1)**, mas especialmente a escolha de Ioannidis foi muito interessante, já que o atleta chega para reforçar um setor bastante prejudicado por saídas durante a última intertemporada, seja pela **Free Agency (12)** ou mesmo a aposentadoria de jogadores importantes na linha defensiva do atual campeão da **NFC Leste**. Mesmo que precise ganhar um pouco mais de peso para ser um **DL** de impacto na **NFL**, deverá competir com Stephen Paea e Chris Baker pela titularidade na posição de **DE** na defesa 3-4 do Redskins. A falta de jogadores na posição e o talento de Ioannidis para o combate ao jogo corrido – algo que a equipe sofreu para marcar em 2015 – devem o fazer entrar em campo rapidamente.

WR (13) Daniel Braverman – Chicago Bears

Selecionado na 7ª rodada (escolha 230) vindo de Western Michigan

É verdade que o atleta chega em uma equipe que já conta com Alshon Jeffery, Kevin White e Eddie Royal como os três principais WRs (13) do elenco, mas se contarmos que Jeffery e White sofreram com lesões durante a última temporada e que Royal não é dos mais resilientes, Braverman pode ter bastante espaço ao longo da temporada. Especializado como WR (13) no Slot (14), atuando na “zona suja” do tempo, ele foi bastante produtivo em sua carreira universitária ao combinar boa habilidade para cumprir as rotas decentemente e velocidade para vencer a marcação verticalmente. Prova disso são seus 19 TDs (6) de recepção nas duas últimas temporadas e sua grande atuação contra Ohio State em 2015, quando conseguiu 10 recepções para 123 jardas e um TD (6) contra a poderosa defesa do Buckeyes.

CB (15) Kaalan Reed – Tennessee Titans

Selecionado na 7ª rodada (escolha #253) vindo de Southern Miss

O “Sr. Irrelevante” (último jogador recrutado) da classe de 2015 não tem nada de irrelevante. Nem mesmo o bom Pro-day do atleta – evidenciado pela marca de 4.49 segundos no tiro de 40 jardas – foram suficientes para atrair a atenção dos times para si, até que o Titans o selecionou na última escolha. Ele teve sua melhor temporada em 2015, com quatro interceptações e incríveis 17 passes desviados durante a campanha, em que alternou snaps (16) alinhando em todas as posições de um Cornerback (15), demonstrando grande versatilidade. O Titans padece de um atleta na secundária com instintos e habilidade para defender um passe como Reed, o que combinado com sua boa capacidade de combate ao jogo corrido pode introduzi-lo rapidamente na rotação titular.

WR (13) Kolby Listenbee – Buffalo Bills

Selecionado na sexta rodada (escolha #192) vindo de TCU

O Bills tem jogadores jovens e talentosos na posição, mas que simplesmente não conseguem ficar saudáveis por 16 partidas, e no qual somente o WR (13) Sammy Watkins conseguiu algum tipo de entrosamento com o QB (5) Tyrod Taylor nas duas últimas temporadas, ou seja, é correto afirmar que a posição de WR (13) titular oposto a Watkins está aberta. Listenbee finalizou sua carreira universitária com quatro seleções para o time All-American nos 100 metros rasos, o que só demonstra o quão perigoso é o WR (13) nas rotas em profundidade. Mesmo que ainda precise trabalhar um pouco as rotas no meio do campo, é uma aposta totalmente válida, já que o atleta brilhou no ataque vertical de TCU e que com certeza receberá atenção especial de Taylor nos passes longos, algo que o QB (5) do Bills se notabilizou por fazer com bastante eficiência, especialmente na última temporada.

ANEXO B - Textos traduzidos

Texto 1:

Através dos Olhos de um jogador que posiciona-se atrás do jogador central e dele recebe o passe para trás que inicia a jogada, responsável por selecionar, repassar aos companheiros e comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao jogador que irá correr em jogadas terrestres: O Que os Tornam Excelentes Jogadores?

Por: Travis Brody

Figura lendária e ex-gerente geral do Colts e do Rams, Don Klosterman, não poderia ter se expressado melhor quando ele disse ao ex-gerente geral do Giants, Ernie Accorsi, "Não avalie um jogador que posiciona-se atrás do jogador central e dele recebe o passe para trás que inicia a jogada, responsável por selecionar, repassar aos companheiros e comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao jogador que irá correr em jogadas terrestres do jeito que você avalia as outras 21 posições. Eles estão jogando um esporte diferente. Com um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor, são as coisas que você não pode colocar no papel que fazem toda a diferença".

A função do jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor é única, considerando não apenas o futebol americano, mas todos os esportes. Isso requer um conjunto de habilidades físicas diferente de qualquer outra e, acima de tudo, requer uma disposição específica que é rara de se encontrar e difícil de quantificar. Como Klosterman disse, "são as coisas que você não pode colocar no papel que fazem toda a diferença". Então quais são essas qualidades que você não pode colocar no papel?

Vamos começar com um requisito que talvez seja um dos mais mensuráveis. Durante todos os anos em que eu estive jogando, treinando ou envolvido com o futebol americano, eu nunca conheci um jogador responsável por comandar as

jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor que não fosse inteligente. Eu encontrei ou treinei alguns jogadores que não tinham as melhores notas na escola, entretanto feitos acadêmicos não são necessariamente os melhores indicadores da inteligência de uma pessoa. Jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também os principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor precisam ter a capacidade mental de compreender todo o esquema do ataque, bem como da defesa adversária. Eles precisam saber as atribuições de cada jogador ofensivo, em todas as jogadas e ler a formação da defesa para identificar os pontos fortes e fracos. Enquanto isso, o jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor tem que cumprir a sua missão com perfeição para que as jogadas sejam executadas com sucesso – seja na execução de uma entrega da bola nas mãos do jogador que irá correr com ela ou do lançamento da bola. A coisa mais próxima que a liga nacional estadunidense de futebol americano tem para medir a inteligência é algo chamado *Wonderlic Cognitive Ability Test*. Todo ano, antes da seleção de jogadores novatos ingressantes na liga estadunidense de futebol americano mediante um sorteio onde times com piores campanhas na última temporada possuem maiores chances de obterem as primeiras escolhas, os possíveis futuros jogadores da liga nacional estadunidense de futebol americano passam por este teste – são 12 minutos para responder 50 questões que avaliam a aptidão de um jogador para a aprendizagem e resolução de problemas. A média da pontuação dentre os jogadores da liga nacional estadunidense de futebol americano neste teste é 20, enquanto os jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também os principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor têm uma média de 24 pontos. Entretanto, alguns jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também os principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor conseguiram uma pontuação muito maior do que a média, incluindo Alex Smith (40), Eli Manning (39), Colin Kaepernick (38), Matt Stafford (38), Andrew Luck (37), Tony Romo (37), Aaron Rodgers (35) e Tom Brady (33). Os 20 melhores jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também os principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor da liga nacional

estadunidense de futebol americano em 2014 (considerando a estatística que mede a eficiência do passador a partir de uma fórmula que considera o número de passes tentados, o número de passes completados, quantidade de interceptações, quantas vezes completou um passe direto para a zona final do campo para conquistar 6 pontos e o número total de jardas aéreas) fizeram pelo menos 25 pontos no teste. Um titular da posição de jogador titular responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor – Ryan Fitzpatrick do Texans Houston – tem a terceira melhor pontuação de todos os tempos, marcando 48 pontos no teste. É legítimo dizer que a inteligência é o principal fator contribuinte de um bom jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor.

Além disso, existem qualidades que não são simplesmente medidas em testes: caráter, liderança, confiança suprema, atitude positiva, firmeza e determinação. O jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor precisa ser o líder da sua equipe em todos os momentos, ele precisa assumir a responsabilidade das derrotas e, ainda, compartilhar a responsabilidade das vitórias e ser o jogador mais comprometido com a equipe. Se ele sofre uma pancada forte, ele precisa se recuperar. Se ele está machucado, ele precisa aguentar e seguir em frente. Ele precisa acreditar que a equipe pode vencer em qualquer dia e difundir essa visão dentre todos. Todas estas qualidades se resumem a uma coisa: os seus companheiros de equipe tem que acreditar em você.

Do ponto de vista físico, a precisão é, de longe, o atributo mais importante – atributo que ainda é subestimado. Muitos olheiros e gerentes gerais da liga nacional estadunidense de futebol americano cometeram, no passado, o erro de avaliar o jogador mais pela sua aparência física do que pela sua habilidade de jogar nesta posição. Tim Tebow, um jogador que tinha todos os outros atributos intangíveis de um ótimo jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor, simplesmente não tinha a precisão no nível necessário para jogar nesta posição na liga nacional estadunidense de futebol americano. Por outro lado, jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor como Drew Brees e Michael Vick têm sido

capazes de superar as limitações físicas de tamanho (ambos com cerca de 1.82m) devido a uma excepcional precisão.

O próximo fator físico mais importante para um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor é a capacidade de leitura no campo. O jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor precisa ler a cobertura da defesa antes do passe para trás da linha divisória imaginária que corta o campo onde a bola é posicionada, que dá início a jogada, estar atentamente antecipado a pressão exercida pela defesa no jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal, a fim de derrubá-lo ou obrigá-lo a fazer um passe às pressas e trabalhar sua progressão para encontrar o seu recebedor livre. Esta é a maior adaptação para a maioria dos jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor na transição do campeonato universitário para o nível profissional, e a maioria falha. No nível do campeonato universitário, o jogo é um pouco mais devagar, os recebedores frequentemente são mais talentosos do que os jogadores de defesa que se posicionam na linha secundária de defesa, afastados da linha divisória imaginária que corta o campo onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada e são os responsáveis por impedir as jogadas dos recebedores ou as jogadas de corridas longas que atravessem a linha primária de defesa, além de os sistemas ofensivos e defensivos serem menos complexos. Jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor com nível atlético superior geralmente dominam neste nível, enquanto que a diferença de talentos no nível profissional é mínima, na melhor das hipóteses. Os jogadores de defesa que se posicionam na linha secundária de defesa, afastados da linha divisória imaginária que corta o campo onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada e são os responsáveis por impedir as jogadas dos recebedores ou as jogadas de corridas longas que atravessem a linha primária de defesa, cobrem melhor os recebedores, o que significa que existe uma janela menor de possibilidades para lançar a bola, o jogo se move muito mais rápido, mais forte e mais atlético. Um grande exemplo de jogador que tinha todas as qualidades de um bom jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe,

sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor, mas simplesmente não conseguiu fazer essa transição é Matt Leinart, ex- jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor do Cardinals, Texans e Raiders. Leinart se destacou no campeonato universitário na USC, vencendo dois campeonatos nacionais enquanto jogava para o Pete Carroll em uma das equipes de campeonato universitário mais talentosas já montadas. No entanto, na liga nacional estadunidense de futebol americano, ele simplesmente não conseguiu se adaptar à velocidade do jogo e tinha grandes dificuldades para achar um jogador livre. Sua precisão e capacidade de liderança só poderiam leva-lo até certo ponto e, então, sua carreira fracassou depois de apenas alguns anos na liga. Jogadores como Tom Brady e Peyton Manning são simplesmente os melhores nisto – trabalham suas progressões até encontrar o recebedor livre. Este é um dos atributos que separam os bons dos melhores jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor.

Trabalho de perna é outro atributo que pode separar os grandes jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor dos demais. Drew Brees têm uma excelente habilidade com o trabalho de pernas, o que dá mais opções a ele na área de proteção ao passador atrás do ponto de início da jogada, delimitada por uma “parede” de bloqueadores da linha de defesa em forma de U, proporcionando tempo para que o passador tome a decisão adequada, do que para a maioria dos jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor. Os ex- jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor Drew Bledsoe e Ryan Leaf (ambos, coincidentemente, da Washington State) eram conhecidos pelo trabalho de pernas ruim que tinham. Isso atrapalhou ambos os jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor em diferentes graus e diferentes pontos de suas carreiras.

A força do braço é também um fator significativo, mas não é o mais importante. Jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe,

sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor como Peyton Manning e Alex Smith são muito bem sucedidos apesar da mediana força no braço, enquanto Jay Cutler e Matthew Stafford têm um sucesso modesto apesar de terem uma força fenomenal no braço. Bons jogadores conseguem superar isso com uma mecânica consistente, um bom trabalho de perna e rotação do quadril. Pode até ser um recurso valioso, mas a falta de força no braço é certamente algo que pode ser superado.

O tamanho e a altura de um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor são importantes, mas um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor pode ser muito baixo ou muito alto, muito pesado ou muito leve. Quase todos os jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor, na liga nacional estadunidense de futebol americano, têm entre 1.82m-1.98m e 94kg-111kg. Se um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor se enquadra dentro desses limites, ele tem, fisicamente, o tamanho certo para jogar na liga nacional estadunidense de futebol americano. Ser pequeno demais dificulta enxergar sobre a sua linha ofensiva, mas também ser muito alto te faz ser mais esguio e menos ágil. Ser muito leve pode limitar a sua força e durabilidade física, e ser muito pesado pode torna-lo menos móvel. Cada uma dessas medidas pode ser superada, no entanto o jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor de tamanho atípico provavelmente precisa compensar de alguma outra forma, por exemplo, a força do braço, trabalhos de pernas, etc.

Por último, ter a capacidade de executar corridas, e nesse caso temos um impasse. Em curto prazo é extremamente valioso e uma incrível arma para ter em seu arsenal, mas se executado com muita frequência há grande risco de lesão. Normalmente, o jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor é o seu jogador mais importante, então chamar jogadas de corrida com ele ou força-lo a fazer constantemente uma saída da área de proteção ao passador atrás do ponto de

início da jogada, delimitada por uma “parede” de bloqueadores da linha de defesa em forma de U, para evitar que seja derrubado antes da linha divisória imaginária que corta o campo onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada ou para dar tempo aos recebedores de se livrarem dos marcadores e ter mais chance de completar o passe é como brincar com fogo – eventualmente você vai se queimar.

Apesar de todos esses atributos físicos, os atributos mentais de um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor ainda superam esses fatores. Se havia alguma dúvida sobre isso, basta considerar os seguintes jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor e suas respectivas carreiras: Tom Brady, Peyton Manning, Jay Cutler e Michael Vick. Pode-se arriscar dizer que Cutler e Vick são os jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor mais talentosos na liga. No entanto, eles não fizeram nenhuma participação em jogos da grande final da liga nacional estadunidense de futebol americano e têm apenas 5 participações na segunda fase do campeonato, em que os times se enfrentam em jogos únicos e eliminatórios (sendo apenas *uma* do Cutler). Brady e Manning têm, juntos, 8 participações em jogos da grande final da liga nacional estadunidense de futebol americano (incluindo 3 vitórias do Brady e 1 do Manning) e 26 na segunda fase do campeonato, em que os times se enfrentam em jogos únicos e eliminatórios. Por que Manning e Brady têm mais sucesso do que Cutler e Vick? Uma palavra: caráter. Seus companheiros de equipe acreditam neles, olham para eles e sabem que eles sempre vão lutar por cada jogo. Nos momentos decisivos dos jogos, eles confiam em seus jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor para resolver essa situação. Por outro lado, Cutler tem uma reputação de ser mesquinho e de fazer decisões ruins no campo e, muitas vezes, lhe falta entusiasmo. Enquanto Vick foi criticado, por muitos anos, pela sua falta de compromisso, falta de disciplina e arrogância. Estes fatores têm separado Brady e Manning de Vick e Cutler, apesar da capacidade atlética superior destes últimos.

Quando qualquer jogador consegue chegar à liga nacional estadunidense de futebol americano, é claro que eles possuem atributos físicos para isso. No entanto, quando se trata de um jogador responsável por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao corredor são os atributos intangíveis que fazem a grande diferença e separam os melhores jogadores dos medianos. Os melhores jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores que já jogaram não necessariamente eram os mais talentosos – é o caráter que os diferenciam.

Esperamos que este artigo tenha ajudado a melhorar a sua compreensão do valor da posição de jogadores responsáveis por comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principais passadores e aqueles que entregam a bola ao corredor. Você tem algo que gostaria de acrescentar ao texto? Como comparar com a sua opinião? Conte para gente na seção de comentários abaixo.

Texto 2:

Saiba quais são as 19 propostas de mudanças de regra para 2016 na liga nacional estadunidense de futebol americano

[Antony Curti](#)

Uma das coisas que mais me atraem no futebol americano e na liga nacional estadunidense de futebol americano é o fato da liga saber que o esporte é algo dinâmico, sempre mudando e sendo mudado pelas inovações – sejam tecnológicas ou não. A resposta da liga nacional estadunidense de futebol americano para tornar o futebol americano o mais comercializável o possível são constantes mudanças nas regras do jogo.

O Encontro Anual de Donos de Franquias ocorre no início desta semana em Boca Raton, Flórida. 19 propostas de mudança de regras de jogo foram enviadas pelas franquias e pelo Comitê de Competitividade da liga. Uma delas foi tratada por mim neste artigo – a previsão de expulsão de jogadores após duas faltas por conduta anti-desportiva. Mas as outras 18 são igualmente importantes. Vejamos, da maneira mais didática o possível, quais são e quem as propôs – lembrando que as regras que visam a segurança dos jogadores e aquelas propostas pelo Comitê de Competitividade têm chance maior de serem aprovadas.

1. Pelo Comitê de Competitividade; Permanentemente move a linha divisória imaginária que corta o campo separando a linha de frente da equipe atacante da equipe defensora, sendo o ponto onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada, em situações de jogada de ponto extra, que ocorrem após a conversão de uma jogada de seis pontos, podendo o time atacante realizar um chute entre as traves para 1 ponto extra, ou alcançar a linha final de campo para 2 pontos extras, para a linha de 15 jardas e permite que a defesa possa retornar eventuais tentativas erradas – a regra era provisória para ano passado e deve ser aprovada neste ano de modo permanente.
2. Pelo Comitê de Competitividade; Permite aos técnicos que chamam jogadas a comunicação com jogadores através do ponto eletrônico, **estando eles na região lateral do campo designada para a comissão técnica e o restante da equipe ou na cabine de técnicos** (localizada na arquibancada).
3. Pelo Comitê de Competitividade; Torna ilegal qualquer (bloqueio abaixo da cintura realizado por um jogador em outro que já estava sendo engajado por um bloqueador) ilegal. Esta é uma regra que já deveria ter sido aprovada há anos. O bloqueio abaixo da cintura realizado por um jogador em outro que já estava sendo engajado por um bloqueador, para um jogador de linha defensiva, é o equivalente ao engajamento de um defensor com a coroa do capacete num recebedor indefeso.
4. Pelo Comitê de Competitividade; Desqualifica da partida um jogador que cometer duas faltas por conduta anti-desportiva.
5. Pelo Comitê de Competitividade; Muda o local da linha divisória imaginária que corta o campo separando a linha de frente da equipe atacante da equipe defensora, sendo o ponto onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada, em casos da primeira de quatro tentativas que um time possui para percorrer 10 jardas ou mais, seja pelo solo ou por passe, (se atingido o objetivo, o time recebe mais 4 descidas, do contrário, a posse de bola é transferida ao time adversário) após as situações em que os chutes de reposição de bola do time que irá defender, para o time que irá atacar, terem tocado ou atravessado a zona final de campo oposta, em chutes sem a necessidade do passe inicial para trás da linha de posicionamento da bola, ou seja, chutes iniciais de jogo, chutes de reposição após uma pontuação ou chutes realizados como opção segura de reposição de bola para o time adversário após a pontuação de 2 pontos do time defensivo, em que o jogador da equipe ofensiva é derrubado na zona final atrás da linha divisória imaginária que corta o campo separando a linha de frente da equipe atacante da equipe defensora, (sendo o ponto onde a bola é posicionada para dar o passe que inicia a jogada), de 20 jardas do campo defensivo para 25 jardas – clara regra que visa atenuar a maior eficiência dos jogadores responsáveis pelos chutes em conseguir que a bola toque, ou atravesse a zona final do campo em chutes de reposição após a mudança do local da bola para chutes iniciais de jogo ou de reposição após uma pontuação (regra esta cujo escopo era coibir concussões, mais comuns em retornos).

6. Por Baltimore; Emenda à Regra 5, Seção 3, Artigos 1 e 2. Faz obrigatório que jogadores estejam usando números de camisa apropriados às suas posições em campo – regra que visa acabar com a polêmica de elegibilidade para jogadores de linha ofensiva apenas via sinalização. Os Ravens, lembrando, “sofreram” com a regra atual contra os Patriots na pós-temporada de 2014.
7. Por Baltimore; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigos 1, 4 e 5. Faz possível que os técnicos tenham três desafios por partida e expande o arcabouço de jogadas objeto de desafios – atualmente são dois por partida.
8. Por Buffalo; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigos 1, 4 e 5. Faz possível que qualquer marcação de campo – sem contar faltas – por parte da arbitragem seja objeto de desafio – com exceção a pontuações e trocas de posse de bola, em que um time perde a posse por sofrer uma intercepção de passe, ou por um jogador soltar a bola no chão antes de a jogada ser finalizada, e ela ser recuperada pela equipe adversária, já que estes são automaticamente revisáveis.
9. Por Carolina; Emenda à Regra 8, Seção 2, Artigo 1: Expandir a definição de exceção a tentativa do passador de se livrar da bola atirando-a para fora do campo ou jogando-a no chão sem uma real chance de completar um passe, a fim de evitar que seja derrubado por um defensor atrás da linha divisória imaginária, ponto onde a bola é posicionada para dar início a jogada, de modo a eliminar o pressuposto que haja um recebedor na área do passe ou que a bola seja recepcionável.
10. Por Kansas City; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1 (metade da distância). Adicionar as jardas de punição àquelas necessárias a primeira descida, ou seja, primeira de quatro tentativas que um time possui para percorrer 10 jardas ou mais, seja pelo solo ou por passe (se atingido o objetivo, o time recebe mais 4 descidas, do contrário, a posse de bola é transferida ao time adversário).
11. Por Kansas City; Emenda à Regra 8, Seção 1, Artigo 2 ([Regra Peyton Manning](#)): Proibir que um jogador que posiciona-se atrás do jogador central e dele recebe o passe para trás que inicia a jogada, responsável por selecionar, repassar aos companheiros e comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o principal passador e aquele que entrega a bola ao jogador que irá correr em jogadas terrestres, caia no chão, levante e realize um passe para frente.
12. Por Minnesota; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1. Elimina a necessidade de um técnico ter de ser bem sucedido nos dois primeiros desafios para ganhar um terceiro extra.
13. Por Washington; Emenda à Regra 16, Seção 1, Artigos 1, 4, 6 e 7. Elimina a necessidade de prorrogação em jogos de pré-temporada.
14. Por Washington; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 4. Possibilita que faltas pessoais sejam objeto de desafio dos técnicos.
15. Por Washington; Emenda à Regra 15, Seção 2, Artigo 1. Elimina a necessidade de um técnico ter de ser bem sucedido nos dois primeiros desafios para ganhar um terceiro extra (mesma proposta de Minnesota, acima).
16. Pelo Comitê de Competitividade; Expande os casos nos quais a arbitragem pode marcar *horse collar rule* (regra de movimento de enfrentamento do adversário com o objetivo de derrubá-lo pelo colarinho). Se o jogador engajar no movimento de

enfrentamento do adversário com o objetivo de derrubá-lo ao segurar a camisa na altura do nome na camisa de jogo, será punido pela regra.

17. Pelo Comitê de Competitividade; Marcar-se-á falta por atraso de jogo quando um time tentar chamar tempo quando não é permitido fazê-lo.
18. Pelo Comitê de Competitividade; Elimina a falta de 5 jardas quando um recebedor sai de campo e toca um passe para frente na volta – faz com que a falta seja perda da descida, uma das 4 tentativas de percorrer 10 jardas durante o ataque.
19. Pelo Comitê de Competitividade; Elimina múltiplos posicionamentos da bola na aplicação de dupla falta após troca de posse de bola.

Outras propostas de mudanças de regras, mas daquelas estruturais

Além de regras sobre o jogo em si (ou seja, do que acontece dentro de campo), outras dez mudanças de regras foram propostas. Elas tangem a aspectos estruturais do jogo. Por exemplo, Arizona propôs que a lista de jogadores ativos para uma partida suba de 46 para 48. Washington propôs que haja um dia a menos de corte na pré-temporada (o de 75 jogadores), permitindo que os elencos continuem sendo avaliados até os cortes para 53 em setembro.

Algumas são relativas ao processo de seleção de jogadores novatos ingressantes na liga estadunidense de futebol americano mediante um sorteio onde times com piores campanhas na última temporada possuem maiores chances de obterem as primeiras escolhas. Por exemplo a oitava proposta, via Comitê de Competitividade, a qual sugere que as conferências da FCS (na prática, segunda divisão do campeonato universitário) tenham um dia de exposição de jogadores com expectativa de serem escolhidos por times da liga estadunidense de futebol americano, por meio de exercícios, entrevistas e atividades em campo, para todas suas escolas – de modo a centralizar o processo, dado que existem menos prospectos em escolas da segunda divisão do campeonato universitário.

ANEXO C - Tabela 3: Número de ocorrências de empréstimos no corpus do trabalho

Texto	Principais empréstimos – número de ocorrências	Outros empréstimos
<u>T1</u>	<u>1 – Quarterback – 40x</u> 2 – handoff – 1x 3 – Draft – 1x 4 – snap – 1x 5 – pass rush – 1x 6 – college – 4x <u>7 – defensive back – 2x</u> 8 – pocket – 1x 9 – scramble – 1x <u>10 – Super Bowls – 2x</u> <u>11 – playoffs – 2x</u>	<u>12 – NFL – 10x</u> 13 – Wonderlic Cognitive Ability Test – 1x 14 – passer rating – 1x
<u>T2</u>	<u>1 – tackle – 4x</u> <u>2 – quarterback – 4x</u> <u>3 – footwork – 2x</u> 4 – dropback – 1x 5 – pocket – 1x 6 – linemen – 3x <u>7 – Defensive Back – 3x</u> 8 – backpedal – 1x <u>9 – field goal – 1x</u> 10 – punt – 1x 11 – skill – 1x 12 – runningbacks - 1x 13 – linebackers – 1x	<u>14 – NFL – 2x</u> 15 – pounds – 3x 16 – senior – 1x
T3	1- touchback – 1x 2 – kickoffs – 2x 3 – extra-points – 1x 4 – chop blocks – 1x 5 – timeout – 1x 6 – delay of game – 1x	7 – NFL – 2x
<u>T4</u>	<u>1 – scrimmage – 2x</u> 2 – extra-points – 1x 3 – sideline – 1x 4 – chop block – 2x <u>5 – first down – 2x + 1x</u> 6 – touchbacks – 2x 7 – free kicks – 1x 8 – kickoffs – 2x 9 – punt – 1x 10 – safety – 1x 11 – kickers – 1x 12 – turnovers - 1x 13 – intentional grounding – 1x <u>14 – quarterback – 1x</u> 15 – horse collar rule (tackle pelo colarinho) – 1x <u>16 – tackle – 1 + 1 x</u> 17 – Jersey – 1x 18 – delay of game - 1x 19 – Draft – 1x 20 – College – 1x 21 – pro-day – 1x	<u>22 – NFL – 3x</u> 23 – Peyton Manning Rule

T5	1 – MVP – 2x 2 – Super Bowl – 5x 3 – linebacker – 2x 4 – tackles – 1x 5 – sacks – 2x 6 – fumbles – 7x 7 – hits – 1x 8 – turnovers – 2x 9 – red zone – 1x 10 – field goal – 4x 11 – touchdown – 2x 12 – defensive end - 1x 13 – end zone – 2x 14 – drive – 1x 15 – punts – 2x 16 – kicker – 1x 17 – safety – 1x 18 – running back - 1x 19 – quarterback – 1x	20 – NFL – 1x
T6	1 – MVP – 2x 2 – Super Bowl – 3x 3 – tackles – 1x 4 – sacks – 1x 5 – fumbles – 1x 6 – draft – 1x 7 – quarterback – 1x 8 – linebacker – 2x	9 – NFL – 1x
T7	1 – Super Bowl – 2x 2 – quarterback – 2x 3 – fumble – 1x 4 – touchdown – 1x 5 – playoffs – 1x 6 – draftado – 1x	7 – NFL – 2x 8 – AFC – 1x
T8	1 – Super Bowl – 5x 2 – draft / draftado – 3/2x 3 – linebackers – 1x 4 – cornerback – 1x 5 – rookie – 1x 6 – free agent – 1x 7 – MVP – 1x	8 – NFL – 3x 9 – NFC – 1x
T9	1 – cornerback – 4x 2 – Super Bowl – 3x 3 – tackels – 2x 4 – draftado – 2x 5 – playoffs – 1x	6 – NFL – 5x 7 – AFC – 1x 8 – Pro Bowl – 2x 9 – Media Day – 1x
T10	1 – Scouting Combine / Combine – 2/2x 2 – College – 1x 3 – draft – 1x 4 – quarterback – 5x 5 – sacado – 1x 6 – fumbles – 1x 7 – pocket – 2x	8 – NFL – 4x 9 – NCAA Football – 1x
T11	1 – Draft - 3x 2 – Guard – 1x 3 – Center – 1x 4 – RB – 7x 5 – QB – 4x 6 – TD – 3x 7 – tackles – 1x	17 – NFL – 2x 18 – board – 1x 19 – NFC – 1x 20 – Pro – day 21 – All-American

	8 – playoffs – 1x 9 – Wild Card – 1x 10 – punts – 1x 11 – kickoffs – 1x 12 – Free Agency – 1x 13 – WR – 7x 14 – slot – 1x 15 – CB / cornerback – 1/1x 16 – snaps – 1x	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

ANEXO D – QUESTIONÁRIO

Para selecionar as alternativas desejadas, basta inserir um X no espaço em branco entre parênteses.

Questões sobre a recepção dos textos "Através dos Olhos de um jogador que posiciona-se atrás do jogador central e dele recebe o passe para trás que inicia a jogada, responsável por selecionar, repassar aos companheiros e comandar as jogadas ofensivas da equipe, sendo também o passador principal e aquele que entrega a bola ao jogador que irá correr em jogadas terrestres: O Que os Tornam Excelentes Jogadores?" e "Saiba quais são as 19 propostas de mudanças de regra para 2016 na liga nacional estadunidense de futebol americano"

1 - Ao ler esses textos, você os classifica como (você pode marcar mais de uma alternativa)

- (3X) cansativo;
- (3X) repetitivo;
- (2X) redundante;
- (1X) de fácil compreensão;
- () de difícil compreensão;
- (1X) confuso;
- () divertido;
- (1X) fácil de ler;
- () objetivo e claro.

2 - Você foi capaz de identificar os termos técnicos do esporte através das explicações dessa terminologia ao longo do texto?

- (4X) Sim
- () Não

(Caso sim, quais termos foram identificados):

Resposta participante 1: Quarterback, Center, Running Back, Snap, Footwork, Linha Ofensiva (OL), Pocket, NFL, Draft, Linha de Scrimmage, Linha Defensiva (DL), Touchdown, bloquear, firstdown, kickoff, Punt, kickers, fumble, turnover, intetional grounding, tackle, Combine;

Resposta participante 2: QB (principalmente), CB, Scrimmage, linha defensiva, linha ofensiva, RB, Center, Head Coach,

Resposta participante 3: Footwork,quarterback,clipar

Resposta participante 4: Quarterback, snap, Center, footwork, Running Back, passing rate, scrimmage, etc.

3 - Você prefere esse texto com (marque apenas uma alternativa):

- () a explicação integral da terminologia
- (4X) somente com a terminologia técnica, em inglês, sem explicações

4 - Em relação ao futebol americano, você é (marque apenas uma alternativa):

- (1X) treinador
- () preparador físico
- (1X) fã do esporte (não sou técnico nem jogador)
- (2X) jogador de alguma equipe

5 - Na sua opinião, o uso dos termos técnicos sobre o esporte (você pode marcar quantas alternativas desejar):

- (2x) facilita a compreensão da ideia do texto
- (4x) torna a leitura do texto mais ágil
- (3x) faz parte do cotidiano de fãs, jogadores e treinadores e portanto são do conhecimento de todos
- (1x) mostra que o autor do texto compreende e respeita quem faz parte da área esportiva, neste caso.

6 –Em no máximo três linhas, faça quaisquer comentários e/ou sugestões para o texto, expondo a forma como você acredita que o assunto deveria ser tratado e a linguagem que deveria ser utilizada.

Resposta participante 1: Aqui no Brasil, pela crescente prática do esporte, alguns termos já foram abrigados, como por exemplo: clicar (seria engajar o bloqueio no adversário sem deixar o mesmo escapar, pinçando o shoulder pad (ombreiras) do adversário). As regras no Brasil já foram traduzidas, e isto facilita muito para quem começou a acompanhar o esporte a pouco tempo, mas existem termos que realmente fica difícil de traduzir de fato e se torna cansativo, como ter que descrever a ação do atleta para que o leigo saiba do que está posição se falando. Isso torna a leitura chata e cansativa.

Resposta participante 2: Pelo amor de Deus, o primeiro texto é extremamente repetitivo, cansa e desrespeita a inteligência do leitor, principalmente se este já tem um conhecimento básico sobre os termos do jogo. Muitas palavras poderiam ter sido economizadas se tivessem sido utilizados os termos técnicos, após a primeira explanação da função de cada posição.

Resposta participante 3: Acredito que muitos termos técnicos não podem ser traduzidos, mas de certa forma a explicação de alguns termos podem ser resumidos, de uma forma que o leitor compreenda sem que tenha que explicar novamente o que seria ou a função de cada termo técnico traduzido.

Resposta participante 4: Hoje, pode-se usar tranquilamente os termos técnicos aos amantes e praticantes do esporte. O texto usa de forma repetida a descrição da posição ou situação, o que torna até para leigos, cansativo.